

Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Departamento de Ciências Sociais - DCSO
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS

**Perspectiva de Movimentação: emigração valadareense e
metáforas espaciais**

Fabio Stabelini

São Carlos, 2013

Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Departamento de Ciências Sociais - DCSo
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS

**Perspectiva de Movimentação: emigração valadarense e
metáforas espaciais**

Fabio Stabelini

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Antropologia Social como
requisito para obtenção do título
de mestre em antropologia
social.

Orientador: Prof. Dr. Igor José de Renó Machado
Agência Financiadora: FAPESP

São Carlos, 2013

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S775p Stabelini, Fabio
Perspectiva de movimentação : emigração valadarenses e metáforas espaciais / Fabio Stabelini. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
116 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

1. Governador Valadares. 2. Migração. 3. Espaço. 4. Casa. 5. Parentesco. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas.coordenacao@ufscar.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Fabio Stabelini

22/03/2013

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna
Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomas
Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP

Submetida à defesa em sessão pública
Realizada às 09:00h no dia 22/03/2013.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado
Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna
Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomas

Homologado na CPG-PPGAS na
_____ª Reunião no dia ___/___/_____.

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado
Coordenador do PPGAS

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família rio-clarense que apoiou a iniciativa desde o primeiro momento. Minha mãe, Eide, e minha irmã, Ana Maria, além dos dois casais de avós, contribuíram de maneira decisiva para que esse trabalho fosse realizado. Agradeço à minha família são-carlense que proporcionou momentos de alegria e tranqüilidade que, sem esses, certamente a motivação para a realização desse mestrado seria menor. Aos irmãos Álvaro Brolo, André Luís Coelho Garcia, Eduardo Henrique Capelli Belezini, Lucas Rodrigo da Silva, Olavo Reis, Tássia Eid Nogueira Mendes, Ulisses Ponte, Vitor Santos Elias e William Soldera, meus agradecimentos. Também aos amigos Amanda Fernandes Guerreiro, Arthur Fausto, Gabriel Bertolo, João Augusto Barreira e Oliveira, Julio Palmieri, Carlos Eduardo Costa e Pedro Paulo de Oliveira Mello. Agradeço particularmente ao amigo Lucas Caritá que, sempre interessado nas questões levantadas por esses trabalho, contribuiu com sua leitura e com os desenhos revelados no texto. Agradeço à Bruna Potechí, pelo carinho e paciência. Ao orientador dessa proposta, Igor José de Renó Machado, por todos os seus apontamentos e também pela confiança e liberdade, pelo modo como conduziu essa pesquisa. Agradeço à CAPES e à FAPESP, que financiaram minha intenção. Previamente, deixo meus agradecimentos à banca examinadora dessa dissertação. Por fim, agradeço principalmente à população valadarense, receptiva e contagiante, que me acolheu em todas as intervenções etnográficas. Obrigado.

Resumo

Essa pesquisa é uma reunião de *linhas* de significado para a consolidação de uma antropologia da cidade de Governador Valadares/MG, centro emigratório brasileiro. O recorte principal é a população emigrante da cidade que experimentou projetos de emigração-para-o-retorno. A proposta é a de um estudo mais detalhado sobre as construções/habitações desses emigrantes retornados ou em vias de retorno. Por essa via, a etnografia tendeu então para as dinâmicas periféricas, pela produção do parentesco e pela perspectiva de habitar a nova residência. Entretanto, mesmo em seu processo histórico e em suas características geográficas, identifiquei uma valorização da idéia de movimentação, física e social. Dessa forma, pretendo dar voz ao espaço com o qual os valadarenses pensam suas vidas. Algumas dessas *linhas* significativas estarão reunidas em uma reflexão sobre o feijão tropeiro, opção recorrente na praça alimentícia da cidade, tanto no centro como também na periferia. Para estabelecer uma lógica mais específica, foi necessário relativizar o conceito de identidade, como ferramenta para compreender as dinâmicas das populações em movimento. A *perspectiva de movimentação* é a superfície para a qual estarão apontadas todas as *linhas* apresentadas nesse trabalho.

Palavras-chave: Governador Valadares, Migração, Movimentos, Espaço, Casa, Parentesco.

Abstract

This research is a gathering of meaning lines for the consolidation of an anthropology of the city of Governador Valadares / MG, Brazilian emigration center. The main focus is on the emigrant population of the city that experienced project emigration-to-the-return. The proposal is a more detailed study of the buildings / homes of these returned migrants or return paths. In this way, ethnography then tended to peripheral dynamics, the production of kinship and the prospect of living the new residence. However, even in its historical and geographical features, identified an appreciation of movement idea, physical and social. Thus, I want to give voice to the space with which the valadarenses think their lives. Some of these significant lines will be gathered in a reflection on the drover beans, recurring option in the food court of the city, both in the center as well as in the periphery. To establish a more specific logic, it was necessary to relativize the concept of identity, as a tool to understand the dynamics of moving populations. Moving perspective is the area for which are indicated all the lines presented in this work.

Key-words: Governador Valadares, Migration, Movements, Space, House, Kinship.

Índice de Ilustrações

Figura 1 - Zona Pegmática	21
Figura 2 - Mapa de Governador Valadares	23
Figura 3 - Governador Valadares: visão que contempla a planície, o Rio Doce e o bairro Ilha dos Araújos	24
Figura 4 - Placa com escritos (Bem vindo e Welcome) acima do Pico	25
Figura 5 - Pico do Ibituruna - Visão dos loteamentos novos à leste	26
Figura 6 - Pico do Ibituruna - rampa de decolagem de asa-delta	27
Figura 7 - Banca com preenchimento de passaporte no centro da cidade	39
Figura 8 - Rotas dos tropeiros rumo às Minas Gerais.	46
Figura 9 - Feijão tropeiro	49
Figura 10 - Esquema (linhas apontadas para a perspectiva de movimentação)	60
Figura 11 - Videogame presente de pai emigrado	65
Figura 12 - Computador de <i>Lucas</i>	66
Figura 13 - Celulares enviados ao Brasil.....	67
Figura 14 - Casa de emigrante em construção.....	71
Figura 15 - Obra parada em Governador Valadares	72

Figura 16 - Casa de emigrante.....	73
Figura 17 - Casa de emigrante.....	90
Figura 18 - Casa de emigrante.....	91
Figura 19 - Perspectiva de casa emigrante em Governador Valadares	94
Figura 20 - Esboço das plantas de cada pavimento	99
Figura 21 - Casa de emigrante (projetos novos)	103
Figura 22 - Casa de emigrante (projetos novos)	103
Figura 23 - Casas Geminadas (4 casas).....	106
Figura 24 - Casas Geminadas (2 casas).....	107

Sumário

Resumo.....	3
Palavras-chave:	3
Índice de Ilustrações.....	4
Introdução.....	8
Aspectos gerais do texto	8
Inserção etnográfica: Entrevistas versus dados da informalidade	15
Capítulo I: Geografias e Histórias do movimento	20
Geografia das relações sociais valadarenses	20
História e migração	31
Capítulo II: Linhas, feixes e superfícies.....	45
Trapeirismo como sistema social.....	45
Feijão Tropeiro em Governador Valadares	48
Identidades com intensidades	55
Capítulo III: Famílias emigrantes e a emergência do tema da casa	62
A produção do parentesco pelo movimento de remessas	62
Casa e Parentesco	74

Movimentando-se teoricamente	77
Perspectivas de construção e habitação	84
Capítulo IV: Casa emigrante, perspectivas e metáforas espaciais	87
Casas do auge dos movimentos	87
Novos projetos	101
Conclusão	110
Perspectiva de movimentação	110
Governador Valadares em movimento	112
Bibliografia	115

Introdução

Este trabalho teve início ainda nos tempos de Graduação em Ciências Sociais, iniciação científica com projeto que visava compreender o fluxo de bens e remessas para as famílias transnacionais de Governador Valadares. Foram o primeiro contato do pesquisador com esta cidade, em janeiro de 2008, juntamente com os outros que o sucederam, totalizando quatro abordagens etnográficas durante todo o período, que forneceram as questões abordadas por essa pesquisa. O resultado materializado nessa dissertação de mestrado remete, portanto, aos até agora cinco anos nos quais mantive contato com a população objeto de estudo e interesse sobre as implicações e explicações para este fenômeno migratório específico. Alguns aspectos do estudo desenvolvido na Graduação serão parte integrante deste trabalho.

A realização dessa pesquisa foi possível através do apoio da CAPES/CNPq e da FAPESP, durante a graduação e o mestrado. Além disso, a colaboração dos alunos e docentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFSCar - e do Laboratório de Estudos Migratórios - LEM/UFSCar, entre eles o orientador dessa proposta, Igor José de Renó Machado, foi decisiva. Para preservar a personalidade dos contatos que compuseram esse trabalho, todos os nomes de moradores e emigrantes de Governador Valadares, retornados ou não e citados no texto, são fictícios.

Aspectos gerais do texto

Para essa introdução, trato de antecipar em forma de esboço algumas reflexões pelas quais a pesquisa foi guiada. Dessa forma, uma apresentação mais detalhada, tanto do espaço físico como da forma de exploração desse espaço pelo sistema capitalista mais abrangente, ficará guardada para o capítulo I. No entanto, não posso deixar de citar alguns dos autores que já realizaram pesquisas sobre essa mesma temática na região e

que ajudaram na compreensão do fenômeno visível na cidade. Governador Valadares é uma cidade marcada pelos processos de migração que ocorrem em toda a região leste de Minas Gerais. É reconhecidamente um pólo de emigração para os EUA (ver, entre outros, Soares 2002, Assis 1999 e Fusco 2001), para Portugal (Machado 2004), além da incessante formação de novas redes de migração, geralmente com países de economia forte. Muitos que intentam um projeto de migração, mesmo que não-valadarenses, procuram a cidade "ponto de partida".

Do funcionalismo, passando pelo nacionalismo metodológico, até a emergência de categorias como a de etnicidade, são movimentos que fazem parte do que já podemos designar por antropologia da migração. Apesar das identidades e persistências em grupos delimitados no ambiente das sociedades receptoras de imigrantes, falta ainda uma perspectiva das "sociedades doadoras". Refletir sobre populações imigrantes revela contradições sobre as ferramentas teórico-metodológicas disponíveis na antropologia da migração e na antropologia como disciplina. Ser fiel a experiência etnográfica, bem como reconhecer os seus pontos de vista, leva a ampliação do debate e evolução dessas ferramentas.

Se falarmos a partir da sociedade às vezes mais abrangente, que acolhe os imigrantes, a tendência é de analisar o processo pelos *nichos* delimitados espacial e ideologicamente, que externalizam identidades. Cabe aqui demonstrar que essas ferramentas, ou seja o próprio conceito de identidade, não se prestam à verificação das populações marcadas pelo processo inverso, isto é, sociedades que desenvolveram historicamente a aptidão de enviar pessoas para outros territórios. Governador Valadares é referência para processos desse tipo e minha intenção é demonstrar uma visão da cidade que, ainda que relacionada à chave da identidade, não a toma como um conceito totalizante.

Ao propor esse debate, para sociedades que desenvolveram historicamente essa aptidão, pretendo também chamar a atenção para estratégias metodológicas utilizadas no que classificamos por antropologia urbana. *Como dar conta uma população que está espalhada além dos limites da cidade?* Foi uma questão fundamental para essa pesquisa. Quando os projetos de migração visam, ao seu fim, o retorno do imigrante à

sociedade na qual vivera até então, sugerem um tipo específico de migração e relação com o espaço natural, de origem. *De que forma a espacialidade ou localidade está presente no modo pelo qual os emigrantes pensam o projeto?* Sendo este pautado pela melhoria das condições econômicas ou não, importa verificar a situação de restabelecimento do emigrante e as estratégias de manutenção da família, reagrupada no local de origem.

Mesmo o projeto de emigração sendo muitas vezes um projeto familiar, especular sobre o papel das famílias conjugais em Governador Valadares nos traria dois problemas: uma rígida tipificação das famílias emigrantes para que esse objetivo fosse alcançado, e uma abordagem íntima do campo, difícil de ser realizada, assim como dar conta da totalidade de representações que a família articula. Mesmo que fosse intenção, de poucas famílias poderia me aproximar com alguma profundidade; dessa forma, ficaria de lado a perspectiva histórica e as características espaciais da região, de residência nos bairros, de mobilidade simbólica e social representada pela construção e habitação em uma casa, todas questões que tratarei adiante.

Estudos como aqueles serão importantes para aprofundar as particularidades regionais, mas requerem outras formas de inserção etnográfica. Sem desmerecer a tipificação das formas familiares e a relação de interdependência estabelecida entre famílias e valores ideológicos mais gerais, pretendo chamar a atenção para outro aspecto da etnografia: a residência. Tratarei de forma processual a construção da casa, como fenômeno cultural, na medida em que são “as práticas e compreensões específicas que as pessoas delinham e desenvolvem para lidar com as suas circunstâncias” (Wolf, 2001).

Temos assim colocadas as questões: primeiro, a população emigrante não delimitada territorialmente, que extrapola até mesmo os limites políticos da cidade. Segundo, a recorrência de um tipo específico de migração, para o retorno, no qual o agente fica em média cinco anos em território estrangeiro, "ganhando dinheiro" para o momento de restabelecimento na cidade. É claro que não ocorre somente essa forma de emigração, o que de certa maneira possibilitou o recorte direcionado às pessoas que emigram para retornar. O próximo passo da pesquisa foi indagar os próprios agentes

sobre quais seriam as necessidades primeiras de um projeto de emigração-para-o-retorno. As respostas desses agentes forneceram a pista pela qual este trabalho foi pensado: o espaço e a construção da casa desses emigrantes como fator primordial para o sucesso de um projeto de emigração desse tipo. Essa delimitação foi importante metodologicamente uma vez que tornou possível abranger toda a área habitada e tratar particularmente do tipo de emigração recorrente na cidade.

A mudança de foco que a perspectiva antropológica possibilita, principalmente em função do método etnográfico, tem a vantagem de evitar aquela dicotomia que opõe, no cenário das grandes metrópoles contemporâneas, o indivíduo e as megaestruturas urbanas. (MAGNANI, 2002)

Ora, a noção de casa é também recorrente no vocabulário antropológico principalmente quando se trata da organização social de algumas situações etnológicas.

As sociedades estudadas pelos antropólogos ministram lições ainda mais dignas de ser ouvidas na medida em que, por todas as espécies de regras - que, como eu dizia a pouco, estaríamos errados de considerar meras superstições -, elas souberam estabelecer entre o homem e o meio natural um equilíbrio que não sabemos mais garantir. (LÉVI-STRAUSS, 34-2012)

O objeto de estudo aqui delimitado é, portanto, a casa dos emigrantes retornados de Governador Valadares. Dessa forma, mesmo que as dinâmicas familiares não tenham, nesse trabalho, a importância que delas emana, alguns de seus aspectos serão discutidos e confrontados com as dinâmicas de bairro, de grupos e de territórios; significados que estarão atravessados por uma idéia de movimento. Veremos que essa noção extrapola os processos de exploração do espaço da cidade e de que forma atinge

um potencial metafórico de construção do pensamento emigrante. É minha intenção demonstrar como os espaços regionais e íntimos da população que é contemplada por esse trabalho estão vivos na produção da sociabilidade dessa população. A proposta é a de um estudo mais detalhado sobre as *metáforas espaciais* das habitações dos emigrantes valadarenses retornados ou em vias de retorno.

Fugindo do historicismo, este trabalho pretende dar voz ao espaço pelo qual os emigrantes valadarenses pensam suas vidas. Estamos em um mundo no qual não se interroga sobre o terreno, imprime nele suas técnicas, algumas perversas; oscilamos em tentar entender se os lugares são significativos por serem habitados ou se são habitados por serem significativos. Os bairros, as cidades, as regiões, e assim sucessivamente, são diversos histórica, social e geograficamente e é essa diversidade que os constrói significativamente. É preciso fazer do espaço, não só do tempo, um infinito de possibilidades (Ingold, 2011). Minha proposta é a da apresentação de algumas *linhas de significado* a partir dos dados etnográficos; veremos que essas linhas não são rígidas, vibram e se cruzam, formam *feixes*, compõem superfícies.

Logo descobri, entretanto, que não era suficiente se concentrar apenas nas próprias linhas, ou nas mãos que os produziram. Eu também tive que considerar a relação entre as linhas e as superfícies na qual são desenhadas. (INGOLD, 2001:2, tradução do autor)

No entanto, cabe reafirmar, por fim, que a meta é seguir em busca de uma lógica mais geral. Do *olhar de perto e de dentro*, próprio da etnografia, para um *olhar distanciado*, em direção, aí sim, a uma antropologia *da cidade*, procurando desvelar a presença de princípios mais abrangentes e estruturas de mais longa duração. É somente por referência a planos e modelos mais amplos que se pode transcender, incorporando-o, o domínio em que se movem os atores sociais, imersos em seus próprios arranjos, ainda que coletivos. (MAGNANI, 2002)

Para tanto, no texto também está contida uma apresentação dos significados produzidos historicamente sobre a relação da cidade mineira de Governador Valadares com os fenômenos migratórios. Trata-se de reflexão sobre a vida na cidade no curso do capitalismo, mais que monografia de grupo fechado, isolado, portanto contrária à uma abordagem culturalista desses fenômenos. Ao mesmo tempo, procura dar conta de significados experimentados a partir de pesquisa etnográfica, baseada no contato do pesquisador com seu objeto de estudo. Este conflito entre história e etnografia, longe de ser prejudicial à iniciativa, é base para a análise desenvolvida. Ter acesso a significados, que estarão agrupados pela "perspectiva de movimentação" - daí o título – requereu envolvimento intenso com as características regionais: geografia e relevo, história e desenvolvimento, economia e consumo, parentesco e identidade, arquitetura e paisagem urbana.

O modelo economicista, ratificado pela sociologia da região, é somente uma das fontes de dados aqui utilizada. Sem intenção de diminuir sua realidade, interessa verificar sua relação com outras características que, em conjunto, se prestam a alimentar saberes baseados na experiência adquirida por décadas de movimentos migratórios. A idéia mais importante que essa introdução deve transmitir é que para analisarmos as práticas migratórias, os movimentos de bens e de pessoas, é necessário primeiro compreender os movimentos (e, no caso de Valadares, estar em movimento) pelos quais essas práticas se atualizam.

Expressões desses significados vinculados à idéia de movimento serão analisadas a partir das relações sociais com as quais me deparei ou que construí durante pesquisa, em diferentes escalas. Confrontarei a geografia e a história dos movimentos valadarenses com as habitações dos emigrantes retornados, imóveis. Para isso, pautado na produção do parentesco dentro da casa, espero demonstrar como essa produção é também vinculada ao movimento, nesse caso de remessas de dinheiro enviadas do exterior. Cumprirei estudo mais detalhado sobre as impressões emigrantes no espaço físico da cidade, pela forma de construção das casas e conseqüente paisagem urbana periférica.

Desenrolar as linhas de significado e apresentar a totalidade do emaranhado que as regem é tarefa complexa. É possível a partir de anos de observação, comparação e envolvimento, conhecimento íntimo de todas as fases do processo e das instituições que lhe prestam apoio. Portanto, acredito estar apresentando e analisando algumas dessas linhas de significado como componentes de uma expressão emigrante na cidade, a *perspectiva de movimentação*. Não pretendo com isso descobrir um modo de pensar totalmente diferente para os habitantes de Governador Valadares e região. Saberes diferentes povoam nosso imaginário. Estão em contínuo processo de transformação e aparecem misturados em porções da realidade etnográfica. Meu objetivo é, através de minha experiência, descrever e analisar parte desse saber.

A riqueza da etnografia consiste na apreensão dos dados através da produção da diferença, legítima no momento do contato do pesquisador com seu ambiente de pesquisa. Neste trabalho, passaremos por vários aspectos da cidade que serão vinculados a idéia de movimento. A própria cidade exigiu que eu em movimentasse por ela e para além dos seus limites.

Mirando a uma *antropologia da cidade*, discorrerei sobre sua disposição e extensão territorial e sobre as faixas de diferente concentração habitacional. Através do que intitulei como "Geografia das relações sociais", no capítulo 1, darei início a apresentação da etnografia na cidade. Essa opção é consciente na medida em que pretende aproximar o leitor de uma visão geral do presente etnográfico e das características de exploração do espaço natural valadarense, produzidas historicamente.

Depois de apresentadas as suas características geográficas e de sua exploração histórica, para reforçar meu ponto de vista, proponho, no capítulo II, uma reflexão sobre a comida oferecida na praça comercial, mais especificamente sobre a modalidade de preparo do feijão conhecida como tropeiro. Será a ponte para explorar as explicações históricas para os processos migratórios, permitindo ao mesmo tempo expressar os limites de uma concepção histórico-econômica do fenômeno e levantar a crítica que partilho sobre o conceito de identidade.

Os dados etnográficos estarão espalhados por todo o texto, mas deverá o leitor saber que estarão concentrados nos capítulos III e IV, onde serão analisadas as dinâmicas das famílias transnacionais e as construções e habitações dos emigrantes retornados, respectivamente. Espero com isso fornecer uma perspectiva tanto do bairro no qual o emigrante se restabelece quanto de dentro da casa que abrigará a centralidade familiar no momento do retorno. Nota-se, portanto, que o itinerário proposto para o texto é apresentar um *olhar distanciado*, uma reflexão posterior, para depois revelar, através da *antropologia na cidade*, os significados que perduram e dão sentido a algumas das explicações mais deslocadas da realidade etnográfica, como as da história e da sociologia econômica.

Nesse aspecto, a metodologia proposta segue as idéias de Magnani (2002), mesmo sem creditar a Governador Valadares as mesmas categorias desenvolvidas por ele, quando em sua etnografia da cidade de São Paulo, para entender as dinâmicas metropolitanas. Todos os apontamentos histórico-espaciais dessa introdução, bem como as considerações e opções teórico-metodológicas ficarão mais evidentes nos capítulos que seguem. As próximas páginas conterão a construção e reflexão metodológica, de inserção etnográfica. Dentro do interesse desse trabalho, estarão confrontados os métodos de apreensão dos dados por *entrevistas* e por *dados da informalidade*.

Inserção etnográfica: Entrevistas versus dados da informalidade

Por inúmeras vezes percebi diversas contradições na fala dos informantes, mediante a situação em que se encontravam em relação ao pesquisador. Quando entrevistados formalmente, tendo sido efetuada a devida apresentação do pesquisador como dá área de Ciências Sociais, a maioria das entrevistas tendia para um discurso montado pela mídia e pela sociologia local, a respeito dos problemas enormes e insuperáveis que envolvem essa sociedade e as práticas migratórias. À medida que os laços que unem as relações entre pesquisador e objeto de estudo iam se apertando, e gerando outras relações sem a necessidade de tanta formalidade, os discursos notadamente mudavam da água para o vinho. O método das entrevistas, com perguntas

estabelecidas previamente e pouco espaço para o acaso ou para influências externas, já que na maioria das vezes era realizada na própria residência do informante, combina com o modelo mais abrangente da sociologia econômica. Ou seja, é principalmente para este modelo mais amplo que os dados obtidos por esta via podem ser pensados.

Na primeira intervenção de campo descendi do ônibus com pouquíssimas referências ou contatos. Algumas famílias que já haviam sido entrevistadas por outros pesquisadores e alguns nomes de bairros a serem visitados era o que eu dispunha para começar a pesquisa. Munido de gravador, apanhava referências na hora com algum conhecido e batia na porta dos entrevistáveis. Com algumas questões pré-estabelecidas e me identificando como pesquisador, acabei descreditando do método quando me dei conta que estava impondo uma relação definida com meu objeto. Percebi que os dados colhidos na entrevista eram apenas respostas aos problemas colocados pela sociologia da região, dos quais eu já tinha conhecimento bibliográfico.

A intensidade do envolvimento com as populações de bairros da cidade conduziu à abordagens que traduziam, para o momento do retorno do imigrante, noções de pertencimento quando o retornado se instalava no mesmo bairro de origem ou troca restrita entre bairros periféricos quando o local de residência mudava. Nas pesquisas sobre as dinâmicas familiares, acabei adotando certos bairros como preferenciais para a realização do trabalho. Ao mesmo tempo, o potencial analítico de um recorte por determinados bairros era cada vez menos interessante, dada a generalização residencial da população emigrante. Surgiam questões sobre a cidade, a produção do saber emigrante e a relação do pesquisador com seu objeto de estudo.

Para a segunda proposta de campo decidi abolir as perguntas pré-determinadas mas não abri mão do gravador e do *status* de pesquisador e não mudou quase nada. Os dados, dessa vez, refletiam sobre os problemas sociais causados pela imigração mostrados incessantemente por jornais, revistas, telejornais e outras mídias locais. O recorte por bairros parecia cada vez menos relevante e a sensação de estar envolvido por um pensamento tipicamente emigrante desfojava em questões econômicas e problemas

sociais. Porém, estar em contato com essa realidade revelava as características gerais do trabalho realizado, configurando etnografia da cidade, do movimento das pessoas e do curso do capitalismo na região. Partir do dado etnográfico e acreditar no saber imigrante adquirido por esta sociedade dirigiu a muitas interpretações relacionadas. Se inseparáveis o movimento do capitalismo e o fluxo de imigrantes valadarenses, o trabalho do antropólogo é apresentar as *linhas de significado* resultantes desse jogo. No que tange este trabalho, limitada aos significados que a residência em seu sentido mais amplo assume nesse contexto para os sujeitos envolvidos, e não visa atingir a totalidade de significados produzidos na cidade, complexa e diversificada.

Mesmo com essas dificuldades, o resultado das duas primeiras abordagens principalmente na forma de entrevistas gravadas com autorização dos entrevistados forneceu dados importantes para este trabalho. A proximidade com as famílias que experimentam o processo migratório revelou boa parte da realidade vivenciada por estas e permitiu ao pesquisador transitar em situações de difícil situação etnográfica. Por exemplo, demonstrou a potencialidade dos estudos sobre a produção dos significados dentro e fora das casas. Também conduziu a reflexões mais específicas sobre o papel da casa, ou da residência, nos estudos de parentesco em seu sentido mais amplo.

O método que privilegia as entrevistas semi-estruturadas tem de ser repensado enquanto principal fonte de dados para as pesquisas antropológicas em cidades. A etnografia engloba essa prática e pode elucidar outros dados imperceptíveis às entrevistas. A pesquisa, portanto, demandou um cronograma que compreendesse a situação de contato direto entre pesquisador e objeto, como condição necessária para a criação de um vínculo com as comunidades locais. Somente a partir da desconstrução do meu *status* de pesquisador da área social, para meus informantes, foi possível ter acesso ao material que resulta nessa dissertação de mestrado.

Desta maneira, ele sugeriu que antes de eu fazer entrevistas e buscar informações diretas sobre imigração, eu deveria conhecer a rotina da cidade, lentamente, eu me envolveria com as pessoas sendo o suficiente para a desenvolver a pesquisa. Em outras palavras, o seminarista, indiretamente, indicou que eu fizesse etnografia. (ALMEIDA, 2011:39)

Os problemas de como as casas dos imigrantes são pensadas e construídas e da relação desses imóveis com o mercado imobiliário valadarense permearam a terceira abordagem de campo. Nesse momento, fazia a pesquisa morando em uma casa em construção na fase de acabamento, encomendada por um emigrante. Durante visitas a construções conheci a casa e os pedreiros que habitavam na mesma; com o aval da construtora, morei na casa por um mês. Estar em loteamento recente, distante dos bairros que tinha maior contato, e ter um endereço na cidade mesmo que de forma temporária, incrementaram as interpretações resultantes das abordagens anteriores e forneceram um ponto de vista mais próprio da interação do emigrante com o mercado imobiliário.

Tive mais duas residências como moradia temporária na cidade, no Bairro Universitário e no Morada do Vale, além da pensão e da casa anteriormente citada, ambas na Ilha dos Araújo. Minha circulação por locais diferentes dos quais estava habituado (poucos bairros) proporcionou uma interpretação espacial do fenômeno migratório na região. A peculiaridade das características geográficas de Governador Valadares relacionada diretamente com o intenso movimento de pessoas se tornou pauta para essa investigação.

Na quarta e mais longa experiência etnográfica, contei com veículo próprio e tratei de conhecer todos os limites habitacionais do município bem como suas áreas de concentração e de expansão populacional. Para dar conta de todas as questões colocadas pelas intervenções em campo, era exigido que eu me movimentasse pela cidade, e fizesse contato com emigrantes em outros bairros que não nos quais eu estava acostumado. Pretendi também um conhecimento geográfico da região. Visitei outras cidades e vilarejos próximos. Viajei com valadarenses e também com pessoas que se movimentam pela cidade.

O ganho quantitativo em relação ao número emigrantes ou famílias destes fruto dessa circulação quase que anônima pela cidade foi representativo para entender a grandeza e o alcance do fenômeno migratório valadarense. Por outro lado, o decorrente

afastamento da noção de família e a multiplicação dos bairros periféricos identificados com as práticas migratórias através das casas, culminaram em maior importância dada ao movimento no mercado interno. Assim, o que é vendido e consumido por toda cidade também ajudou a elencar alguns significados que questionavam a validade de conceitos como o de identidade ou etnicidade valadarense. Optei por considerar os alimentos costumeiramente consumidos pela cidade, seja em barracas especializadas ou restaurantes de todo tipo, particularmente tratando da modalidade de preparo do feijão reconhecida como tropeiro. Pelas origens do prato e por sua recorrência etnográfica, se tornou objeto de reflexão.

A fim de estabelecer o vínculo social necessário aos fins da pesquisa me propus a acompanhar apenas algumas famílias mais de perto e, principalmente, frequentar espaços de sociabilidade dessas famílias nos bairros, como quermesses, bares, celebrações, churrascos e algumas festas que eventualmente acontecem nas ruas da periferia. Além disso, fui frequentador assíduo das opções culturais na cidade, principalmente nos dois últimos trabalhos de campo. Os *dados da informalidade* foram, para essa pesquisa, sem dúvida, mais importantes do que os dados das entrevistas. Mostraram-se mais ricos e apontaram para as questões fundamentais desse trabalho. Porém, foi exatamente na convergência entre os tipos de dados que pude identificar e pensar o fenômeno migratório na cidade. Uma vez que o problema das casas era colocado também nas entrevistas, bastou um movimento de levantar os olhos nas ruas da periferia para reconhecer o objeto de estudo.

Capítulo I: Geografias e Histórias do movimento

.Exceto na região centro-sul, entre as serras da Mantiqueira e da Canastra, e no Triângulo Mineiro, locais onde os campos e rebanhos ganham destaque, todo o estado de Minas Gerais é identificado com a exploração mineral. Desde a *corrida pelo ouro* até os garimpos ilegais do século XXI, boa parte das cidades que compõem esse estado brasileiro experimentou movimentos muito rápidos de povoamento e êxodo. Essa característica está diretamente ligada à exploração de suas reservas pelo processo capitalista mais abrangente. Há uma hiper-necessidade momentânea de mão-de-obra para a extração dos recursos naturais seguida de uma estagnação econômica causada pela diminuição das reservas.

Sem as considerações geográficas em maior escala vinculadas aos processos sociais mais amplos esse trabalho fatalmente resultaria incompleto. Este capítulo tratará tanto da geografia das relações sociais quanto do processo histórico de exploração da região que abrange a cidade de Governador Valadares. Essa geo-história estará reunida no próximo capítulo, em uma reflexão sobre a comida oferecida na praça comercial valadarense.

Geografia das relações sociais valadarenses

De norte a sul, toda região leste do estado de Minas Gerais é cortada por um escudo cristalino composto por quartzo e por cristais de caulunita, que é um produto da ação da água sobre aquele, entre outros elementos¹. O quartzo é comercializado no centro da cidade, principalmente na Rua Peçanha, onde há várias lojas especializadas mas onde também se concentram muitos vendedores autônomos, oferecendo pedras a

¹ O quartzo é um dos minerais mais abundantes na Terra.

todos que passam curiosos com esse tipo de comércio. Não posso afirmar que em qualquer dos casos se trata de uma exploração mineral legal ou ilegal, a partir de garimpos clandestinos. Já o caulim é vendido diretamente às indústrias de papel e às de cerâmica do sudeste brasileiro. Governador Valadares é uma das principais áreas de produção desses minerais, localizada no centro da zona pegmática² circunscrita abaixo.

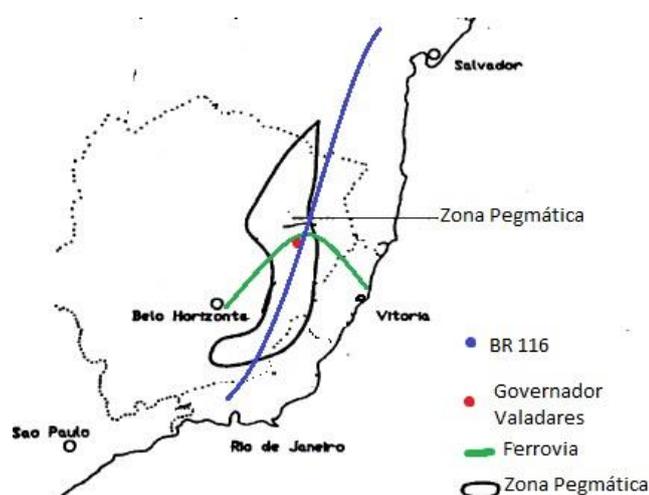


Figura 1 - Zona Pegmática³

A comercialização das pedras de quartzo e de quaisquer outros minerais ali encontrados também é feita às margens de rodovias. Seguindo de Governador Valadares para Teófilo Otoni, e depois para Nanuque, trechos da BR 116 e da BR 418 estão cheios de barracas erguidas no acostamento das rodovias que exibem uma bancada grande com alguns tipos minerais. Nesse caso, é maior a incerteza sobre a origem desses minerais e de sua legalidade, o preço é menor. Na verdade, acredito que na maioria das rodovias contidas na zona pegmática circunscrita acima e até em algumas adjacentes é possível encontrar essa forma de comércio de minerais. Muitas rodovias importantes cortam a cidade, destaque para as BRs 259 e 381, que passam por Valadares em seu trajeto: Vêm desde a região de Diamantina, no norte de Minas Gerais, até o centro do estado do Espírito Santo para uma; e da região metropolitana de São Paulo ao litoral norte do

² Zona pegmática é aquela que é rica em minerais cristalinos, como o quartzo.

³ Mapa simplificado disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0366-69131998000400003. Foi editado para atender às necessidades do trabalho.

Espírito Santo para a outra, respectivamente. A rodovia mais importante e com maior fluxo de veículos e cargas é, sem dúvida, a BR 116, também conhecida como Rio-Bahia. Apesar do nome sugestivo, a rodovia, que começa na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, cruza de sul ao norte toda a parte leste do estado de Minas Gerais, segue no mesmo sentido passando pela cidade de Feira de Santana na Bahia mas morre apenas em Fortaleza-CE, ligando vários estados. Nas imediações de Valadares, por todas as rodovias, é comum avistar caminhões carregando pedras enormes, matéria prima para as indústrias, em sua carroceria. O terminal rodoviário intermunicipal está no centro da cidade, atraindo o movimento.

Fortemente ligada à exploração mineral é a Estrada de Ferro Vitória-Minas, mas há também horários diários para trens de passageiros tanto para um lado quanto para outro; a cidade valadarensense está exatamente na parte central do trajeto que os trens percorrem. Saem de Belo Horizonte-MG e Vitória-ES, todo dia às sete horas, passam por Valadares entre treze e quatorze horas e chegam nos destinos, que obviamente são invertidos, ao anoitecer. Trens de carga com minério de ferro e outros são mais frequentes durante o dia. Levam minerais, em estado bruto ou de alguma forma tratados, da região leste do estado para o Porto de Vitória e, de lá, no sentido contrário, minério de ferro para a zona industrial de Belo Horizonte. Evidentemente que tanto os produtos como os destinos dos mesmos são mais diversificados, mas as duas cidades ligadas pela ferrovia de certa forma polarizam sua atividade. Inaugurada em 1904, a Estrada de Ferro e a circulação de cargas e passageiros são controladas atualmente pela empresa mineradora Vale. Esta empresa também investe na universidade local, a Univale.

Estarão apresentadas aqui uma descrição sobre espaço material da cidade e representações sociais da exploração do mesmo. Tive acesso a praticamente toda área habitada: As constantes visitas à biblioteca da Univale somado ao tempo, ainda que curto, de moradia no bairro Universitário, em sua parte nordeste; na região central e loteamentos novos à noroeste, conseguidos através da moradia nos bairros Ilha dos Araújo e Morada do Vale, e pela constante movimentação noturna do centro da cidade. Frequentava principalmente os bairros Altinópolis, na região central, Vila dos Montes e Santa Rita I, na planície que se estende ao sul, onde residem os contatos mais importantes para a composição desse trabalho. Como adiantado na introdução, a própria

cidade, aliada com o interesse pelas casas emigrantes, exigiu que eu mantivesse um movimento constante por toda área habitada, senão para além dos seus limites políticos, para ter acesso às diferentes fontes de dados que a pesquisa demandava.

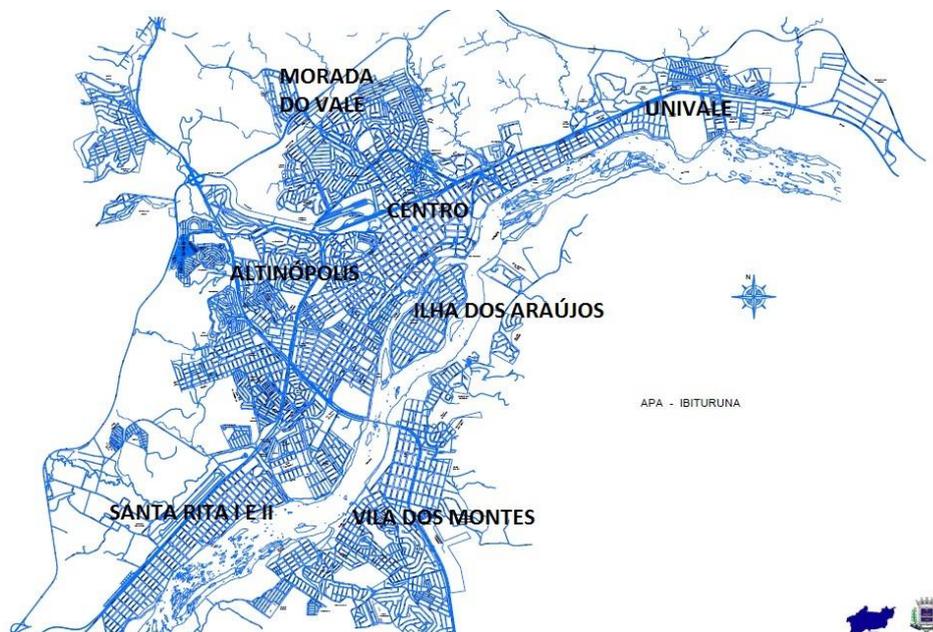


Figura 2 - Mapa de Governador Valadares⁴

A cidade de Governador Valadares situa-se em uma planície e contorna o Pico do Ibituruna seguindo o leito do Rio Doce. O centro e os bairros mais antigos estão na faixa de terra que separa o rio da ferrovia, uma vez que esta segue paralela ao seu leito. No verão a água do rio tem cor marrom e um aspecto barrento devido ao seu volume aumentado; no inverno a água está mais baixa e limpa, aparentando uma tonalidade de verde. Vindo do sul, o rio cruza toda a extensão da cidade distribuída por suas duas margens. Nessa parte da cidade, à esquerda do rio, estão os bairros Santa Rita I e II, esta é também uma região antiga que se situa na faixa de terra entre o rio e a ferrovia.

Seguindo para o centro tem-se a impressão de descer alguns metros em relação ao leito. A inclinação é maior para o rio, que em sentido norte, desce agora com alguma

⁴ Mapa disponível em <http://www.valadares.mg.gov.br/current/mapas>. Foi editado para uma referência mais ampla da circulação do pesquisador pela cidade.

velocidade. Habitantes da cidade e alguns aventureiros, às vezes *gringos*, usam essa parte do rio, imediatamente antes de sua curva norte, para prática *surf* na correnteza. A Ilha dos Araújo funciona como uma barreira, mas grande parte do rio segue à direita, passando ao pé da montanha, o que no fim das contas não diminui em muito sua velocidade. Há lendas que dizem que, devido à povoação de ampla área às suas margens e ao depósito de esgoto e sedimentos, o rio varrerá a Ilha. O bairro é um dos mais bonitos da cidade, proporcionando vista privilegiada tanto do rio quanto do Pico. O espaço é considerado nobre, mas há também construções mais simples, casebres e kitnets. Só há uma ponte que liga a Ilha ao centro da cidade.

Mantendo a velocidade, o rio volta a se encontrar no mesmo leito depois da Ilha, e assim desce até a curva norte. Na parte nordeste da cidade, o rio é a própria fronteira que a separa da montanha. Nesse ponto, próximo ao campus da Univale e ao bairro Universitário, a correnteza é mais fraca e o espaço habitado está ao mesmo nível do rio em curva acentuada para a direita. Por toda região de contato da área habitada com o Rio Doce este é navegável apenas com caique ou barco a remo. Porém, em locais estratégicos, pode-se atravessá-lo em pequenas balsas a motor.⁵



Figura 3 - Governador Valadares: visão que contempla a planície, o Rio Doce e o bairro Ilha dos Araújo⁶

⁵ A navegação com pequenos barcos a motor é considerada perigosa pelo grande número de pedras e troncos espalhados pelo leito do rio.

⁶ Foto de Pablo Ventura, fotógrafo e praticante de vôo livre.

A maioria dos bairros são planos e os loteamentos novos, como o Morada do Vale, se encontram depois de uma primeira ondulação mais forte do relevo, onde, por sua vez, estão os bairros Altinópolis e Grã Duquesa. Uma periferia complexa está situada à margem direita do rio, quando este é cruzado pela Rio-Bahia: é a região dos bairros Vila dos Montes, Vila do Sol e Vila Isa, que ocupam a faixa de terra entre o rio e o pé da montanha. A distância para o centro da cidade é quase que a mesma para o seu cume. Nessa área não há muitos acidentes do relevo e, mesmo que houvesse, estaria apagado pela presença da Pico vizinho. A montanha é imponente e a única formação do relevo regional que se destaca pela altitude em um raio estimado de pelo menos cinquenta quilômetros.

O Pico do Ibituruna influencia diretamente o clima da cidade, tipicamente tropical com diminuição das chuvas no inverno. No verão, a temperatura média fica próxima dos 30°C. A montanha contribui para a diminuição da circulação de ar na cidade e atua como refratária do calor solar absorvido. Com isso, ocorre o fenômeno das térmicas, movimento de ar quente desde a superfície aquecida até o primeiro limite da camada atmosférica, que coloca a cidade mineira na posição de capital nacional do vôo livre, recebendo etapas de campeonatos nacionais e internacionais.



Figura 4 - Placa com escritos (Bem vindo e Welcome) acima do Pico

De longe, da maioria das rodovias que cruzam ou terminam no município, o Pico se impõe como referência. Quem acessa a cidade pela BR 259 pode ver a muitos quilômetros de distância a montanha destoante das pequenas ondulações do relevo regional. Sua importância como marco referencial para as tropas e expedições de antigamente ganha vida, sua imagem se traduz na sensação de que se aproxima um local de pouso quente, nas margens do Rio Doce.

Acima do Pico, tem-se visão privilegiada para todas as direções. Há uma lanchonete que vende salgados e bebidas. Há duas rampas para decolagem de asas delta, uma virada para o norte, outra para o sul. Toda encosta imediata ao pico é ideal para decolagem de parapentes e prática do vôo livre. Ao saltar, os praticantes dessa modalidade de esporte radical procuram pela térmica, uma coluna de ar quente que os empurra para cima com velocidade média de cinco metros por segundo. As colunas existem em ambos os lados da montanha. Assim, o praticante facilmente consegue sobrevoar o Pico. O vôo dura em média trinta minutos, mas há quem consiga voar por bem mais que uma hora. Há também ciclistas e motoqueiros que sobem e descem a montanha pela estrada alternativa, de terra, ou por trilhas mais fechadas, no caso das *mountainbikes*. Frequentemente um grupo chega a pé, são geralmente habitantes de Governador Valadares que fazem esse caminho.



Figura 5 - Pico do Ibituruna - Visão dos loteamentos novos à leste

A relação entre a montanha e o clima da cidade promove um movimento intenso de estrangeiros, interessados em longos vôos de parapente e asa-delta, além de outros

esportes radicais. Utilizam dos serviços disponíveis em Governador Valadares e muitos deles mantêm algum tipo de residência fixa no Brasil. Compram imóveis, alugam quartos, gastam dinheiro pela cidade. Da mesma maneira, as características espaciais da cidade e seu aspecto de entreposto comercial promovem um movimento constante de vendedores autônomos e representantes comerciais pela praça valadarense, vendendo, comprando e consumindo; ora, só seria possível a partir da malha rodoviária privilegiada e da estrada de ferro Vitória-Minas. Esse movimento intenso tanto de *gringos* como de vendedores é característica da cidade que, por sua vez, oferece a eles todo tipo de serviço. Os vendedores e representantes comerciais de empresas abastecem o comércio da cidade e negociam pedras semi-preciosas na praça valadarense, os estrangeiros procuram um bom lugar para voar e, às vezes, para investir em trabalho e residência.



Figura 6 - Pico do Ibituruna - rampa de decolagem de asa-delta

De profissionais a turistas, as pessoas que se movimentam pela cidade, por vezes, guardam algumas relações já estabelecidas com o local. Muitos tem uma casa, uma namorada, um quarto mensal na Hotel da Ilha, etc... Há estrangeiros que trabalham e residem em Governador Valadares, vinculados ao comércio de recursos minerais e aos esportes radicais. Muitos passam temporadas na cidade, vendedores e representantes comerciais chegam a ficar em média quinze dias no local, retornando três ou quatro vezes no ano. Os *gringos* ficam mais tempo, às vezes passam mais de três meses residindo em Valadares. Há os que não voltam para sua terra, constituem famílias e residem no Brasil. Há os que casam e levam suas famílias para seu país. Enfim, há todo

um leque de relações da cidade com essas pessoas em movimento. Para exemplificar essas relações, lanço mão de um trecho do diário de campo colhido em uma das oportunidades que tive de viver a cidade:

É janeiro de 2009 e amanheceu um domingo nublado. O calor é de 29°C às 9 horas da manhã. Com as nuvens acima do Pico, a certeza que não vem chuva e não demora o sol fazer evaporar todas as nuvens do céu. Foi o tempo de tomar um café e um misto-quente na padaria para que não houvesse sequer um projeto de nuvem. Percorrer os quinhentos metros que separam a padaria, na Ilha dos Araújo, da praça onde se localiza a prefeitura a pé já é penoso devido ao sol forte e à sensação térmica que ultrapassa os 40°C. Na praça ao lado, aos domingos, a costumeira feira é atração. São inúmeras barraquinhas oferecendo desde produtos eletrônicos até artesanatos locais. Duas barracas se dedicam à alimentação e o cardápio é diversificado. Na primeira, a especialidade é o feijão tropeiro, que pode ser acompanhado de arroz, farofa e churrasquinho. Pão com linguiça, cachorro-quente e outros lanches fazem parte do cardápio da segunda barraca, que exibe uma placa com os escritos *também temos feijão tropeiro*.

Às 10h15 é intensa a movimentação na praça, mas a feira parece não atrair muita gente. São praticantes de vôo livre, esperando o ônibus que sobe a montanha toda semana. Uma vez sobre o Pico, saltam, voam em média por trinta minutos e aterrisam a trezentos metros da praça. Reparo na presença de muitos estrangeiros, reconhecidos de longe por características fenotípicas. Pouco tempo depois, o ônibus sai em direção à montanha. É o auge do movimento na feira, e tem início a primeira rodada de bingo. O jogo é comandado pelo dono de uma das barracas de comida, e os prêmios são produtos comercializados ali mesmo. Enquanto as rodadas se sucedem, o consumo de comidas e bebidas mantém a regularidade. Som ao vivo, à moda brega ou sertaneja. Comprei algumas cartelas e acabei ganhando uma porção de feijão tropeiro e uma cerveja em um dos sorteios.

O prêmio não demorou a chegar, trazido pela filha do proprietário da barraca e organizador do bingo. Mulher negra, de cabelos longos e alisados, veio acompanhada de uma criança branca, que timidamente a seguia por onde fosse. Constrangida, me explicou que a criança é filha de seu marido com outra mulher, revelou ser casada há pouco tempo e que está a espera de um filho dele. Eu o conheceria minutos depois, quando estaria de volta de seu vôo de parapente. Chama-se Jean. Francês, morava no Brasil há cinco meses. Contou parte de sua história enquanto eu almoçava o prêmio do bingo, mas logo teve de sair para ir fazer um salto duplo com turista brasileiro.

Muitos *gringos* conversavam no canto da praça, já passava das quatorze horas e o movimento na feija já caíra bastante. O sol ainda está forte e reflete tanto no leito do rio, quanto na pedra onde se localiza o pico da montanha. Encontrei Jean no caminho de volta, estava subindo novamente a montanha devido a algum problema no equipamento do amigo. Aceitei sua carona e subimos de carro. Durante o trajeto me disse o quanto era apaixonado pelo Brasil e pelo estado mineiro. Revelou que havia se divorciado da esposa espanhola e detalhou os planos futuros de vida em solo brasileiro, mas estava convencido de que ainda rodaria por outros lugares do mundo. Citou a Etiópia e a Nova Zelândia como alguns de seus possíveis destinos, dos quais só conhecia o segundo.

Muita gente sobre o pico, o clima está agradável e o fim de tarde incrível. Algumas asas-delta ainda decolavam das rampas, motoqueiros e ciclistas preparavam a descida pelas trilhas. Turistas brasileiros e outros apontavam suas câmeras para todas as direções. Jean já estava no carro junto com Pablo, seu amigo espanhol que notara um furo em sua *vela* pouco antes de decolar. Peguei carona de volta. Pablo é fotógrafo e praticante de vôo livre, vem ao Brasil todo ano por dois meses em média. Falou-me sobre outros amigos que moravam ou possuíam imóveis em Governador Valadares e outras cidades mineiras. Deixaram-me próximo

ao centro da cidade e completei o caminho até a pensão onde morava a pé. Nas ruas, bares abertos e cheios.

Na pensão lotada muitos vendedores e representantes comerciais se preparavam para a noite valdarense falando sobre seus trabalhos. Já faz vinte dias que estou morando em um quarto aqui, o movimento segue sempre constante. Elogiavam a praça comercial valdarense, como a mais desenvolvida da região. Sentei-me junto a três vendedores que discutiam futebol, dois são representantes de empresa que comercializa cloro na região, outro é profissional liberal do ramo dos calçados. Adoram a cidade, falam do intenso movimento - "Valadares não pára, tem resenha segunda a segunda" - e da noite promissora. Depois de uma conversa rápida, se foram dizendo que estavam atrasados para o encontro com as namoradas valdarenses. "Não fique parado garoro!", riram de longe. A noite caíra e caminhei sozinho pela calçada que circula toda Ilha dos Araújo. Da margem do Rio Doce, a jornada da lua cheia, por esses dias, é aparecer no horizonte, ausentar-se por poucas horas passando por de trás do Pico, e reaparecer brilhante quase que no meio do céu.⁷

Com isso, acredito ter demonstrado como a própria disposição espacial da cidade e região dialoga com uma idéia de movimento. Para entender esse aspecto adianto que essa reflexão sobre o potencial metafórico do espaço foi possível a partir das idéias de Smith (2000). Entre outras questões, que estarão mais explícitas quando no momento de movimentar-nos pelas teorias, o autor sugere que os espaços devem ser pensados também pelas metáforas de seu aspecto material.

Se o espaço pode ser entendido para além de sua descrição material, é esperado que seu uso metafórico o vincule às atividades mineradora e de serviços, e assim, ao movimento. A mesma coisa sobre os esportes radicais. Acredito que, para o esforço

⁷ Texto extraído do diário de campo.

deste trabalho, não é necessário nos alongar nessa discussão. A intenção até aqui foi identificar algumas possíveis metáforas espaciais do território que abrange a cidade, vinculadas a uma valorização da idéia de mobilidade. Feito isso, antes de refletirmos sobre a relevância dos conceitos de identidade ou etnicidade para a população, apresentarei os movimentos valadarenses, produzidos no decorrer da história, bem como suas motivações, reações e continuidades que não se pode acreditar que estejam aqui apresentadas de forma completa, inequívoca. Do meu ponto de vista, é uma maneira de ler a cidade à partir dos movimentos de pessoas.

História e migração

Apresentarei a história valadarenses com base nos movimentos que fundaram a cidade. Os dados dessa parte do texto remetem a um levantamento bibliográfico sobre o povoamento da região, bem como às estórias orais com as quais tive contato durante a realização da pesquisa, por via da etnografia. O levantamento bibliográfico foi realizado em conjunto pelo LEM/UFSCar, estando alguns de seus pesquisadores citados nessa história dos movimentos valadarenses.

Em 1573, o bandeirante Fernandes Tourinho realizou a primeira expedição rumo ao vale do Rio Doce a partir da cidade de Porto Seguro/BA. Poucas riquezas para a época fizeram com que essa parte do escudo cristalino mineiro demorasse a ser povoada e a região ficou conhecida durante os séculos seguintes pela passagem de várias expedições que apontavam para regiões de ouro abundante, ou em sentido inverso, para a cidade de Salvador/BA (Espíndola, 2005). A região, considerada de difícil acesso, era habitada originalmente por povos Krenak, Aimorés, Boruns e Guerens, rotulados pelos portugueses de Índios Botocudos⁸, uma vez que usavam botoques labiais e auriculares, adornos comuns dos povos dessa região àquela época.

⁸ Naturalmente esse rótulo dado pelos portugueses não leva em consideração os grupos de filiação linguística e as regiões que estes grupos habitavam.

No final do século XVIII foi encontrado ouro no povoado de Peçanha, região que compreendia a vila de Figueira, atual Governador Valadares. A descoberta despertou interesse da coroa portuguesa que, por ordem de Dom João VI (Espíndola, 2005), criou unidades militares no Rio Doce e exterminou os Índios originais. A ocupação da Vila de Figueira se fez mais intensamente quando canoieiros chegaram do leste (Espírito Santo) por importantes afluentes do Rio Doce, como os rios Santo Antônio e Suaçuí Grande. Soldados e Padres Capuchinhos também se interessavam pelas características geográficas deste entreposto, às margens do Rio Doce e ao pé do Pico do Ibituruna. Já sabemos que este último proporciona uma visão estratégica e privilegiada da região.

Em 1903, quando era ainda uma vila habitada por aproximadamente 200 pessoas, a presença estadunidense começa a trazer a "civilização" para o vilarejo, até então um ponto de parada de canoieiros, bandeirantes e outros "desbravadores". Os estrangeiros chegaram e se estabeleceram em um "acampamento" (hoje um bairro da cidade, que tem algumas casas da época que conservam as características originais) para a construção da "Estrada de Ferro Vitória-Minas" pela empresa Percival Farquhar (que construiu estradas de ferro por todo o Brasil), que consolidou o extermínio dos povos indígenas nativos, a devastação dos recursos naturais e é ainda hoje uma importante via para a exportação brasileira. (YAMAUIE 2011:11, grifo meu)

Ainda quando distrito, entre 1910 e 1937, foram inauguradas a Estação Ferroviária, no meio da Estrada de Ferro Vitória a Minas, e a rodovia Figueira-Coroaci⁹. Isto permitiu o escoamento de produtos originários da região, além da distribuição de produtos originários de outras partes do estado. Um ano antes da emancipação política, Governador Valadares já tinha, por intermédio da ferrovia, conexão com grandes centros consumidores e situação privilegiada na região. A necessidade de mão-de-obra foi responsável pelo intenso povoamento tanto de uma extensa área de planície em que se estende a cidade quanto nas duas margens do Rio Doce localizadas ao pé da

⁹ Figueira é o antigo nome da vila que se tornou a cidade de Governador Valadares, em homenagem ao então governador do estado de Minas Gerais.

montanha (Ibituruna). Em 1938 foi decretada a emancipação política do município de Governador Valadares, localizado no nordeste do estado de Minas Gerais, na mesorregião do Vale do Rio Doce. A atividade econômica, baseada na exploração da mica, madeira, carvão vegetal e pedras preciosas, resultou no rápido processo de urbanização do local e na fixação de contingentes humanos.

A cidade de Governador Valadares está, desde a sua fundação há 70 anos, em contato com diversos lugares do mundo principalmente com os EUA. Seus primeiros habitantes compõem um todo heterogêneo que contava com a presença de pessoas vindas de diversos lugares do Brasil e do mundo, que ali chegavam em busca de uma prosperidade impulsionada pela possibilidade de extração de diversos minérios e pedras preciosas. (GUERREIRO, 2010:8)

Em 15 de agosto de 1919, foi consolidada a ocupação da região com a inauguração da Estação Ferroviária. A partir de então as atividades comerciais se intensificaram, tropeiros transportavam riquezas para todo o interior de Minas Gerais e surgiram diversos ramos de atividades, como madeireiras e mineradoras para extração da mica, ouro e pedras preciosas. (YAMAUIE 2011:12, grifo meu)

Na década de quarenta, quando empresas norte-americanas se interessavam pela extração da mica (mineral) para abastecer sua indústria, ocorre forte migração rumo a Governador Valadares. Essas empresas promoveram, durante os anos de atuação em território valadarense, um dinamismo econômico na região com presença de moeda estrangeira e mercado interno, atrelando à chamada “América” um *status* de visão progressista e de modernidade (Assis: 1999). Com o Acordo de Washington, no ano de 1942 em plena Guerra Mundial, a presença estadunidense na região aumentou. As reservas de Mica e Minério de Ferro haviam sido encontradas durante a construção da Estrada de Ferro e eram necessárias como matéria prima para a indústria bélica dos Estados Unidos. Os investimentos provenientes do acordo foram decisivos para o

desenvolvimento da estrutura urbana, resultando na criação do Serviço Especial de Saúde Pública e dos Sistema de Tratamento de Água. Também incentivou os grandes projetos da Companhia Siderúrgica Nacional e da Companhia Vale do Rio Doce, esta última vendida à iniciativa privada no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Em 1944, a Rodovia BR-116 atravessa as terras do município, confirmando sua situação de pólo regional ao intensificar a concentração de atividades comerciais e de prestação de serviços. A cidade se tornou atraente economicamente e recebeu fluxos migratórios principalmente do norte do Espírito Santo e do sul da Bahia, influência visível em grande parte da população local como características culturais.

A presença de estrangeiros e o contato destes com a população (que, como vimos, ocorre desde o início do povoamento da região) contribuíram para a formação de uma noção coletiva sobre a "América" enquanto terra das oportunidades e do sucesso econômico. Pessoas idosas com que tive contato e que viveram na cidade naquela época diziam que os "americanos" pagavam por serviços em dólares, o que na época era considerado uma fortuna se comparado à moeda nacional. Os diferentes ciclos econômicos (em sua maioria extrativistas), a construção da estrada de ferro e a urbanização do povoado atraíram trabalhadores de todo o Brasil para a região (YAMAUIE 2011:12)

Como mostra Zenólia Almeida (2003), havia em Governador Valadares alguns condomínios, chamados de acampamentos, onde residiam os "americanos" e funcionários de alto escalão das Companhias. A entrada era proibida para os habitantes da cidade. Nas palavras da socióloga, atravessar a cerca que separava esses condomínios da área habitada da cidade era como *entrar em um outro mundo*, justamente pelo conforto ostentado pelos "americanos", por seus bens eletrônicos e por suas formas ou tipos de habitação, casas. As empresas norte-americanas contratavam regimentos de trabalhadores mineiros que ainda nem sonhavam com direitos trabalhistas. Era entrar

em um dos regimentos, que aparentemente foram gerenciados por funcionários dessas empresas, e receber pela produção.

A cidade nasceu e cresceu graças a estes estrangeiros, e por eles foi explorada até a exaustão; é um território marcadamente transnacional desde o princípio, e talvez possamos dizer que foi tal relação com os "americanos" por determinado período que possibilitou as primeiras investidas migratórias valadarenses. (YAMAUIE 2011:14)

Nos estudos feitos sobre Governador Valadares, hoje um dos principais pólos metropolitanos do Vale do Rio Doce, exerce considerável influência devido a infra-estrutura em serviços públicos, administrativos (bancos, cartórios e etc.), comércio e centros educacionais. E a cidade compartilha a memória de que seu desenvolvimento econômico e social é fruto da relação histórica com os Estados Unidos. (ALMEIDA, 2011:15 grifo meu)

Na década de cinquenta Governador Valadares já despontava como potencial para se tornar a maior cidade do leste mineiro. Porém, devido a inúmeros fatores, como as descobertas de jazidas de cobre, a desvalorização da mica, o fim da segunda guerra, que fizeram com que a iniciativa estrangeira abandonasse a cidade. Os vinte anos seguintes, décadas de sessenta e setenta, foram difíceis para grande parte dos habitantes da cidade; estava desenhado o sonho de conquistar a *América* e havia uma enorme demanda populacional disposta a seguir esse rumo.

Cabe destacar que a população era composta maciçamente por trabalhadores oriundos da exploração mineral. Perderam a atividade do dia para a noite com a saída de empresas norte-americanas de garimpo da região, por motivo óbvio de diminuição das reservas extrativistas e, também, de desvalorização, principalmente da mica, no mercado mundial. O problema tomou proporção de bolsões de pobreza e tensão social (Soares, 1999), piorado com a falta de estrutura urbana (escassez de água e inexistência

de sistema de saneamento) e inflado contingente populacional. Empresas com sede em Boston-EUA já haviam promovido intercâmbio cultural para seus funcionários brasileiros e, mesmo com a retirada destas do solo nacional, muitos foram mantidos, remanejados, o que aumentou ainda mais a identificação das duas cidades através de parentes ou amigos que se encontravam em solo estrangeiro, principalmente norte-americano.

O setor terciário (o mais desenvolvido) já não conseguia responder a demanda por empregos e os valadarenses experimentaram uma queda no "nível de vida" que destoou do "progresso" associado ao investimento e padrão de gasto proporcionado pelos estrangeiros, dado que estes retornaram aos EUA assim que as atividades comerciais e extrativistas estabelecidas na região perderam o dinamismo (Scudeller, 1999). Muitos estrangeiros retornaram a seu país levando consigo seus empregados valadarenses para atuar em trabalhos domésticos. Este fluxo, que foi iniciado na década de 1960, intensificou-se nas décadas seguintes. (YAMAUIE 2011:14 grifo meu)

Diretamente proporcional ao rápido crescimento econômico e demográfico, a diminuição das reservas minerais, e conseqüente saída da iniciativa privada estadunidense, foi decisiva para que o quadro de colapso se tornasse realidade. No imaginário da população estava a riqueza trazida e ostentada pelos americanos funcionários das companhias, que viviam nas casas imponentes dos condomínios da época, planejados para recebê-los, e usufruíam de todo luxo disponível. Soma-se ainda o início de um período de estagnação econômica brasileira, contínua desvalorização da moeda e altos índices de inflação. Não bastasse, a cidade mineira também sofreu com catástrofes naturais, como as enchentes da década de setenta que deixaram muitos desabrigados, contribuindo para uma situação de caos social.

Nas décadas imediatamente posteriores, de oitenta e noventa, ocorreu o que chamo de auge do movimento de valadarenses que tinham como destino os Estados

Unidos. Datam dessa época de moeda americana fortalecida a criação das redes especializadas, atuação de facilitadores, como agiotas em caso de empréstimo para custeio da viagem, e substituição parcial do parente ou contato no exterior por recurso monetário como possibilidade de deixar o país. De certa maneira, essas pequenas mudanças aumentaram, ainda que com base em endividamento, as possibilidades de realização do sonho de chegar a *América*, partilhado por muitos habitantes da região.

Homens e mulheres se aventuraram a cruzar o deserto onde se localiza a fronteira do México com os Estados Unidos, uma jornada que sempre será lembrada pela situação de extrema dificuldade em todos os aspectos da travessia. O retorno em dólar apagava o sofrimento causado pela distância da família e pelo penoso mercado de trabalho informal norte-americano; garantia a aventura, a quitação dos custos da viagem, o sustento da família em tempo de ausência de um membro provedor, o investimento no local de origem e o retorno do emigrado com *status* e padrão de consumo aumentados. Nos projetos desse tipo, a construção de uma casa era requisito básico para o sucesso do agente, a qual geralmente era construída na mesma vizinhança onde vivera no Brasil. Em bairros com pouca infra-estrutura ergueram-se mansões que contrastavam com a paisagem. O comércio da cidade passou a ser dominado por iniciativas de dinheiro estrangeiro, que muitas vezes foi aceito como moeda corrente no varejo.

Em uma análise macro-econômica desse fenômeno, Weber Soares revela um montante de 153.727.000 de dólares em investimentos realizados por emigrantes no período que vai de 1984 até 1993. Para o autor esse

fato que dimensiona a importância dessas aplicações para a economia valadarense, permitindo inferir que o dinamismo do mercado de compra e venda de imóveis urbanos, em Valadares, está intimamente ligado à emigração expressiva de parcela da força de trabalho, ou melhor, às aquisições, em moeda estrangeira, realizadas pelos emigrantes. (SOARES 1999:284)

Muitas pessoas afirmam não conseguirem emprego no Brasil ou preferem trabalhar no exterior, pois os salários são muito melhores, mas existem

também outras motivações que diversas vezes são tão importantes na decisão de emigrar quanto o desejo de enriquecimento financeiro. Emigrar também garante ao emigrante um certo poder. No Brasil quem morou fora do país volta com status pelo simples [?] fato de ter emigrado, mesmo que tenha voltado sem dinheiro. Em Governador Valadares isso é um pouco diferente: em razão da expressiva quantidade de pessoas que emigram, existe uma pressão maior para o emigrado ser bem sucedido financeiramente. É claro que só pelo fato de ter conseguido emigrar já há celebração, mas as cobranças são grandes. Se não for bem sucedido, o emigrante corajoso e determinado, disposto a correr riscos e sacrifícios é visto como um trouxa, um fracassado, incapaz de vingar onde tantos outros fizeram fortuna, e o projeto que visava um aumento no nível de vida e de estatuto social de toda uma família transforma-se no seu oposto (Oliveira, 2004). Ainda assim, lá encontrei pessoas que não queriam emigrar visando enriquecimento financeiro, mas sim experiência de vida, aventura, reencontro familiar, casamento, aprendizagens, etc... (YAMAUIE 2011:17)

Já que partimos de um ponto de vista histórico, chamo a atenção para um primeiro momento no qual as redes de facilitação ao emigrante ilegal ainda não tinham se estabelecido completamente. A demanda de pessoas dispostas a emigrar foi o que possibilitou o surgimento dessas redes, e não o contrário. Como questionar então a presença de uma visão otimista em relação aos processos de migração incrustada no imaginário popular, pelo menos anteriormente a criação das redes? Aponto para novas questões mais importantes: Esse sentimento presente no imaginário popular ainda persiste apesar das redes terem se tornado tão complexas que, dessa forma, promoveriam tamanha facilidade¹⁰ que tiraria da visão de sucesso e retorno, e colocaria no campo da alternativa à falta de oportunidades observada na cidade, os motivos pelos quais os valadarenses continuam emigrando? E por que essas interpretações têm necessariamente que ser tomadas como excludentes? Uma vez que, do mesmo ponto de

¹⁰ Como se ouve na região: “É mais fácil ir para os EUA do que para São Paulo”

vista histórico, o que teria propiciado a demanda de pessoas interessadas em trabalho no exterior era uma possível sociedade desigual na época, e assim por diante.

A sugestão aqui é que se pense o processo de duas maneiras diferentes, uma antes da configuração da complexidade das redes que enviam emigrantes ilegais ao exterior, quando a emigração é fruto de um imaginário popular de que é bom e vantajoso emigrar; e outra depois da consolidação das mesmas, que controlando a política da região e, conseqüentemente, barrando possíveis novos postos de trabalho, com o agravante do crescimento demográfico e o avanço da racionalidade financeira; produziu alternativas para a mão-de-obra inativa presente em Governador Valadares. Na verdade, essa argumentação trata-se de uma busca de resposta à pergunta que certamente todos os que conhecem a sociedade valadarense de perto se fazem: Por que os valadarenses continuam emigrando? É infinito o número de fatores que são somados à equação dos motivos possíveis pelos quais os valadarenses deixam suas famílias em território brasileiro para se aventurar no exterior, o que na maioria das vezes é marcado pelo desgaste físico, devido ao excesso de trabalho, e emocional, devido às saudades da família.



Figura 7 - Banca com preenchimento de passaporte no centro da cidade

Foram criadas outras muitas atividades em torno do fenômeno da migração. ONGs como a ASPAEMIG-BR, Associação de Parentes e Amigos de Emigrantes, e o CIAAT, Centro de Informações e Assessoria Técnica, são entidades que tem como bandeira tratar e auxiliar a comunidade em questões relativas ao fenômeno migratório.

Há uma intensa disputa política pelos votos do eleitorado transnacional na cidade (Yamauié, 2011). Existe, além de um monumento em homenagem aos emigrantes, o "dia municipal do emigrante", festejado no 4 de julho, em referência ao dia da independência dos Estados Unidos. Há também programas de rádio e televisão direcionados à população emigrante ou a seus familiares no Brasil. Durante a exibição desses programas, os intervalos comerciais estão dominados por propagandas de bancos e financeiras.

A cidade possui acordos de cooperação com as cidades norte-americanas de Newark (Nova Jérsei) Everett e Framingham (Massachusetts) que as tornam "cidades irmãs" de Governador Valadares, dado o expressivo número de valadarenses residentes nestas cidades. (YAMAUIÉ 2011:20)

Foi a partir de meados da década de dois mil que se tornou mais perceptível a diminuição do fluxo de brasileiros, valadarenses, para os Estados Unidos. Essa diminuição tem relação direta com o enrijecimento da política imigratória estadunidense e com o crescimento econômico brasileiro. No entanto, mediante a essas dificuldades, novas rotas foram criadas e países europeus atraíram muitos moradores da cidade. Portugal (Machado, 2001), pela facilidade da língua, tornou-se destino certo. Espanha, Inglaterra e até os países da Europa Leste entraram na lista dos possíveis pontos de chegada. O caso do imigrante brasileiro, Jean Charles de Menezes, assassinado pela polícia de Londres em 2005 ganhou repercussão internacional e trouxe à mídia algumas características da imigração em toda a região de Governador Valadares(Almeida, 2011).

Essa transformação encontra suas raízes no desenvolvimento de redes especializadas em tráfico de pessoas, que pluralizaram os canais de imigração ilegal para outras partes do mundo rico em dinheiro e oportunidades de trabalho informal, cobrando altos preços pelo transporte, endividando os recém emigrados. Quem ainda sonhava com a *América*, valadarenses, moradores da zona rural ou de cidadezinhas próximas, tiveram suas demandas contempladas pelas redes profissionais que, dessa forma, também ampliavam seu mercado consumidor. É provável que, nesse tempo, as

redes de tráfico de pessoas atingiram seu máximo de influência, aparecendo amplamente representadas na política local (Yamaue, 2011). Em seu trabalho, Yamaue, além de apontar alguns instrumentos políticos para a manutenção de tais "máfias", analisa as dívidas contraídas com estas na chave da dádiva, e conclui que a imigração para o valadarenses não se trata apenas de uma opção profissional, ou instrumento para enriquecimento material. Esse é um fenômeno cujas raízes são mais íntimas e profundas.

Os destinos se multiplicaram. Portugal, Reino Unido, Espanha, Canadá, Austrália, entre outros, foram países que receberam emigrantes valadarenses do final do século XX e início do XXI, demonstrando também o grande aparato institucional das redes de tráfico de pessoas. *Para que o imigrante possa concretizar seus planos, ele precisa contar com uma rede de relações sociais bem desenvolvida, na origem e no destino* (Fusco, 385-2001). Dessa forma, para além das fronteiras da “América”, o projeto de migração, para onde quer que seja o destino, há tempo é bem visto e atrelado diretamente à recuperação ou sucesso econômico.

Para dados oficiais, nesse período são cerca de 40 mil valadarenses fora do território nacional, representando 15% da população da cidade que totaliza cerca de 260 mil habitantes¹¹. Isto propõe alterações não só no campo da política e economia, mas também na base das relações da instituição familiar. Tive acesso a informações sobre remessas de dinheiro enviadas do exterior em uma agência do Banco do Brasil: Nos poucos minutos que se passaram a partir do começo da conversa até que o segurança do banco me pedisse para que me retirasse, consegui o relato da funcionária do banco que dizia que, até o dia quinze de todo mês, de cento e vinte a cento e cinquenta pessoas, por dia, aparecem no banco para retirada de remessas de dinheiro enviadas por parentes no exterior. Depois do dia quinze o movimento diminui, mas nunca chega a cessar totalmente. É necessário frisar também que estava tratando ali somente de uma agência, de um banco, sendo que há várias outras, de vários outros, além da informação de que a maior parte das remessas nem é declarada.

¹¹ Censo IBGE 2010.

Durante as pesquisas de campo realizadas nos anos de 2008 e 2009 acompanhei de perto alguns novos projetos de imigração realizados por famílias valadarenses. Os destinos eram diversos, mas a preferência pendia levemente para os Estados Unidos. Em alguns casos, a dificuldade de travessia dessa fronteira foi fator decisivo para que o emigrante optasse por alterar o destino. Em outros, o contato no país norte-americano ainda é fundamental, uma vez que *para ser valadarense é só ter um parente nos Estados Unidos e uma bicicleta*¹². Apesar do parente ou contato no destino, quem cuida do meio do caminho, do transporte ou da travessia, são as redes ou máfias de tráfico de pessoas; a não ser nas piadas contadas na cidade: por uma vez ouvi uma piada sobre o *Seu Bragato*, morador do alto do Pico do Ibituruna, que era convicto e testemunhava sobre sua abdução por alienígenas. *O velho nunca foi de mentir*, dizia o piadista. A anedota contava que o *Seu Bragato* está cobrando dois mil dólares para *o cara ser abduzido como ele e, na hora de voltar, alteram as coordenadas e o cara cai direto em Boston, vinte por cento do preço do coiote*, enfatizando o final. Às risadas, indaguei sobre outros destinos e ele me respondeu que *não havia problema nenhum para os alienígenas*.

De acordo com Margolis (1994), as cidades do Vale do Rio Doce são marcadas por uma "cultura de migrar" porque apresentam amplos padrões de migração internacional, conseqüente do envolvimento de laços históricos com outros países. Segundo a pesquisadora, esta característica leva ao fortalecimento de padrões que estruturam e simbolizam o ato de imigrar, tornando-se um projeto de vida de muitos cidadãos (...) (ALMEIDA 2011:17)

Assim, mesmo que a experiência migratória assuma quaisquer condições pontuadas por Weber Soares [um viés macroeconômico para os fenômenos migratórios], e seja um acontecimento que permeia toda a sociedade valadarense, penso que, apesar das redes facilitadoras que impõem este fenômeno, emigrar é um verbo comum aos valadarenses e, ao longo de sua história e das inúmeras emigrações sobretudo para os

¹² Frase de morador da cidade de Governador Valadares, amplamente reiterada etnograficamente. A questão da bicicleta é uma metáfora da extensa planície na qual a cidade se encontra.

EUA que a compõem, tornou-se, nesta sociedade, mais que uma possibilidade de sucesso financeiro; tornou-se um mito que povoa seu imaginário popular. (GUERREIRO 2010:10)

No adequado 4 de julho de 2011 ocorreu um evento, patrocinado pela prefeitura de Governador Valadares, que tinha por objetivo promover um debate público sobre o fim da imigração valadarense para os Estados Unidos. Os raros que estavam presentes, entre eles este pesquisador, participaram de uma reunião confusa, com dados estatísticos facilmente questionáveis, como a própria motivação do evento. Foram pauta principal do encontro a crise americana anunciada e as estratégias de combate a imigração ilegal. Mesmo com a evidente diminuição do número de brasileiros que rumam para o exterior, a cidade continua sendo referência quando o assunto é atravessar o deserto mexicano.

Na mesma semana o Diário do Rio Doce, jornal impresso local, publicava em sua manchete: *Jovem de Ferrujinha¹³ morre em tentativa de cruzar fronteira com os EUA*. O encontro não citou os casos de pessoas da região, de cidades menores próximas, que vêm para a cidade a fim de iniciar um projeto de migração. Tampouco se sabia sobre outros destinos com os quais os valadarenses compõem novos projetos. Menos ainda se falou sobre o crescente número de estrangeiros em todo o território nacional. O resultado do evento gerou bastante incerteza para quem vive a cidade. Representantes locais transformaram dados duvidosos em propaganda eleitoral, reproduzindo o discurso dos problemas irreversíveis desse tipo de experiência para a sociedade em questão. Esses problemas são e foram costumeiramente apontados pela sociologia local durante a década anterior.

Com essa visão histórica de aproximadamente quatro séculos de movimentos, ainda que com ênfase em um passado mais imediato, espero ter pontuado algumas características da exploração do relevo regional no que se refere ao seu processo de povoamento. Sublinhado sua característica de entreposto comercial e de prestação de

¹³ Cidade próxima

serviços. Também apontado para um caráter sistêmico de repetição da história, composta agora por novos conteúdos. Dos movimentos comuns ao fim do século XX, do mito da América, até os movimentos de tropeiros do final do XIX. O mito da América, ou o mito de "emigrar" na concepção de Guerreiro(2010), são transformações de uma idéia maior, de um mito dos movimentos que nesse texto será encarado como *perspectiva*.

Reconhecendo a rentabilidade do processo de povoamento da região para a construção de potenciais de identidade coletiva, gostaria de chamar a atenção para os movimentos que deram início a esse processo na região. Por este trabalho estar vinculado ao movimento de pessoas, e pela recorrência etnográfica do feijão tropeiro, dedicarei as próximas páginas a uma reflexão sobre os investimentos tropeiros que fundaram a cidade. Se tratasse de preferências musicais, certamente outros fluxos, que não deixariam de assim ser, se encaixariam de maneira mais adequada, como os de baianos e capixabas que tinham como destino as reservas extrativistas do leste mineiro em exploração. O próximo capítulo tratará de uma sociologia da cidade mineira através dos movimentos tropeiros, mais especificamente da produção diária de sua comida. Nesse espaço também pretendo discutir as concepções de identidade e etnicidade como conceitos totalizantes nas teorias sobre populações em movimento.

Capítulo II: Linhas, feixes e superfícies

O antropólogo tem uma licença profissional para estudar tais estruturas intersticiais, suplementares e paralelas [também denominadas de estruturas informais]... e para expor suas relações com as principais instituições estratégicas dominantes (Wolf, E. 2001 [1966a]:167-168).

Tropeirismo como sistema social

O tropeirismo foi um movimento que deu origem a todo um sistema social nos séculos XVIII e XIX. No esforço de apresentar suas características, nota-se que estas devem muito a outros deslocamentos como o bandeirantismo, que serviram de base para o investimento tropeiro. O bandeirantismo, que data de um século antes, foi um instrumento da coroa portuguesa para solucionar os problemas de escassez de mão-de-obra e povoamento do território nacional. Neste momento, São Paulo era uma pequena vila que não contava com infra-estrutura necessária à fixação de grandes contingentes. Seus habitantes fugiram do desenvolvimento também limitado da vila de São Vicente, ainda na época das *capitanias hereditárias*. São Paulo começava a atrair gente oriunda do litoral brasileiro. Com a escassez de alimentos e a dificuldade de comunicação com São Vicente (serra do mar) os bandeirantes ou paulistas desceram o Rio Tietê, abrindo trilhas pela mata, explorando os recursos naturais para alimentação, capturando índios nativos e transformando-os em escravos. Seguiram rumo ao norte, até a descoberta do ouro nas Minas Gerais.

O trabalho pesado na extração e distribuição do ouro a partir do reconhecimento das minas acabou valorizando o escravo no mercado interno, na medida que eram poucos que suportavam este regime. Ao mesmo tempo, a região mineradora sofrera rápido povoamento que culminou em crises de fome na época devido à inexistência de um sistema agrícola complexo para suprir as necessidades dessa população. Com a

tropas. Eram entrepostos bem localizados, locais de pouso que visavam atender às necessidades dos que passavam por ali.

Mesmo com o surgimento da Estrada Real, construída com base nas trilhas indígenas e bandeirantes, o tropeirismo como forma de vida era o que garantia o abastecimento de vilas e cidades por todo o estado de Minas Gerais. Muitos historiadores dão por encerrada a atividade tropeira a partir da última década do século XIX, com a expansão cafeeira e ferroviária, mas há indícios de que esse sistema social completo tenha perdurado por pelo menos mais duas décadas e explorado outros relevos do estado mineiro e do Brasil.

O que os movimentos tropeiros, como sistema social, tem a ver com a sociedade valadarense, se a emancipação da cidade data de meados do século XX e se esta região de escudo cristalino do nordeste de Minas Gerais era inóspita, de difícil acesso e não trazia riquezas supervalorizadas como o ouro? Como foi dito anteriormente, a região de Governador Valadares, desde o século XVIII, servia de parada para os movimentos tropeiros. O marco referencial representado pelo Pico do Ibituruna favorecia a passagem de viajantes que tinham como destino as cidades marcadas pelas reservas do ouro e metais preciosos, se vindos do litoral baiano, ou à cidade de Salvador, se o caminho era realizado inversamente.

Mesmo antes de qualquer expressão do vilarejo de Figueira, ainda no século XIX, o local era de fácil reconhecimento para os que penetravam nessas terras. Com 1123 metros de altitude, o Pico do Ibituruna é um dos pontos mais altos do leste de Minas Gerais, e funciona ainda como marco referencial para viajantes e habitantes da região. Dessa forma, para a constituição da vila de Figueira, que posteriormente se tornou cidade mineira levando o nome do então governador da província, a importância desses movimentos é fundamental na formação de sua aptidão para os setores de comércio e serviços, que mesmo hoje são referências locais. Sua característica de entreposto comercial se incrementara após a inauguração da estrada de ferro e da rodovia BR 116.

Feijão Tropeiro em Governador Valadares

pode-se esperar descobrir, para cada caso particular, como a culinária de uma sociedade é uma linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura, a menos que, também sem sabê-lo, limite-se a revelar nela suas contradições.(Lévi-Strauss, [1968] 2006:448)

Com a apresentação das características históricas e da geografia das relações sociais valadarenses chegamos ao movimento tropeiro como forma original, com motivação urbana, do povoamento da vila de Figueira. Esse sistema social tem características específicas de alimentação. Devido às distâncias percorridas e às dificuldades no transporte de alimentos, seu cardápio era constituído basicamente de carne seca, feijão, toucinho, farinha de mandioca, torresmo e couve. Nos pousos, comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho, que era servido com farofa e couve picada. Mesmo com inúmeras variações no seu modo de preparo, nos ingredientes que o compõe, o *feijão tropeiro* é um prato freqüente ainda hoje na alimentação de muitas cidades e regiões do Brasil e é chegada a hora de esboçar uma reflexão sobre a comida. Ou seja, se hoje é comum encontrar feijão tropeiro na cidade, qual sua relação com a continuidade dos fluxos valadarenses?

O feijão tropeiro não é o mesmo que alimentava as empreitadas dos tropeiros. Existem muitas variações entre os ingredientes utilizados, mas a base do prato continua parecida: feijão, farinha de mandioca, torresmo, carne-seca e couve; justamente os alimentos que as tropas carregavam, comercializavam e que tem por característica suportar o tempo e as dificuldades da viagem. Em Governador Valadares, pode-se encontrar desde receitas mais simples que não o incrementam com nenhum outro ingrediente até reelaborações do prato. Na Bahia, recebe o complemento da farinha de

milho, o que o torna mais seco. No sul de Minas Gerais, o feijão tropeiro é feito com mais caldo, que em contato com a farinha de mandioca transforma sua textura, aparentada agora ao tutu de feijão. Há, porém, mais recorrência na composição do prato com adição de ovo, lingüiças, dos tipos calabresa e mista fina, e até banana¹⁵. Às vezes, os tipos de lingüiça utilizados substituem a carne-seca ou de sol. Não posso apresentar informações precisas sobre valores nutricionais de cada ingrediente que é incluso na mistura. No entanto, a partir da variedade dos elementos utilizados, é apresentada a nós como base da alimentação dos tropeiros, portanto uma refeição completa.



Figura 9 - Feijão tropeiro

Além da mistura dos ingredientes, para fazer o feijão tropeiro há ainda que combinar vários modos de preparo diferentes à cozinha. O feijão é cozido separadamente, as carnes ou lingüiças passam por um processo de selagem enquanto o

¹⁵ Essa adição da banana em vários pratos acontece com frequência em Governador Valadares e mereceria a atenção para um estudo mais detalhado sobre a culinária local, vinculada à sua disponibilidade e ao seu valor cultural.

torresmo é ainda pururucado¹⁶, e os outros ingredientes como a couve, o ovo (pode ser cozido), a farinha de mandioca¹⁷, e a banana, quando encontrada, são adicionados em sua forma crua. Com todos os ingredientes reunidos, sua mistura acontece em tachos ou grandes panelas de ferro, com o cuidado de não mexer os ingredientes com qualquer instrumento. Para que o feijão já cozido não se quebre durante a mistura, deve-se fazer o movimento com a panela, para cima e para trás, até que a mistura alcance um certo grau de homogeneidade.

Se o feijão tropeiro é uma comida vinculada historicamente a um sistema social baseado no movimento, as características de sua produção não devem escapar a essa lógica. Geralmente, a modalidade do feijão em questão é produzida em grandes quantidades dadas a mistura de elementos diferentes em sua composição final e a complexidade de seu modo de preparo. O jogo entre as técnicas de cozinha e a combinação dos ingredientes só poderia resultar em um prato único, que se prestará a alimentar todos os integrantes da *comitiva*. Os deslocamentos e pousos do sistema social tropeiro estão diretamente relacionados com a produção diária de sua comida, que atende às características de movimento.

É notável que o feijão tropeiro não é comida do dia-dia da família valadarense¹⁸, como é o feijão de caldo. Por esse aspecto, escapa ao ambiente da casa que terá importância maior para este trabalho. As características do prato e de seu preparo não combinam com a estabilidade da vida familiar. Por estar de fora da casa também corresponde ao programa metodológico, *de dentro para fora*. Há que lembrar, porém, que como adiantado na introdução, a opção de construção dessa dissertação apresenta, primeiro, este *olhar distanciado*, para nos próximos capítulos focar em uma

¹⁶ Consegue-se pururucar os pequenos pedaços de torresmo usando o método de fritura por imersão em banha ou óleo fervendo.

¹⁷ A farinha é representada como crua, mesmo que sua produção seja tão complexa como a produção do feijão tropeiro, com etapas de cozimento e secagem, não há necessidade de fazer uma reflexão sobre suas técnicas de preparo. De qualquer forma, o tropeiro negociava, comprava e vendia, a farinha de mandioca, ou seja, a produção não era sua competência.

¹⁸ Em campo, das vezes que tive a sorte de almoçar ou jantar na casa das famílias imigrantes que acompanhei, ou de outros informantes com os quais me aproximei durante a pesquisa, nenhuma foi-me servido o feijão tropeiro. Acredito que a constituição histórico-cultural do prato não combine com a vida familiar a não ser que exista alguma família ou grupo que compartilhe de outros modos de vida tipicamente tropeiros. O prato pode ser cardápio para dias de festas e encontros entre parentes e amigos, mas dificilmente aparecerá no dia-dia familiar.

antropologia na cidade, apontada para esses *princípios mais abrangentes e estruturas de mais longa duração*. Portanto, o esforço de incrementar esse modelo pelo feijão tropeiro é posterior à etnografia dos grupos emigrantes que, como veremos, exigiu a relativização e reconhecimento dos modelos locais da história, da geografia e da sociologia econômica.

Respondendo aos aspectos geográficos e históricos do movimento de valadarenses evidenciados no capítulo anterior, poucos estabelecimentos comerciais do ramo da alimentação deixam faltar o feijão tropeiro. Seria esperado, se sua produção é diretamente vinculada ao movimento, que as características de seu consumo também o sejam. Afinal de contas, onde é possível comer feijão tropeiro em Governador Valadares?

Por sua característica de centro comercial e de prestação de serviços muita comida é oferecida; a cidade apresenta inúmeras opções de variedades alimentícias durante o dia todo, concentradas no centro, mas que se estendem por toda a região da planície habitada, funcionando de segunda à segunda. Apesar da diversidade, são os bares, botecos, gauchões¹⁹ e barraquinhas que detém a preferência, principalmente no período noturno. Nos três primeiros sempre se encontra o feijão tropeiro, tanto para estabelecimentos do centro como para os da periferia valadarense. As barraquinhas são mais variadas, sendo que as que se prestam a comercialização deste prato se localizam em regiões de intensa movimentação de veículos e pessoas, como nas saídas da cidade e nas imediações de instituições como a universidade. No centro da cidade há duas lanchonetes especializadas em feijão tropeiro. Tanto estas quanto as barraquinhas vendem para consumo no local e marmitas para viagem.

Pela periferia, há botecos e barraquinhas em praças ou nas próprias casas dos moradores, a medida em que se distancia o centro, que comercializam esse tipo de comida. Nos bares, botecos, lanchonetes e restaurantes por quilo, o feijão tropeiro é opção no cardápio, também é sugerido como acompanhamento nos *à la carte*. Nas lanchonetes especializadas e nas muitas barraquinhas, os únicos produtos

¹⁹ Gauchão é um tipo de lanchonete comum em Governador Valadares que oferece desde lanches ao estilo fast-food, até caldos, espetos de churrasco, porções quentes e frias, pratos executivos, bebidas alcoólicas, etc...

comercializados separadamente do feijão tropeiro são: arroz, torresmo (adicional) e mandioca frita (porção). A marmita com quatrocentos gramas de tropeiro com arroz custa cinco reais nessas lanchonetes, quatro nas barraquinhas e chega a três na casa dos moradores. Em dia de feira na praça, quintas e domingos, o preço do produto nas barraquinhas é o mesmo. O acompanhamento de arroz não tem custo adicional em nenhum dos casos. É importante ressaltar que muitos estabelecimentos do ramo alimentício estão às margens das rodovias que cortam a cidade.

Mesmo que não seja a base da alimentação da família valadarense, o feijão tropeiro é frequentemente encontrado por toda cidade. Seu consumo é, do mesmo modo que sua produção, vinculado à movimentação de pessoas. O que nos mostra as características de sua comercialização e consumo é que os pontos de venda do produto é que ou estão concentrados no centro da cidade próximo a rede hoteleira ou se distribuem pelas rotas de acesso e saída do município, nas quais o movimento de carros é mais intenso. Portanto, é mais um aspecto desse prato que teve seu desenvolvimento histórico constituído a partir da idéia de mobilidade.

Esta parte da análise se dedica, portanto, a apresentar algumas dimensões do vivido na cidade valadarense e sublinhar sua característica de pólo comercial e de prestação de serviços. Ora, dado o constante e intenso movimento de vendedores e consumidores por essa praça, essas dimensões não poderiam ficar à margem da discussão sobre as *perspectivas* valadarenses e sua relação com os fluxos migratórios produzidos no tempo presente. Não é uma característica desta cidade oferecer o feijão tropeiro, mesmo se considerarmos sua recorrência na praça comercial alimentícia, esse não é o ponto. Governador Valadares é mais uma das cidades onde é possível comer feijão tropeiro. Este, é encontrado facilmente por regiões paulistas e por todo o estado de Minas Gerais.

Sobre a história do povoamento desse estado brasileiro, a influência dos fluxos migratórios principalmente ligados a exploração mineral é evidente. De expedições que datam do Ciclo do Ouro até garimpos ilegais destes anos, todo o espaço relativo às Minas experimentou rápidos movimentos de povoamento e êxodo. Afirmar que o feijão tropeiro constitui mesmo que parte da identidade valadarense seria leviano, tanto no uso

do conceito fechado de identidade quanto na recorrência desse prato por todo o Brasil. Do mesmo modo, atribuir ao estado de Minas Gerais um pensamento baseado na mobilidade conduziria por caminhos que culminariam na interpretação de que todo o mundo pensa a partir dos movimentos que certamente estarão documentados pela história de cada local, e dos mecanismos que permitiram o respectivo povoamento.

Por outro lado, aquilo que a comida nos conta não deve ser ignorado, justamente por fazer a história acontecer no presente. Não é o ato de comer o feijão tropeiro que automaticamente traz à memória toda a realidade do século XVIII. Onde comer? Quais os ingredientes? Quais as técnicas de preparo? São as questões que implica a alimentação. Ora, essas questões, como vimos, são colocadas pela comida, e não pela história. Dessa forma, a vantagem de utilizar da linguagem culinária é que a mesma se presta a revelar as possibilidades que o ser humano tem de produzir sua história. Esta, só pode ser produzida a partir de significados que também estão em constante transformação.

As características da alimentação, produção da comida e modos de consumo dos alimentos fazem parte de um fenômeno que tem sua explicação nas fronteiras entre disciplinas acadêmicas como a biologia, a psicologia e a sociologia. O ato de se alimentar responde às características biológicas de sistemas digestivos e ao inventário histórico e cultural experimentado e adquirido por sociedades, ambos em relação direta. "As relações entre o biológico e o social não se reduzem a uma simples justaposição que permite designar, para um lado ou outro de um limite preciso, o território do primeiro ou do segundo. Elas são marcadas por uma série de interações."(Poulain & Proença, 2003).

Reconheço que nessas relações não delimitadas entre biológico e social a partir da alimentação, há um espaço de liberdade onde a cultura intervém para modelar os hábitos alimentares em diálogo com características fisiológicas dos organismos e adaptados aos territórios, configurando todas as dimensões sociais da alimentação. Portanto, acredito que trabalhando dentro desse espaço, possa apresentar a carga histórico-simbólica de alimentos, além de seus ingredientes, modos de preparo e características de consumo.

Todas essas questões são colocadas a partir do inevitável encontro entre história e etnografia. Antes de pretender estabelecer debates entre a biologia dos organismos e os significados culturais, tarefa que não teria tempo hábil para realizar, sugiro que devemos entender algumas convergências entre o método histórico e o método etnográfico, perceber os limites do alcance da história para a explicação de movimentos mas reconhecer seu papel na formação da cultura local. De que forma o feijão tropeiro está ligado à identidade valadarense? Não seria símbolo de nacionalidade, como a feijoada, manipulada de forma que seus produtores originais continuaram representando grupos sociais dominados (Fry, 1977), também não se aproxima da ideia de *soulfood* que envolve a noção de pertencimento ao grupo étnico além de uma segmentação atual exigida. Essa modalidade de feijão é , antes, prato típico de um sistema social completo que, oriundo da região sul, espalha suas características pelas regiões sudeste, nordeste e centro-oeste. Nesse sentido, o feijão tropeiro é alheio a recortes étnicos e de classe social.

[os contornos da culinária] possuem um lado natural - a digestão - e um lado cultural, que se estende aos modos à mesa, passando pelas receitas. Estas últimas pertencem, na verdade, às duas ordens, na medida em que prescrevem a elaboração cultural de substâncias naturais, ao passo que a digestão ocupa uma posição simétrica à delas, pois consiste numa elaboração natural de substâncias já tratadas pela cultura. Os modos à mesa, por sua vez, correspondem a uma elaboração cultural de certo modo em segundo grau, em que o modo de consumir se acrescenta ao modo de preparar. (LÉVI-STRAUSS [1964] 2006:423)

A significação social da comida não atende às lógicas de divisão científica, correspondendo prontamente às exigências deste trabalho: "quando uma ciência natural faz progressos, ela não o faz jamais no sentido do concreto, mas sempre no sentido do desconhecido"; uma vez que é "sobretudo nesses domínios mal partilhados que residem os problemas mais urgentes."(Mauss, 1978). Pela condição interdisciplinar dessa sociologia que é a das técnicas corporais, mas também é da alimentação, produção e

consumo de alimentos, Mauss se opõe radicalmente à *autonomia do social* de Durkheim e à *tradição positivista* de Comte.

É graças a sociedade que há uma intervenção da consciência. Não é graças a inconsciência que há uma intervenção da sociedade. É graças a sociedade que há segurança e presteza nos movimentos, domínio do consciente sobre a emoção e o inconsciente. É graças a razão que a marinha francesa obrigará seus marujos a aprender a nadar. (MAUSS 1978:421)

Ou seja, essa sociologia da alimentação representa o esforço interdisciplinar desse trabalho. O feijão tropeiro em Governador Valadares permite demonstrar com mais intensidade a idéia de movimento que é observável por várias linhas de significado na cidade. Nas páginas seguintes, demonstrarei como essas linhas formam *perspectivas*.

Identidades com intensidades

Em uma rápida passagem pelo que foi produzido em antropologia sobre as migrações nacionais e internacionais, é preciso destacar primeiramente que, por questões típicas do funcionalismo, a preocupação era com a integração do imigrante na sociedade receptora. Essa abordagem quase biológica dos fenômenos sociais é comum ao início do século vinte. O problema que surge é então o da persistência da diferença, e o tema é tratado de várias formas: assimilação, na qual as diferenças culturais são superáveis ao longo da incorporação gradual dos imigrantes à sociedade abrangente; absorção, que reformula o conceito de assimilação, agora com ênfase na passagem de uma sociedade “original” para uma nova. No entanto, ainda supõe a hegemonia da sociedade e culturas nacionais.

Entra em questão a noção de minoria, o pluralismo como possibilidade em ambientes de democracia cultural (WIRTH, 1945). A favor do multiculturalismo surge a idéia de etnicidade: configura-se como uma crítica aos pressupostos assimilacionistas e integralistas, ênfase no caráter estratégico e incorporação da idéia de grupo étnico (BARTH, 1969). Dentro da temática da migração, podiam ser discutidas identidades e fronteiras de pertencimento, mudanças locais ocasionadas por fluxos diversos, manutenção e reprodução das hierarquias sociais.

Como Governador Valadares se especializou em enviar pessoas para outras partes do mundo, e dessa forma está oposta às sociedades receptoras de imigrantes, o conceito de identidade necessita ser relativizado. Apesar do intenso envolvimento histórico e da descrição de seu espaço material vinculado aos movimentos, não são todos os valadarenses que emigram.

O esforço, agora, para pensar a questão da especificidade da lógica em que o corpo racializado e etnicizado é constituído discursivamente, através do ideal normativo regulamentar de um Eurocentrismo compulsivo (por falta de uma palavra diferente) não pode ser simplesmente enxertadas sobre os argumentos brevemente esboçado acima. Mas eles têm recebido um enorme impulso e original a partir deste argumento emaranhado e inconcluso, que demonstra, sem sombra de dúvida, que a questão da identidade, e sua teorização, é um problema de considerável importância política, e só é suscetível de ser avançado quando tanto a necessidade e a impossibilidade de identidades, e a costura do psíquico e do discursivo em suas construções, forem totalmente e inequivocamente reconhecidas. (STUART-HALL, 1995:16, tradução do autor)

A crítica a idéia de identidade começa pela origem dessa noção, dessa vez vinculada a outras concepções, como a de minoria. Também pelo desenvolvimento desses pressupostos, com suporte culturalista, relativo ao seu uso vinculado ao

crescimento de correntes teóricas específicas, como as teorias feministas (Stuart-Hall, 1995). Não é que não existam culturas ou identidades, elas são totalizadas de maneiras diferentes pelos sujeitos inseridos nesses processos ou outros habitantes da cidade que não tenham experimentado fisicamente o fenômeno. A idéia de identidade forneceria um quadro totalizante da cidade que, no mínimo, promoveria uma desconfiança em relação a esse trabalho. Mesmo se falarmos de identidades dos emigrantes valadarenses, tanto o grupo quanto o conceito não se fecham em si mesmos etnograficamente.

O nosso interesse está voltado às práticas transnacionais valadarenses, à circulação de signos, pessoas e capitais entre fronteiras materiais, burocráticas e simbólicas. O trânsito entre fronteiras lingüísticas e culturais, seu uso e identificação em contextos particulares, que se alternam de acordo com o ambiente etnográfico, foi indispensável para constituição deste trabalho. A antropologia está posicionada de forma a ter como seu objeto a sociedade em transformação, situação privilegiada para se discutir os rumos e limites da ciência moderna. Em primeiro lugar, um conhecimento mais interdisciplinar e menos especializado é necessário para que nós, antropólogos, nos debruçemos sobre os problemas reais que estão na relação entre nossas antropologias.

Este trabalho está direcionado às de *linhas de significado* que compõem *feixes da identidade* dos grupos emigrantes e, dada a representatividade desses grupos no cenário, também da população valadarenses. Esses feixes reúnem *linhas de significado* vinculadas a uma idéia de movimentação, que mais a frente serão demonstrados também pelo parentesco e pelas construções dos emigrantes retornados, outras *linhas* componentes da *perspectiva de movimentação*, da qual já temos a *história dos movimentos* e a *geografia das relações sociais valadarenses*.

O que podemos esperar da culinária no espaço urbano da cidade é sua relação com as especificidades de determinados povos e geografias. Essa relação é de mão-dupla: ao mesmo tempo que a sociedade objeto de estudo apresenta as características de sua alimentação para o antropólogo em experiência etnográfica, a carga simbólica da comida em questão, seu modo de preparo e suas possibilidades de consumo, atualizam o

saber que faz com que aquela sociedade se reconheça sobre si mesma. Ou seja, a história do povoamento e constituição da sociedade objeto de estudo, quando relacionada às suas práticas culinárias ainda vivas, fornece modelos de pensamento e exploração do território; seus ecos se prestam à repetição da história local através de mecanismos observados no tempo presente.

O feijão tropeiro é análogo ao *ficar parado*, expressão da língua portuguesa com também muita recorrência etnográfica. Como o prato, está contida em algumas citações de informantes deste trabalho. Essa expressão pode assumir diversos significados segundo o contexto. Em Valadares, *ficar parado* é o que não se deve fazer. Pode remeter ao desprezo pelo trabalho, quase uma ofensa; pode indicar comportamento incompatível com a vida noturna movimentada na cidade.

O feijão tropeiro não poderia ser identidade-para-o-mercado(Machado, 2009) em Governador Valadares. "Identidade-para-o-mercado não existe como construção simbólica inerte, ela cria condutas, cria visões de mundo e reflexões sobre o ser no mundo."(Machado, 2009). Mesmo que considere que sua imagem seja de certa forma simplificada, o feijão tropeiro é mais que um estereótipo esvaziado de conteúdo, por suas próprias características de produção e consumo, a mistura dos ingredientes e seu resultado, sempre feito em grande quantidade. Essa ferramenta, que junta a montagem da história em referência a um capitalismo tardio brasileiro com as construções da identidade nacional, teria de ser utilizada em menor escala, já que se presta a reconhecer o feijão tropeiro em relação à cidade mineira. Porém, não se trata de vincular os movimentos de pessoas com a recorrência do prato na praça alimentícia.

O feijão tropeiro representa uma reunião de *linhas* de significado. É uma *antropologia da cidade*, um *feixe de identidade* que une história e geografia a partir dos movimentos de pessoas e da própria idéia de movimento. Uma vez contemplado tanto em seu valor histórico quanto em seu modo de preparo e possibilidades de consumo, esse prato reúne as características de uma alimentação *para quem está em movimento*. Dessa maneira, o feijão tropeiro revela a idéia que esse texto tem intenção de transmitir, é um conteúdo que expressa a *perspectiva de movimentação*. É como que uma

conclusão adiantada, uma vez que cabe à *etnografia na cidade* revelar o porquê desse modelo ter sido escolhido.

Não estou sugerindo que o feijão tropeiro seria como uma identidade-para-o-movimento. Identidades, hifenizadas ou não, não delimitam os grupos, ou seja, não é possível reduzir as expressões de pertencimento dos grupos sociais a conceitos fechados, mesmo que duplamente qualificados no caso das identidades hifenizadas, como identidade nipo-brasileira. As identidades-para, preposicionadas, têm uma certa vantagem perante as simplesmente hifenizadas na medida em que levam em consideração o plano da intencionalidade para seus dois pólos. No caso da identidade-para-o-mercado, o ganho pode ser representado por duas relativizações, tanto do conceito de identidade quanto para qual mercado estão direcionadas. Portanto, *qual identidade pode ser absorvida por esse mercado?*, marcando a intencionalidade de ganho econômico dos conteúdos que são analisados por essa via. Pode-se acreditar, então, que seriam pelo menos mais reais do que os conceitos simplesmente polarizados (identidades hifenizadas). Porém, esse desenvolvimento da noção de identidade continua vinculado aos nichos, espaciais e ideologicamente representados, de populações imigrantes em sociedades mais abrangentes.

Portanto, o feijão tropeiro em Governador Valadares está distante da idéia de identidade, ou de identidades hifenizadas, preposicionadas ou pluralizadas. Resumindo, a apresentação e análise do feijão tropeiro é o *olhar distanciado* da cidade, que une geografias, histórias e biologias, onde estão agrupadas as *linhas componentes* que pretendi revelar com a *antropologia da cidade*. Essas *linhas* também estão em movimento, ou seja, não é somente por sua força e direção que aparecerão nessa pesquisa, atendem também a uma exigência do nível da *intensidade* para a composição de pensamentos coletivos. Fugimos assim das monografias sobre populações estáticas, ao mesmo tempo que recusamos os conceitos totalizantes de identidade e etnicidade. Não há intenção, portanto, de agrupar essas *linhas* para a construção de uma cultura emigrante valadarense, mas sim de reuni-las em uma *perspectiva* possível.

O papel da história na formação do pensamento, uma vez exaltado seu aspecto cíclico, faz sentido através de recortes sincrônicos da própria história. Por outro lado, as

características de relevo e clima evidentemente dialogam com os processos. Do mesmo modo que é impensável deixar de lado esses aspectos para se chegar a uma determinada forma de pensar baseada na experiência, reafirmo que não se deve creditar a esse trabalho a totalidade de representações com as quais poderíamos compor uma idéia de identidade. Como visto, não é possível falar em identidade valadarense como um conceito fechado. As identidades são múltiplas, fluidas e multifacetadas (Machado, 2011), e os indivíduos as totalizam de diferentes maneiras.

A contribuição desse trabalho é, principalmente, revelar uma dessas possibilidades de pensá-la em sua multiplicidade, que seria através da *perspectiva de movimentação*, superfície que emergiu a partir da opção metodológica e da inserção etnográfica deste pesquisador. As perspectivas são superfícies cruzadas por linhas de significado que formam *feixes*, se tocam, entrelaçam e transformam; são intencionalmente sobrepostas em determinadas situações, são baseadas nas metáforas da experiência. Somente quando várias perspectivas forem somadas é que poderemos visualizar os aspectos mais gerais, formadores e transformadores das culturas.

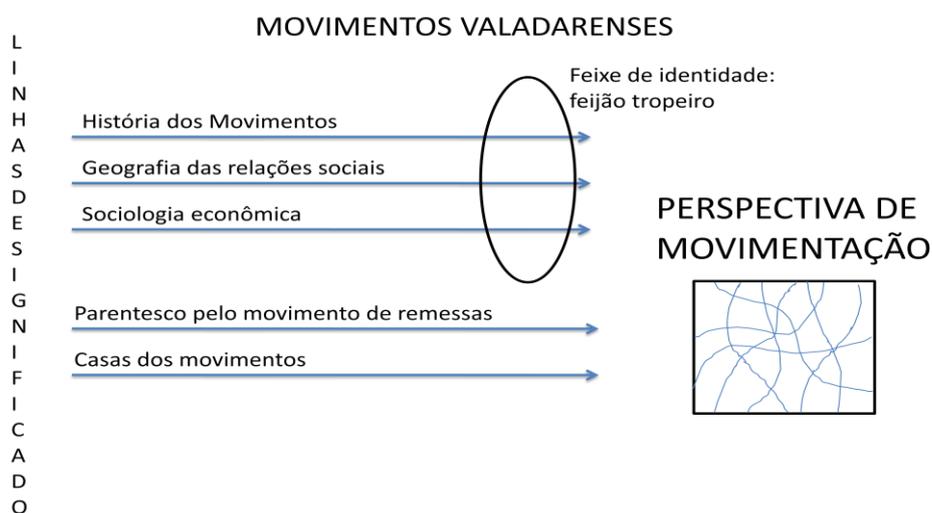


Figura 10 - Esquema (linhas apontadas para a perspectiva de movimentação)

Apesar da regularidade das formas que expressam as *linhas* de significado nesse esquema, essas linhas não são rígidas como retas. Tencionam e vibram como as cordas

de um violão na execução de um acorde. Por vezes, formam *feixes* com outras linhas e em outra direção. A oscilação de uma única *linha de significado* pode transformar os *feixes de identidade*, e conseqüentemente, as *perspectivas*. Tratarei agora da interpretação das outras duas *linhas de significado* que compõem este trabalho através da etnografia das dinâmicas periféricas, da produção do parentesco através do movimento dos bens e remessas de dinheiro e das construções emigrantes relativas ao momento do auge da emigração para os Estados Unidos. Foi a partir dessas linhas que pude esboçar um *modelo* de movimentos para entender a cidade, a *perspectiva de movimentação*. Portanto, a interpretação das *linhas de significado* reunidas na alegoria do feijão tropeiro foi um esforço posterior à interpretação dessas que tratarei adiante.

Capítulo III: Famílias emigrantes e a emergência do tema da casa

Para realização deste trabalho foram necessárias quatro abordagens de campo, entre 2008 e 2011, totalizando sete meses de contato direto com a população. Essas intervenções podem ser classificadas duas a duas: As primeiras realizadas com base em entrevistas semi-estruturadas e acompanhamento familiar em bairros determinados, as últimas pautadas na circulação do pesquisador pela cidade e região, sua interação com a sociedade que é objeto deste estudo. A diferença dos dados obtidos conforme a abordagem realizada é constituinte da opção teórico-metodológica apresentada. De certa maneira, a cidade exigiu a mobilidade do pesquisador por seus quatro cantos. Reafirmo que a opção de tratar de casas também surgiu após os primeiros trabalhos que realizei na sociedade estudada, opção que ficará nítida nesse capítulo. A imperiosidade e significação da casa em projetos de emigração para o retorno, recorrente no discurso dos agentes, foi pista que a etnografia revelou.

A produção do parentesco pelo movimento de remessas

Essa primeira parte pretende apresentar uma reflexão sobre o papel atual das remessas na organização da família dividida pelo fenômeno migratório processual na cidade de Governador Valadares, importante centro da emigração brasileira. No período de contato, notadamente, a etnografia tendeu para as periferias, constatada a prática migratória fortemente disseminada entre as classes sociais desfavorecidas, se assim posso dizer, devido às mais diversas situações socioeconômicas dos agentes dos projetos desse tipo. Ademais, as periferias oferecem ao etnógrafo complexos totalizantes, variando suas relações para dentro e para fora em força, direção e intensidade. Por exemplo, os loteamentos novos, ainda que periféricos, não compartilham de um passado espacial no qual foram construídas alianças matrimoniais,

relações de pertencimento e reconhecimento, e mais todas as outras relações sociais que fazem parte dos complexos periféricos mais antigos na região.

Nessas periferias mais antigas, os projetos de migração em sua maioria são pensados e executados por famílias. Esses projetos geralmente separam os membros do núcleo familiar, permitindo colocar o problema da produção do parentesco para as famílias emigrantes valadarenses. Em torno dessas configurações familiares – moldadas por uma intenção geral de constituição de novos núcleos familiares centralizadores de relações sociais e, portanto, aglutinadores de pessoas – qual o significado do envio constante de remessas por entes emigrados? A análise pretende entender como o fluxo constante de dinheiro importa para substituir em alguma medida a própria pessoa ausente.

Ele é um marido bom, manda dinheiro pra mim e pras crianças. Ele mandou esses brinquedos, depositou o dinheiro da compra do terreno, não tenho do que reclamar. Está cumprindo o planejado, é difícil, mas vamos conseguir. (Maria, esposa de emigrante)

Essa citação de entrevista é um discurso reafirmado pela maioria das famílias valadarenses separadas por projetos de emigração. Ao marido emigrado, ou em alguns casos a esposa, corresponde à manutenção do vínculo familiar e do objetivo do projeto de emigração através do envio de remessas de dinheiro durante o tempo em que permanece ausente. A pausa no fluxo de remessas representa que os planos podem ter sido alterados e, nesse caso, a família se desarticula. Aponta também para a conversão das remessas de dinheiro enviadas do exterior em bens de consumo, como os brinquedos ou imóveis no caso do terreno. Guardarei para depois uma reflexão sobre os investimentos imobiliários dos emigrantes. As questões para agora são: O que representam essas remessas? Em quais bens se convertem? Qual a relação desses bens, fruto de remessas, com as dinâmicas de parentesco das famílias valadarenses?

Os constructos culturais ocidentais de parentesco dependem grandemente não apenas da noção biológica, mas também da noção de criação. Deus pai, o padre como pai, Maria como mãe de Deus, e assim por diante, estão intimamente ligados com a paternidade e a maternidade comuns na cultura européia. (SCHNEIDER 1984: 80 apud KUPER 2002).

Para responder a primeira das questões, a remessa opera como um organizador da relação familiar e a sua regularidade ou ausência aparece como um índice de continuidade ou não de uma relação familiar. As relações podem ser fortalecidas ou enfraquecidas com a ausência prolongada causada pela emigração e tudo depende da sua manutenção por outros meios que não o da convivência: a movimentação de remessas de dinheiro aparece como um substituto simbólico para essas relações que definiriam uma família. A sua manutenção ao longo do tempo significa que os planos originais de constituir um futuro núcleo familiar aglutinador estão ainda sendo construídos.

As remessas operam como estruturadores de relações familiares, assumindo uma dimensão não-econômica que não tem sido considerada quando se analisa o seu impacto nas comunidades de origem de grupos imigrantes. Obviamente, as perspectivas economicistas sobre o fenômeno têm uma importante contribuição a dar sobre os processos migratórios. Não é minha intenção debater essa relevância, apenas apontar para outras dimensões também relevantes para o entendimento das remessas de emigrantes²⁰.

Seguindo, demonstrarei em quais tipos de bens essas remessas se convertem. Além dos bens fruto das remessas, presentes que são enviados diretamente também mereceram destaque. A maior incidência de envio de presentes é de produtos de alta tecnologia despachados do exterior, principalmente celulares, vídeo-games e outros

²⁰ Para uma discussão sobre o efeito das remessas em Governador Valadares de um ponto de vista macro-econômico, ver Martes e Soares (2006).

produtos ainda não lançados no Brasil, ou de difícil acesso, em se tratando de populações de baixa renda.



Figura 11 - Videogame presente de pai emigrado

O vídeo-game do modelo PlayStation foi enviado ao Brasil por um entrevistado que ficou por três anos em Portugal. A figura reflete bem o que buscamos sobre os produtos enviados à família, ou comprados com o dinheiro que é ganho durante o projeto de migração. O primeiro fato que nos chamou a atenção foi a cor do produto, que não era então comercializado no Brasil dessa forma (somente na cor preta), o que já sugere uma diferenciação entre os objetos. Ainda, a bandeira de Portugal é evidenciada através de um adesivo colado na parte superior do aparelho. No adesivo, aparece a inscrição: “Se amas, vota”. Toda essa ilustração nos sugere que o objeto reafirma os laços entre o ente que não é mais observado como presença física no âmbito familiar, e sim por esse tipo de ligação: enviando presentes à família que sugeriram uma continuidade dos laços afetivos e ainda dêem conta de aproximar a família que permanece no Brasil com a sociedade para qual o pai emigrou.

As remessas assumem uma conotação claramente diversa de um interesse econômico. O bem é uma espécie de “educador à distância” e aquilo que deveria ser construído na presença dos pais (a educação dos filhos), vem sendo construído com objetos enquanto mediadores das práticas. *Lucas*, filho de emigrado, montou um computador que foi presente dado pelo pai que mora em Portugal. O computador substituiu o pai não em sua presença, mas no seu papel de educador. O fluxo de dinheiro

aqui também significa uma reordenação das formas de constituir as subjetividades das crianças: sem a completude do casal, objetos “entram em ação” para auxiliar a recompor a completude da relação. Tudo isso reforça o argumento de significação dos bens materiais e das remessas de dinheiro, que são como operadores do reconhecimento à instituição familiar.



Figura 12 - Computador de *Lucas*

Temos o exemplo de uma geladeira que foi comprada com o dinheiro que *Adriel* enviava de Portugal para sua família – esposa e um casal de filhos – que permaneceu no Brasil. Aqui, a conversão das remessas de dinheiro enviadas de fora funcionou de forma a dar condições materiais para a casa (habitação). Além de empregar o dinheiro em eletrodomésticos indispensáveis à vida em família, a esposa comandou a derrubada do *barraco* e gerenciamento da obra, desde o alicerce e até a pintura da casa que, depois da volta do marido, seria acabada com a construção de outro piso superior, onde estarão os três quartos privativos.

Como *Adriel* havia voltado recentemente de Portugal, a obra estava ainda na fase de assentamento dos tijolos, serviço executado por ele mesmo que aprendeu a *trabalhar com massa e tijolos* quando em solo português. Nesse contexto, as remessas

transformadas em bens de consumo assumem o papel de condição material para a existência da casa (habitação). Assim, os bens indispensáveis para o ambiente doméstico, adquiridos a partir das remessas enviadas, dão subsídio para a família se reconhecer enquanto tal. A *presença* desses bens em torno da esposa indicava a intensidade dos laços familiares e a *tangibilidade* do marido ausente (Machado, 2011).



Figura 13 - Celulares enviados ao Brasil

Os celulares representam também todo o processo de migração ao qual esse entrevistado se submeteu em acordo com sua família. O presente para a esposa é uma forma de suprir a ausência, uma vez que não são mais constatados os contatos físicos e imediatos. Ora, o bem em questão é obviamente um comunicador, indicando mais uma vez um objeto que opera como um mecanismo de recomposição da completude do casal, sempre ameaçada pelo processo migratório.

No caso de *Maicon* e *Jordana*, casal que emigrou para os Estados Unidos a fim de construir uma casa, o projeto de migração teve de ser interrompido antes do tempo previsto, por motivo de doença que a mulher desenvolveu. Mesmo assim, o casal comprou e mobiliou a casa que agora abrigará sua família (ainda não têm filhos). A esposa conta que não fosse a opção do casal em trabalhar ilegalmente fora do país, teria

sido impossível comprar a casa, eletrodomésticos (que, no momento do trabalho de campo, estavam chegando por navio, diretamente da *América*) e uma moto, tudo o que estava no plano inicial do casal. Da mesma forma que no caso anterior, o projeto de migração garante a casa (habitação), os componentes indispensáveis para que nela se habite e, dessa forma, o reconhecimento da família enquanto instituição.

Em outro caso, *Rosa Maria* conta que deixou filho e marido no Brasil para ganhar o dinheiro necessário para mobiliar a casa, garantir a educação do filho e comprar um carro. Só possíveis, segundo ela, através do uso do dinheiro fruto do projeto. Este, fornece o meio necessário para que a família se constitua como instituição autônoma e legítima nos bairros periféricos de Governador Valadares.

Os dados indicam que, em Valadares, seria na materialização das remessas de dinheiro enviadas do exterior que a família se reconheceria enquanto instituição, promovendo um sentimento de pertença entre seus membros. Nas entrevistas realizadas em pesquisa de campo, é recorrente o discurso que revela que o dinheiro e, principalmente, os presentes enviados diretamente do exterior têm a função de suprir a ausência do ente. Não se trata da própria relação, mas o dinheiro enviado parece ter a função de dar continuidade a laços que são rompidos a partir do momento que não mais se constata a presença física do membro da família, ou seja, é somente pelo envio de remessas de dinheiro, que conseqüentemente são materializados em bens de consumo, que a unidade familiar é assegurada e o sentimento de pertença à instituição é aflorado.

Pudemos confirmar que o movimento de remessas se transforma em bens que assumem outros significados, apontando para a materialização das relações cotidianas, em relação às famílias envolvidas nos processos de migração. Esses processos são internalizados como meio pelo qual a família consegue, perante a comunidade, se legitimar enquanto tal e, perante seus membros, realçar o pertencimento à instituição familiar mesmo quando as relações cotidianas são remodeladas por motivo da ausência de um membro de seu núcleo. É, então, através dos bens que são resultado do projeto de migração, pensado e desenvolvido pela família, que esta expõe o sucesso daquele, se reconhecendo e sendo reconhecida, na e pela comunidade.

As remessas mantêm os membros da família em relação, criam satisfações e obrigações. Essas remessas, bem como os bens de consumo enviados do exterior ou convertidos em, das mesmas remessas, operam como dádivas no sentido maussiano e tem sua explicação através do princípio da reciprocidade.²¹

As sociedades progrediram na medida em que elas mesmas, seus subgrupos e seus indivíduos, souberam estabilizar suas relações, dar, receber e, enfim, retribuir. Para começar, foi preciso inicialmente depor as lanças. Só então se conseguiu trocar os bens e as pessoas, não mais apenas de clãs a clãs, mas de tribos a tribos, de nações a nações e - sobretudo - de indivíduos a indivíduos. Só então as pessoas souberam criar e satisfazer interesses mútuos, e, finalmente, defendê-los sem precisar recorrer às armas. Foi assim que o clã, a tribo, os povos souberam - e é assim que amanhã, em nosso mundo dito civilizado, as classes e as nações e também os indivíduos deverão saber - se opor sem se massacrar, dando-se uns aos outros sem se sacrificar (Mauss, [1925]2003:313)

Mauss considera que nas sociedades mais simples a dádiva tenha maior força, porém, em sociedades como as nossas a dádiva sobrevive nas tradições e é englobada pelas trocas mercantis. Há sempre um campo de significação onde o motor da vida social é justamente estar em relação (Yamaue, 2011). Do meu ponto de vista, a noção de dádiva explica bem o movimento de remessas e bens entre as famílias emigrantes valadarenses.

Durante a pesquisa, também identifiquei outras configurações culturais entre a população de baixa renda. Essas configurações tratam da importância dada à constituição de novos núcleos familiares independentes. Cada nova unidade pretende-se centralizadora das relações sociais nas quais o casal participa. A nova unidade seria uma

²¹ Para outras momentos da dádiva entre a população emigrante de Governador Valadares ver Yamaue (2011)

forma de conquistar para si o lugar central de núcleo de uma série de relações das quais o novo casal participava de forma subordinada. Para conquistar essa autonomia “relacional”, o índice principal é a posse de uma casa própria, na qual o convívio seria centralizado.

Quando a emigração para o Estados Unidos atingiu seu ponto máximo na cidade, entre meados das décadas de oitenta e noventa, a procura por terrenos e imóveis na cidade foi intensa. A valorização dos lotes e por conseguinte de toda cadeia da construção civil foi conseqüência direta desse fenômeno. A contradição desse processo é que durante a ausência de um ou de ambos os membros, a casa, nas quais as suas relações vinham sendo ou seriam construídas, resulta incompleta: um marido ausente significa a ausência da produção cotidiana do parentesco. Contra essa incompletude paira o risco constante de rompimento das relações.

Esse risco não é novidade, nem inconsciente: todos que se arriscam na aventura migratória têm plena consciência desse perigo. Todos sabem que as relações serão colocadas em risco, por fofocas que emanam da comunidade ou comportamento estranho à vida familiar (traição conjugal de ambos os lados, diminuição da frequência ou valor das remessas, formas exageradas de consumo, etc.). Isso apenas atesta o valor que a casa própria, como um lugar de reconstrução de centralidades nas relações, tem para os sujeitos.

Nosso primeiro objetivo, como a maioria do pessoal que vai [emigra], foi construir a casa. As outras coisas vieram depois, conforme as coisas foram melhorando. (Cristina, esposa de emigrante retornado)

Um dado interessante que destaca a importância da casa é que parte considerável das pessoas que concluem o projeto de migração retorna e constrói suas casas nos

mesmos bairros que viveram até o momento de sair do país.²² Retornam para as periferias, assumindo orientação empreendedora e *status* aumentado.

Assim, as casas que são construídas com o dinheiro da migração, quando essa foi bem sucedida, destoam da maioria das casas do mesmo bairro. Temos, na periferia, um contraste entre casas enormes – sobrados com até mais de um andar além do piso térreo, e barracos de lata ou casas de extrema simplicidade. Assim, a casa toma outro sentido: é através dela, pelas construções destoantes, que o ex-emigrante expõe para sua comunidade o sucesso da aventura fora do país. Além disso, representa a continuidade da família, depois do período desgastante que consiste na ausência de um dos membros principais dessa instituição.



Figura 14 - Casa de emigrante em construção

O valor de uso não pode ser compreendido especificamente ao nível de “necessidades” e “desejos” – precisamente porque os homens não produzem simplesmente “habitação” ou “abrigo”: eles produzem

²² Isso não significa que o impacto imobiliário da emigração se faça sentir apenas nos bairros de periferia (ver Soares 1995, para uma discussão abrangente sobre o tema).

unidades de tipos definidos, como uma cabana de camponês ou o castelo de um nobre. Essa determinação de valores de uso, um tipo específico de construção como um tipo específico de lar, representa um processo contínuo de vida social na qual os homens reciprocamente definem os objetos em termos de si mesmos e definem-se em termos de objeto. (SAHLINS 2003 [1976]: 169).

Por outro lado, as casas também simbolizam o fracasso do projeto familiar, petrificado no grande número de obras paradas e abandonadas, fenômeno visível na periferia da cidade. Tratam-se de casas que por vezes são abandonadas ainda no alicerce ou, por outras, já no acabamento. É comum a imagem de obras inacabadas espalhadas por toda a cidade, com estruturas já danificadas pelo tempo que se encontravam paradas. Essas casas representam os projetos de migração que não deram certo, em contraposição com as belas casas que são construídas nos bairros pobres que revelam o sucesso do projeto. As ruínas de casas em construção são evidências de interrupções de fluxos de remessas, de fluxos de parentesco, portanto. Essa interrupção indica a desorganização daqueles planos iniciais de construção de casas, expondo arquitetonicamente a dificuldade em centralizar relações.



Figura 15 - Obra parada em Governador Valadares

Vimos, então, que a circulação do dinheiro aparece como meio pelo qual as famílias envolvidas nos processos de migração atendem a uma exigência de legitimação dentro a comunidade ao mesmo tempo em que constroem o sentimento de pertença perante seus membros. A necessidade de uma unidade centralizadora impulsiona os fluxos migratórios que, contraditoriamente, separam os membros do núcleo familiar. As estratégias familiares para suportar o momento desgastante referente à ausência, na maioria dos casos, de pai ou marido, estão intimamente ligadas às remessas de dinheiro enviadas diretamente do exterior.

Concentrarei, então, as atenções nos estudos de casa, amparado pela motivação de criação de novas centralidades evidenciada pela via da etnografia. Como a casa (habitação), as remessas e os bens articulam noções de reconhecimento e pertencimento, sistema classificatório local; porém, a casa não pode ser entendida apenas por sua imobilidade dentro desse sistema. Ela povoa outros imaginários e sua função de mobilidade parece tão cara quanto o preço dos terrenos e lotes em Governador Valadares. Sendo do interesse desse trabalho, reafirmo o movimento inflacionário que o mercado imobiliário valadarense experimentou nas décadas de oitenta e noventa (Soares, 1995), *dolarizado* pelos imigrantes que queriam construir casas. Dessa forma, a sociologia local também parece ter se dado conta do fenômeno, ainda que por uma análise macroeconômica que não é de nenhuma maneira irrelevante mas, ao contrário, embasa minha intenção.



Figura 16 - Casa de emigrante

Dos movimentos de remessas que reordenam o parentesco local, é possível notar uma motivação para centralizar relações, bem como a centralidade da figura do emigrante em relação à sua comunidade de origem, ambas expostas principalmente pela residência na nova casa, no mesmo bairro, no momento do retorno. Esse último aspecto permeará todo o restante do texto. Porém, antes de propor outro deslocamento para contemplar a significação da casa por outras vias, cabe destacar algumas reflexões sobre a casa no que se refere aos estudos de parentesco.

Casa e Parentesco

Na questão da organização social, Levi-Strauss mostra que a casa é uma estrutura semi-complexa do parentesco, permitindo conciliar forças que só operariam por exclusão uma da outra. É a dialética entre filiação e residência, dessas orientações contraditórias, que ela consegue resolver (Lévi-Strauss, 1981). Dessa dualidade, sugere o autor, passa-se a outra: a dos naturais e os de fora. À sua maneira, a casa organiza esses debates.

Casa, diferente de família, não coincide com a linhagem agnática, que às vezes é até destituída de base biológica e consiste numa herança material e espiritual que compreende a dignidade, as origens, o parentesco, os nomes e os símbolos, a posição, o poder e a riqueza (LÉVI-STRAUSS 1999:22)

Autores contemporâneos como Carsten e Hugh-Jones (1995) têm partido das idéias de Lévi-Strauss, levando estas considerações ao que chamam de revigoreamento dos estudos de parentesco. No que se refere a Carsten (2004), vemos que o interesse

recai não sobre a idéia da casa como organização social, mas sobre a casa como um universo de construção das relações mais fundamentais da vida de pessoas. Ao reelaborar uma análise sobre a *casa*, Carsten recorre a noções como *corpo, pessoa, gênero e substância*, além do *parentesco*. Analisar essas dimensões da vivência na casa é observar outras “relações de parentesco”, que não são consangüíneas segundo concepções ocidentais, mas são construídas através da moradia em comum. Habitar com outros insere os sujeitos em sistemas de trocas que *relacionam e/ou* criam parentes.

Sugiro que a densidade qualitativa de experiências nas casas que habitamos leva muitas pessoas ao redor do mundo, incluindo os malaios com quem eu vivia na ilha de Langkawi, a afirmar que o parentesco é feito em casas através da partilha íntima de espaços, alimentos, e naturalização do que se passa dentro do espaço doméstico. E porque ser 'feito' é geralmente contrário de ser "dado", as casas são bons lugares para começar a examinar esse tema. (CARSTEN 2004:35, tradução do autor).

Essas reflexões têm relação com a obra de Schneider: A casa aparece como a produtora do parentesco, visto como conjunto de relações, livres do “império do código” *versus* o “império da natureza”, na concepção do autor (Schneider, 1968) ²³. Ele mesmo foi quem destacou a distinção entre os domínios da natureza e da lei, ou entre substância e código, nos estudos de parentesco. Ora, apresentei antes novas formas de relações de parentesco com base nos movimentos de remessas do exterior.

Continuar nessa abordagem conduziria as pesquisas etnográficas em Valadares por caminhos demasiado individualizados, talvez resultado de uma aproximação pré-estabelecida entre pesquisador e objeto de estudo, a fim de apresentar códigos internos da vida familiar que por certo dialogariam com o que considero um problema mais geral

²³ Note-se que esta perspectiva de Carsten é muito influenciada pela crítica de Schneider de 1984, em livro que ele pouco cita Lévi-Strauss. E quando cita é para tratá-lo como um funcionalista, em consonâncias a críticas que ele conduziu em 1974, junto com James Boon (Schneider e Bonn 1974). Autores mais cuidadosos com o trabalho de Lévi-Strauss poderiam argumentar que a teoria da aliança só pode ser sobre a fabricação do parentesco, em oposição ao parentesco como um dado *a priori*.

na cidade: a *perspectiva da movimentação*. No entanto, o sentimento em relação às casas valadarenses ainda carecia de maior reflexão, de forma que os as teorias e desdobramentos do parentesco já apontam para o potencial do tema.

Debruçar-me, como adiantado na introdução, sobre o papel das famílias conjugais em Governador Valadares traria problemas como uma rígida tipificação das famílias migrantes, irreal de um ponto de vista etnográfico dadas as mais diferentes estratégias familiares para pensar e lidar com o projeto. Além disso, a inserção que estes estudos exigem ficou além da minha capacidade como pesquisador, uma vez que uma aproximação mais íntima com certas famílias seria necessária para entender os códigos com os quais essas respectivas famílias estão em relação. Se tomasse como intenção, poucas famílias poderia me aproximar com alguma profundidade e essas exigências aos poucos desmotivaram o meu envolvimento em pesquisas desse tipo.²⁴

De nenhum modo desconsidero o ganho que os estudos de família em Governador Valadares representariam para um pleno entendimento dos processos, antes se trata de estratégia de pesquisa e elaboração do recorte, mediados pelas situações etnográficas. Se me é permitido antecipar algumas reflexões, a proposta refere-se a um deslocamento. Como adiantado desde a introdução, este trabalho não é monografia de grupo fechado e isolado. Do movimento de remessas, passaremos para uma expressão dos grupos de emigrantes que tiveram seus projetos permeados pelo retorno. Essa expressão está no planejamento e construção da casa, esforços muitas vezes realizados pelos próprios emigrantes.

Seguindo o argumento de Carsten, tratarei da idéia de movimento naturalizada no habitar a nova residência, através de uma etnografia das casas dos emigrantes. A significação das casas dos emigrantes salta aos olhos de todos, e essa opção é resultado do impacto que as construções emigrantes exercem em um cenário de periferia, na paisagem urbana periférica, mas essas reflexões são tema do próximo capítulo. A

²⁴ Nada mais adequado ao nosso contexto etnográfico do que a metáfora de Levi-Strauss: "Famílias na sociedade, pode dizer-se, como pausas na viagem, que são ao mesmo tempo a sua condição e a sua negação" (Lévi-Strauss, 1986).

principal motivação dessa pesquisa é reconhecer os efeitos desse contraste visual para a produção de *feixes de identidade*.

Através das bens e presentes, operando como *dádivas*, demonstrei como a família emigrante valadarense se organiza em torno do movimento de remessas de dinheiro para produzir relações de parentesco que estão temporariamente afetadas por projetos de emigração. A significação dessa movimentação de remessas é uma *linha de significado* que está apontada para o modelo dos movimentos que propus através da reflexão sobre o feijão tropeiro. Ela se entrelaça com outras linhas produzindo *feixes* que, como na análise da geografia e da história reunidas posteriormente na figura do feijão tropeiro, apontam para a *perspectiva de movimentação*.

Para chegar em questões que podem ser classificadas como de *perspectivas*, por todos os aspectos da movimentação que sugere a etnografia, é intenção vincular espaços e movimentos pela via da casa, imóvel. Seguindo pelo caminho que vai de dentro para fora, naturalmente no decorrer do argumento espera-se que essa idéia de mobilidade possa efetuar a passagem de famílias para grupos, de grupos para territórios e de territórios para sistemas, que na forma de construção do texto aparecem não tão aleatoriamente: nos capítulos I e II, de fora para dentro, nos capítulos III e IV, de dentro para fora.

Movimentando-se teoricamente

Depois de todos esses apontamentos, finalmente chegamos ao recorte proposto. O interesse, a partir dessa parte, recairá sobre as construções das casas dos migrantes da década de oitenta e noventa, sua disposição espacial, quando inaugurado o intenso movimento de remessas. Espero com isso apresentar a impressão de um pensamento imigrante no espaço físico da cidade. Essas casas, em sua maioria, foram construídas nos mesmos bairros onde o agente de projetos de migração nasceu e viveu antes da

empreitada. Portanto na vizinhança, comunidade para onde retorna desfrutando muitas vezes de certo *status* e elevado padrão de consumo.

Por esta via, da *vizinhança*, Luis T. de Aragão se lança em uma reflexão sobre o *local*. Ainda que na forma de esboço, o autor tenta apreender o local em sua totalidade, seguindo a interdependência de elementos do parentesco separados²⁵, tentando entender a influência da *localidade* ou *residência* para os estudos do tipo. É nesse sentido que:

designa a importância primordial do fato “local” (...) uma forma de interdependência sistêmica entre relações locais de vizinhança, relações de parentesco e princípios de transmissão de bens fundiários ou simbólico – aquilo que chamo de “fato local”, podendo desdobrar-se, eventualmente, no domínio da aliança de casamento, por exemplo, no encadeamento de alianças – fenômeno que totaliza, de maneira perceptível, dois dos traços já citados (relações de vizinhança e relações de parentesco) (ARAGÃO 1982:90)

assistimos a uma profunda e contínua interação entre parentesco e vizinhança, ou “localidade”, ambos introjetados pelos sujeitos como partes indissociáveis de um sistema, em grande medida, regulador das trocas materiais e simbólicas que têm lugar no interior de um território. (ARAGÃO 1982:90/91)

Mesmo assim, insistir nessa visão nos faria chegar à conclusão que a relação entre espacialidade e parentesco participa de um processo de reprodução social específico, cuja codificação e manipulação simbólica são privilégios de uma dada população; não pretendo *parar* por aí. Ademais, optei por não delimitar a pesquisa a nenhum bairro, conjunto de bairros ou porção territorial específica, devido à visível diferença das casas erguidas com dinheiro estrangeiro em grande parte dos bairros. Teria a meu favor, ainda, o já citado crescimento do mercado imobiliário em toda área

²⁵ filiação, residência, herança, sucessão, casamento.

habitada. Mesmo renunciando a recortes por esta via, a perspectiva dos bairros é parte importante desse trabalho.

Também não propus recortar a pesquisa por classe social, ainda que partindo da periferia, das partes mais carentes. Isto, primeiro por perceber a escancarada questão migratória em toda cidade, depois, por não habitem nas casas estudadas somente imigrantes emergentes economicamente a partir de seu retorno e, por último, por acreditar que algumas características dessas construções ecoam em novas habitações, ainda que erguidas agora por construtoras. Esse novo deslocamento efetuado pela pesquisa, o de não restringir seu alcance a poucos bairros ou classes, transforma todo o território habitado em objeto de estudo, o que, por sua vez, traria outro problema metodológico - dar conta de uma população de quase 300 mil habitantes - que acredito estar resolvido através da delimitação das casas de grupos emigrantes de determinada época como principal recorte.

A antiga tendência para migrar, a transumância atual, e o desejo de reparar as perdas de gado através de saques contra os Dinka aumentam a importância das unidades políticas maiores do que as aldeias, por que estas não podem manter com facilidade um isolamento auto-suficiente, e permitem-nos discutir o sistema político principalmente enquanto conjunto de relações estruturais entre segmentos territoriais maiores. (EVANS-PRITCHARD [1961] 2008:106)

Para entender melhor a questão da residência, antes de vinculá-la ao parentesco ou à reprodução da sociedade, é preciso autonomizar o tema e esgotá-lo em suas possibilidades analíticas. Reitero, aqui, a intenção de aproximar a análise da casa valadarense ao conceito definido por Lévi-Strauss. Dessa forma, analisar sociedades por casas, em determinadas situações etnográficas, sugere que na casa esta contido, se não totalmente, parte de um código sociológico ou sociopolítico regional. A casa, para o autor, se trata de uma

pessoa moral detentora de um domínio, que se perpetua pela transmissão de seu nome, de sua fortuna e de seus títulos em linha real ou fictícia, considerada como legítima somente na linguagem do parentesco ou da aliança e, na maioria dos casos, das duas linhas em conjunto (LÉVI-STRAUSS 1986: 186).

Pela definição de Lévi-Strauss, a casa seria uma pessoa moral, conceito parecido com a noção de pessoa jurídica da constituição brasileira: Pessoa na Constituição Federal pode ser vista de duas maneiras, a pessoa física e a pessoa jurídica. Pessoa física que corresponde ao ente humano, e Pessoa Jurídica ao agrupamento de humanos dotado de vida própria. Soma-se então os apontamentos do autor para uma desvalorização do idioma do parentesco e fortalecimento das esferas política e econômica observáveis na vida doméstica (dentro da casa). Também a transmissão de seu nome, de sua fortuna e de seus títulos, ao que insisto, nos remete aos aspectos da mobilidade simbólica e social do imóvel, estando sua construção sujeita à transformações dessa lógica.

O caso nos bairros pobres de Valadares, de onde saem os migrantes na sua maioria, é semelhante ao de Java e Bornéu, analisados por Levi-Strauss (1986) pela centralidade do casal na estruturação das relações de parentesco, mas o antagonismo que a composição de novas casas implica é ainda mais acentuado, pois não há a vontade de “continuar” algumas das famílias originais. Esse aspecto, entretanto, não significa falta de continuidade das casas, apenas em hierarquização sucessiva e contínua entre casas. Um mesmo conjunto de pessoas que se ligam por parentesco convive com várias casas com níveis distintos de capacidade de aglomerar relações e pessoas. Trata-se, por assim dizer, de uma segmentação rápida²⁶(Machado & Stabelini, 2011).

O retorno para a comunidade de origem, mediado pela construção da casa, garante ao ex-emigrante ascensão de prestígio e toda reconfiguração de espacialidades, dialética do espaço, no habitar a nova residência. Por estar vinculada à criação de novas centralidades familiares, parte de um jogo combinatório, é legítima na linguagem do

²⁶ Esse argumento foi sugerido por Marcos Lanna.

parentesco e da aliança. Partindo de sua construção, de seu aspecto físico, essa legitimação só poderia vir da própria comunidade.

Não são todos os ex-emigrantes que se restabelecem no mesmo bairro que viveram anteriormente. Constatei que existe por vezes uma troca entre bairros. Essa troca não é generalizada, indicando que não é em qualquer bairro que o emigrante retornado pretende habitar. A periferia imediatamente vizinha é uma opção recorrente; dificilmente o agente leva sua família para morar em bairros que são identificados com camadas sociais mais privilegiadas.

No entanto, de um ponto de vista processual mais abrangente, é notório que o ex-emigrante, uma vez consolidado seu status e seu crescimento econômico individual, tende a deixar o bairro de origem, sendo essa etapa mais uma para total reconhecimento de sua orientação empreendedora. A medida em que recortamos a casa, e as casas como construções físicas, o que precede sua construção são idéias sobre o espaço a ser habitado que, somente quando habitado, estará apto a fornecer os códigos sociais que tem por motivação disseminar.

Voltando aos desdobramentos da noção levistraussiana de casa, Carsten e Hugh-Jones (1995) mostram que esta deve ser expandida: Mais que estruturante de uma ordem social, a arquitetura e decoração das casas atuam na elaboração simbólica de identidades (perspectivas) e hierarquias.

Waterson, Gibson, McKinnon and Hugh-Jones tem focado na maneira que a casa pode agir como um veículo para naturalização de diferenças - tanto através da elaboração arquitetural das casas de grupos privilegiados e quanto através da expressão de diferenças hierárquicas baseadas em membros de casas classificadas em uma linguagem de parentesco, como Lévi-Strauss sugere. (CARSTEN & HUGH-JONES 1995:11, tradução do autor)

Adiante:

As observações feitas por Hugh-Jones e McKinnon ambas mostram que as características internas da casa, como a divisão do espaço muitas vezes servem como veículos para a elaboração simbólica de sistemas de hierarquia que pode espelhar ou transformar os representados pela casa como um todo (.. .) ao mesmo tempo, a elaboração decorativa da fachada externa da casa, por vezes, levar a proporções extremas, pode servir como um sinal de identidade dos habitantes, riqueza e poder ... (CARSTEN & HUGH-JONES 1995:12, tradução do autor)

Seja como um idioma complexo do grupo social, como constituinte de um plano simbólico em construção ou, ainda, atuando na naturalização das hierarquias, o papel da casa não pode estar separado da noção de construção da pessoa. Dessa forma, apreendendo

Algumas das características físicas de casas e vinculando-as ao papel das casas, como os corpos, entram em jogo como símbolos de grupos sociais, prescrevendo fronteiras e hierarquias a dando-as uma aura de naturalidade. (CARSTEN & HUGH-JONES 1995:21, tradução do autor)

Na intenção de incrementar esses desdobramentos e apontamentos, sugiro, como Smith (2000), que os espaços estão em constante relação tanto com as sociedades que o habitam quanto com os outros espaços que juntos formam uma escala global. Dessa forma, não é apenas a história de povoamento da região, apresentada e discutida no capítulo I, que interessa ao estudo etnográfico da cidade de Governador Valadares. Se tratasse dessa maneira, estaria fazendo um movimento comum às perspectivas historicistas da ciência no século XX, a aniquilação do espaço pelo tempo (Marx & Engels, 2002). Diferente disso, esse trabalho pretende dar voz aos espaços: das formas arquitetônicas da casa até as características regional do relevo e do clima, estas últimas também já expostas no capítulo I.

Na teoria social "ocidental" de todo o século XX, a subordinação do espaço pelo tempo significou que a diferença espacial foi ignorada ou tratada como trivial: ela penetrava na teoria social somente na medida em que se podiam ver diferentes processos sociais em lugares diferentes. Da mesma forma, o espaço per se (em oposição aos eventos sociais que aconteciam "no" espaço ou "através" do espaço) era tratado como auto-evidente, não problemático e sem necessidade de teorização. Os geógrafos, de quem se esperaria que desenvolvessem uma linguagem da diferenciação espacial, estavam de fato preocupados com as questões espaciais e de forma alguma inclinados a desconsiderar o espaço - mas, apesar disso, alimentavam uma reticência desastrosa em relação à teoria em geral e uma relutância completa em ver a escala geográfica como socialmente construída.(SMITH 2000:139)

Smith propõe uma separação entre espaço material e espaço metafórico, na intenção de explorar o potencial do último. Continua: "não pretendo estabelecer nenhum dualismo simples nem estou tentando descartar alguma forma de metáfora (...) Em vez disso, penso ser necessário articular as conexões entre as duas concepções do espaço a fim de entender as fontes e o potencial do poder metafórico"(Smith, 2000). Seguirei o autor quando argumenta que o material e o metafórico estão mutuamente relacionados e não há fronteira clara entre os dois. As metáforas aumentam nossa compreensão do espaço material, da mesma forma que nossas práticas espaciais e concepções do espaço material são matéria-prima fecunda para metáforas (Smith, 2000).

O espaço metafórico pode ser entendido não por sua estaticidade, mas ao contrário, por sua fecundidade, seu caráter dialético e seu aspecto de doador de vida. Diferentes sociedades, levando em consideração sua constituição por fenômenos históricos, devem guardar relações diferentes com os espaços que habitam, e o mesmo se espera dos espaços habitados em relação a essas sociedades. Portanto, não podemos *deixar de levar em conta os valores semânticos que tais relacionamentos espaciais adquirem em determinadas situações etnológicas e sociológicas.* (ECO, 1968:235)

Perspectivas de construção e habitação

Tim Ingold, em seu livro *The perception of the environment* que, inspirado pela *biologia do desenvolvimento* e pela *fenomenologia* de Heidegger e Merleau-Ponty, nos revela que é por ser habitado e não através de sua assimilação para uma especificação formal que o mundo torna-se um ambiente significativo para as pessoas. Diferente de animais como o castor, exemplo do autor, que até onde sabemos constrói seu “alojamento” sempre da mesma maneira, para os seres humanos as habitações são de tipos diferentes e, apesar de certas formas de casa persistir por longos períodos, há prova inequívoca de que essas formas também sofreram mudança histórica significativa.

Seres humanos não constroem o mundo por um modo único e certo sobre o que eles já são, mas por suas próprias concepções das possibilidades de existir. E essas possibilidades são limitadas somente pelo poder da imaginação. (INGOLD 2000:177, tradução do autor)

A planta de uma casa, mesmo anterior a sua construção, contém toda a relação espacial pensada e proposta pelo seu futuro morador ou pelo construtor terceirizado que atenderá a seus interesses. No próprio planejamento do ambiente da casa estaria uma codificação espacial complexa, apreendida por completo somente na ação de habitar. Esta é a essência da *perspectiva de construção*: os mundos são pensados e feitos antes de serem vividos. Pensar o espaço é vislumbrar as possibilidades deste. O ato de habitar é posterior ao ato de pensar e construir o mundo. Nesse sentido, Ingold revela que a partir do planejamento e construção da primeira cabana, o nascimento da arquitetura, o Homem marca um ponto decisivo. A *perspectiva de habitação* é esse ponto no qual a humanidade tomou a rota para a cultura e para a civilização.

Construir [o mundo], então, é um processo que é feito continuamente, enquanto as pessoas habitam em um ambiente. Ele não começa aqui, com um plano pré-definido, e terminar lá, com um artefato acabado. A "forma final", é um momento fugaz na vida de qualquer recurso criativo, quando é associado a um propósito humano, igualmente cortados do fluxo de atividade intencional. Como o filósofo Alfred North Whitehead observou uma vez, "a partir do momento do nascimento, estamos imersos na ação, que só pode guiá-lo irregularmente, tomando pensamento" (1938: 217). E isto aplica-se, com igual força, para "tomar pensamento sobre a construção", a característica definitiva da atitude de arquitetura. Podemos de fato descrever as formas em nosso ambiente como exemplos de arquitetura, mas a maior parte de nós não somos arquitetos. Pois é o próprio processo de habitação que nós construímos. (INGOLD 2000:188, tradução do autor)

Com o argumento de Ingold, fecho os referenciais teóricos que parecem, agora, surgir de orientações filosóficas distintas: a fenomenologia e o estruturalismo. No entanto, na construção desse texto, nota-se um diálogo intenso entre as proposições de Hugh-Jones sobre uma ampliação da noção levistraussiana de casa e as *perspectivas de construção e habitação* do "Perception of Environment". Também nota-se alguma ressonância entre as visões de Ingold (2010) e Sahlins (1996) sobre as habitações humanas.

Longe de pretender hibridismos teóricos, procurei partir de um trabalho etnográfico sobre as dinâmicas familiares para mostrar a relevância da casa (habitação) nesse contexto. Constatada a necessidade de construção da casa que pauta os projetos de migração, abordei algumas concepções antropológicas da casa, da idéia de casa, e direcionei essas interpretações para o desenvolvimento de uma antropologia do espaço, com base em seu potencial metafórico. A problemática da categoria família, a produção do parentesco, mesmo merecedora de nossa atenção, foi deixada à margem apesar de tratar nesse trabalho principalmente de projetos de emigração pensados e executados

por famílias. Acredito que essas opções serão pertinentes para o desenvolvimento de uma pesquisa interessada no conhecimento acumulado de populações humanas através de processos sociais experimentados coletivamente.

Capítulo IV: Casa emigrante, perspectivas e metáforas espaciais

Trata-se mesmo de uma contradição estudar a mobilidade valadarense por meio dos imóveis? Em Governador Valadares, não. Toda a produção antropológica sobre a cidade e região, limitada ao universo do LEM/UFSCar, que mantém esse ambiente etnográfico em seu escopo de pesquisa, se não trata das casas com a intensidade esperada, ao menos tangencia o problema deixando evidente que se trata de um aspecto relevante para todos²⁷. Mesmo a dura sociologia econômica local, embasada por gráficos e números, parece ter alguma sensibilidade em relação a essa questão²⁸. Siqueira (2006) chega bem perto da idéia principal desse trabalho:

A aquisição de bens tem também um lugar simbólico no retorno, por isso vemos em Governador Valadares e em outras cidades da região, a construção de casa de padrão muito elevado em bairros de periferia altamente desvalorizados. O emigrante poderia comprar um lote e construir uma casa em um bairro mais valorizado, mas construir naquele bairro, naquela rua, tem todo um significado de mobilidade social. (SIQUEIRA, 2006:36)

Casas do auge dos movimentos

Discuti anteriormente uma autonomização dos estudos de residência efetuando um movimento que vai das reflexões atuais sobre o parentesco produzido dentro da casa

²⁷ Ver, por exemplo, as dissertações de Yamaie (2011) e Almeida (2011), sobre Governador Valadares e Gonzaga, respectivamente. Ver também as monografias de Guerreiro (2010) e Mazer (2011), sobre Governador Valadares.

²⁸ Ver trabalhos de Weber Soares (1999) e Sueli Siqueira (2006)

até a noção de espaço metafórico e perspectivas de construção e habitação. Não pretendo desvincular nem parcialmente a casa do parentesco. Porém, minha abordagem tende para um sentido: de dentro para fora. Tratarei adiante de um olhar de dentro do bairro, ou melhor, de alguns bairros. Assim, como já foram abordados aspectos das dinâmicas familiares, proponho agora um estudo do aspecto físico característico de algumas residências.

Por se tratarem de construções vinculadas a grupos imigrantes na cidade, e também a determinada época, são evidências de um processo que se desenrola na história. São gravuras com as quais podemos pinçar estruturas de um saber produzido pela experiência de determinadas sociedades. Em Governador Valadares, são impressões de uma *perspectiva* local já contida a alternância de perspectiva comum à população que emigrou para retornar. Espera-se que reúna, portanto, significados que estarão na intersecção entre um código sociológico e outro geográfico, então, sociopolítico. Reforço a contribuição principal esperada desse trabalho como sendo a mensagem transmitida pelas metáforas espaciais primeiramente da habitação e outras já citadas, do espaço físico da cidade e da região, em relação ao processo de povoamento da cidade e, conseqüentemente, ao horizonte do capitalismo.

As características das construções analisadas não são exclusivas da população da cidade. Essas casas são muito comuns por todo leste de Minas Gerais, oeste do Espírito Santo e do Rio de Janeiro e aparecem também por muitos outros lugares do Brasil. Portanto, escampam de uma rígida tipificação habitacional do grupo estudado. Podem ser encaradas como casas de periferia, mas que em Governador Valadares ganham certo requinte, apesar da estrutura e divisão entre os espaços geralmente serem mantidas. Outras formas de construção aparecerão como transformações desse estilo, pautadas por outros períodos históricos e por projetos não tão bem sucedidos quanto os que deram a base material para a construção das primeiras. Resumindo, partirei das construções periféricas que, na época do auge da migração para os Estados Unidos quando o retorno monetário era mais garantido e concentrado, transformaram a paisagem urbana dos bairros pobres da cidade.

Na montagem do argumento, sugeri o deslocamento do ambiente familiar para uma perspectiva do bairro:

(...) mas quem vai e retorna com dinheiro, ele é um pioneiro na família, ele é um pioneiro na rua, ele é um pioneiro no bairro, ele investe no bairro, ele muda a casa, e em Valadares isso é muito típico, em qualquer bairro que você anda, mesmo sendo bairro de uma classe social menos favorecida, você percebe nitidamente quem tem parentes nos Estados Unidos, você percebe pelo muro, você percebe pela reforma da casa, então você percebe isso, o vizinho que foi e o vizinho que não foi, você percebe nitidamente (...) (Professora de história sobre imigrantes valadarenses, apud Yamaue 2011)

O que mais impressiona em se tratando de paisagem urbana periférica é mesmo o contraste entre casas grandes, que para os padrões de consumo da comunidade chegam a ostentar certo luxo, e pequenos casebres, às vezes sem a mínima estrutura, logo no meio lote vizinho. Muitas vezes, cores vivas na parede tratam de destacar ainda mais o imóvel. Deparei-me com essa vista já nos primeiros momentos da pesquisa, quando passeava pelos bairros na companhia de algum conhecido local. Os informantes sempre insistiram em mostrar as casas dos imigrantes quando de alguma maneira desvendavam o interesse geral da pesquisa: a questão migratória da cidade. Dessa forma, em pelo menos três bairros da cidade eu sabia quem eram os donos da maioria das casas mais imponentes. Todas tinham relação direta com os fluxos migratórios na medida em que foram construídas com dinheiro enviado de fora do país. Muitos emigrantes escolhiam o mesmo bairro de origem para se instalar com sua família na volta ao Brasil. Essa relação já foi discutida anteriormente através de noções de pertencimento e reconhecimento da família enquanto instituição. A partir de agora, darei detalhes do aspecto físico dessas residências.

As casas dos emigrantes construídas entre as décadas de oitenta e noventa guardam certo padrão arquitetônico. Em primeiro lugar, são construções que crescem

para cima, conhecidas popularmente como sobrados. O potencial metafórico da escada no interior da casa é relevante na medida em que esta *liga dois espaços separados por um piso*²⁹; a escada representa uma idéia de mobilidade entre dois planos distintos. Percebi que essa opção (sobrado) independe do tamanho do terreno. A metragem de um lote em Governador Valadares geralmente acompanha uma regularidade nacional urbana com, em média, trezentos metros quadrados. Mesmo em lotes bem maiores esse estilo impera.



Figura 17 - Casa de emigrante

Há uma visível preferência pelos lotes de esquina, pois no andar de cima tem-se aumentado *o ângulo de visão*. Um muro com não mais que três metros de altura separa a casa da calçada e da rua e, se de esquina, é regra ter duas entradas, uma para cada lado. A própria disposição espacial exige uma entrada principal, com portão grande, garagem coberta e acesso direto ao interior da residência. Nota-se também uma porta acoplada ao portão ou ao muro em ambas as entradas. Segundo alguns moradores, apesar de não ser a principal, a outra entrada, dos fundos, é a mais usada. Isso porque relacionam a entrada principal com atividades como o *trabalho*, que exige o deslocamento com o carro duas vezes por dia, *na ida e na volta*, e com comemorações familiares e *recepção de amigos ou parentes* de fora do bairro ou da cidade. A entrada dos fundos, por sua vez, está relacionada aos afazeres domésticos e à circulação no

²⁹ Durante toda essa parte estarão destacadas em *itálico*, no corpo do texto, associações feitas tanto por moradores das residências estudadas, como outras pessoas ligadas a eles pela vizinhança e, ainda, profissionais da construção civil valadarense.

bairro, como *ir à padaria ou ao mercado*. Também é nessa entrada que muitos moradores se acomodam à calçada para *ver o movimento e bater-papo* com seus vizinhos e conhecidos locais.

Quando você volta parece que você não tem como ficar parado, ficar parado em Valdares é ruim, *eim*. Mas depois de um tempo que você se restabelece já vem todo mundo, parente, amigo, até gente que você só ouviu falar, pra você ajudar, e eu ajudei muita gente. E você tem que dar conta daquilo tudo, senão te chamam de pão-duro. Você constrói a casa, e é legal ter esse espaço grande bem aqui onde você não tinha nada, mas você pensa que não muda, muda muito, mudam as cobranças, aumenta a responsabilidade. Teve um tempo que eu dava festa toda semana no terraço, se não dava o povo cobrava, você acredita? A gente não é acostumado a isso, né, mesmo aqui dentro, você percebe que muda muita coisa quando você tem uma casa dessas, que é bonita e você pode caminhar por dentro dela, subir e descer de um piso pra outro, muda o jeito que você é e como as pessoas te tratam, é uma coisa incrível. (João, emigrante retornado)



Figura 18 - Casa de emigrante

Vistas de fora são construções imponentes que valorizam o terraço. Esse espaço é multifuncional, usado para desde a secagem de roupas lavadas até churrascos e reuniões informais. De dentro, muitos terraços são eles próprios áreas de serviço completas, contendo tanque, máquina de lavar, varal, pia, banheiro, etc. Outros, têm mesa e churrasqueira de alvenaria. Na cidade, como não há muito vento, a secagem de roupas no terraço é praxe, garantindo maior rapidez no processo, o que, por sua vez, *deixa a roupa mais cheirosa*. O telhado pode ser madeiramento (estrutura de madeira) coberto com telha de barro ou estrutura metálica com telhas de fibrocimento, conhecidas pelos nomes de empresas privadas que as produzem, como Eternit e Brasilit. A opção de estrutura metálica é mais barata e esta economia pode representar *dois terços do custo do telhado*. Esse estilo que conta com o terraço no último piso da casa *lembra os churrascos de laje*, caricatura das periferias do Brasil. Em Governador Valadares, o terraço se tornou popular com a opção da telha de fibrocimento, que *barateava a obra e ampliava o espaço habitável*. Mesmo gastando mais com o madeiramento, o emigrante construtor dessa época não abre mão do espaço do terraço.

Neste sábado, combinamos um peixe frito para o fim da tarde. Juca sai e volta em um instante trazendo duas marmitas grandes, uma de arroz, outra de feijão tropeiro. Quirino, pedreiro de 78 anos já aposentado mas ainda trabalhando, toca a campainha com uma sacola na mão onde estavam quatro exemplares limpos de *akará* de bom tamanho, pescados pela manhã, como prometido na noite anterior. Enquanto Zé ticava os peixes e os passava na farinha, abrimos a cerveja que era minha responsabilidade. Quirino não quis beber, já havia chegado em alto grau alcoólico e trazia uma garrafinha de plástico de cachaça da roça pela metade, ficou a bicá-la. Zé pergunta a Quirino quanto tempo ele precisa pra terminar o telhado de sua casa em Itambacuri. Diz em seguida, virando o olhar para minha direção, que o salário é melhor em Valadares porém quando terminar a construção da casa vai retornar para sua cidade. Quirino é muito experiente e carrega fama de ótimo pedreiro, apesar da idade. Explica que está trabalhando em três obras diferentes e que dificilmente poderia ajudar pelos próximos dois meses. Zé revela que, pelo custo elevado da documentação da obra, pode optar por fazer o telhado de *Eternit*, com um terraço acima da laje superior. Quirino

concorda: "Claro, é mais barato e você fica com aquele espaço lá em cima.", diz sorrindo. Juca retruca: "Apesar de mais caro o imóvel tem outro valor com uma estrutura de telhado em madeira e telha. Na hora de vender, hum!". Quirino concorda. Zé diz que não vai vender a casa, e que em outro momento faria o telhado. (trecho do diário de campo)

Este trecho está contido no diário de campo de pesquisa, realizada em 2009. Narra uma *resenha* entre três pedreiros e este pesquisador, sendo que dois deles moravam comigo na obra em construção, encomendada por um emigrante de identidade para mim não revelada. Os dois pedreiros que moravam na obra são naturais de Itambacuri, município vizinho. A jornada desses profissionais é parecida com a dos emigrantes valadarenses, mas em menor escala, tanto geográfica quanto econômica. Falam do terraço acima da casa, como espaço que não *se pode perder* independente do custo da obra.

Esses terraços representam uma idéia de periferia, a possibilidade de fazer coisas distintas no mesmo espaço, desde lavar e estender a roupa até churrascos e festas, que o construtor faz questão de manter. A maioria das residências construídas na época com dinheiro estrangeiro compartilha do terraço como *um lugar privilegiado da casa*. A presença do terraço, assim como o contraste entre as construções periféricas, remete diretamente às proposições anteriores, de mobilidade social e centralidade do emigrante retornado em relação à comunidade ou bairro de origem.

Mencionei na introdução que, devido às características de Governador Valadares, as categorias como o pedaço na análise de Magnani (2002), que representam o terceiro termo de uma oposição entre casa e rua Matta (1997), fariam pouco sentido para poder pensar a cidade muito por conta de sua recente concentração populacional. No entanto, os terraços se mostram como *pedaços* em menor escala. Há sempre um acesso direto ao terraço pela área pública da casa. Na lógica periférica valadarense é comum haver *festa no terraço*.

Das casas que fazem parte do recorte espaço-temporal proposto, em se tratando de sua recorrência pela cidade, duas variações do mesmo estilo podem ser observadas. São as casas com dois ou três andares, o mais acima sempre reservado para o terraço (ver foto). Nas habitações de dois pavimentos, os quartos privativos estão no mesmo piso de todo o resto da casa, com exceção ao terraço que toma inteira sua parte superior. Em muitas dessas construções, se habitadas por seus moradores originais, muitos desses relataram a intenção de *construir outro piso para dividir melhor o espaço*, e que ainda não foi possível a construção devido a *impedimentos financeiros*, entre outros motivos. Posso esboçar a divisão entre os pavimentos desse estilo de construção, marcando em legenda suas variações mais recorrentes pela cidade:

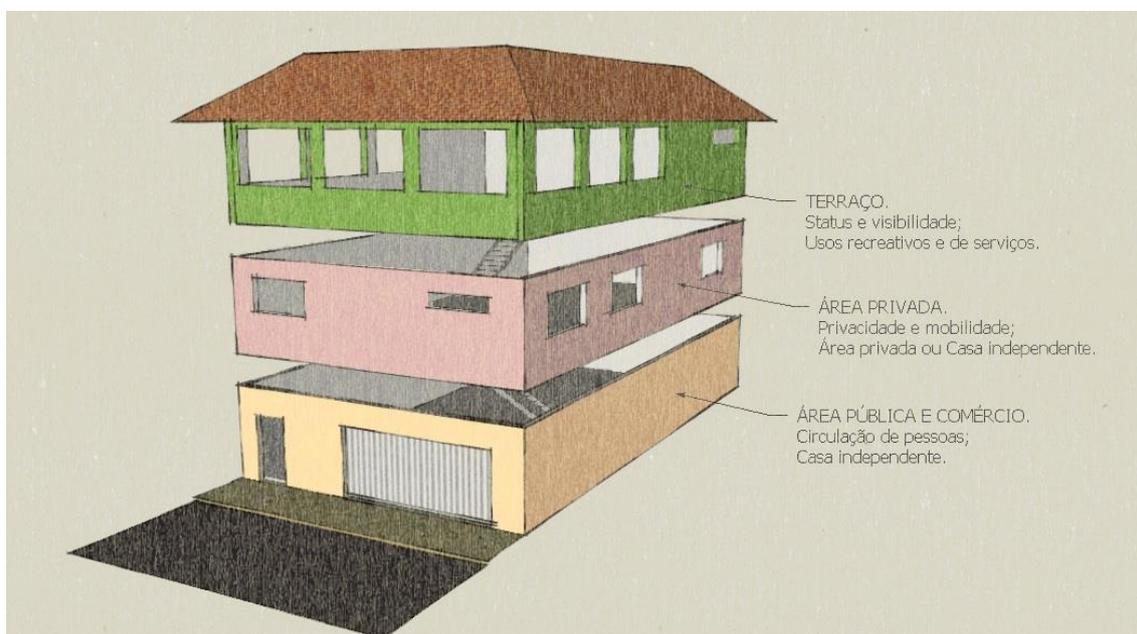


Figura 19 - Perspectiva de casa emigrante em Governador Valadares³⁰

Nas de três pavimentos, os quartos estão na parte do meio junto com uma sala também privativa, separando esses ambientes da área pública da casa; esta, por sua vez, no piso térreo. Mesmo assim, esse estilo continua variando bastante seguindo o tamanho do lote. Por exemplo, muitos emigrantes do período mais rentável da migração para os Estados Unidos construíram casas ainda maiores, com até quatro pavimentos, no desejo

³⁰ Desenho de Lucas Caritá, arquiteto e amigo.

de abrigar amigos e parentes, no momento *de ajudar quem precisa*. Quando isso acontece, cada pavimento é uma casa completa, com área pública e espaços privados. Voltemos à citação da professora de história: "mas quem vai e retorna com dinheiro, ele é um pioneiro na família, ele é um pioneiro na rua, ele é um pioneiro no bairro, ele investe no bairro". Justamente por adquirir esse *status* resultado do sucesso do projeto de migração exposto através da casa que o emigrante retornado se torna uma figura centralizadora no bairro, assim que volta ao Brasil.

Tive oportunidade de residir por duas semana numa casa como essas: um sobrado de três pavimentos sendo o último reservado para o terraço. Os outros dois pisos são casas completas e o terraço é privilégio do piso superior, já que o acesso do térreo foi fechado. Uma entrada comum que, dentro da área construída, se divide em duas. Para a esquerda, leva para a casa de baixo e, seguindo em frente, para uma escada, único e exclusivo acesso para a de cima. A casa fica no bairro Universitário e pertence a Seu Eustáquio, emigrante retornado no início da década de noventa. Apesar de possuir muitas propriedades na cidade, o senhor de idade já avançada mora no piso térreo dessa residência, a terceira pensada e construída por ele, alugando toda a parte de cima para uma república de estudantes da Univale. Antes, a parte de cima estava destinada a seu filho, com esposa e filha pequena, mas como o filho estava fazendo dez anos em território estrangeiro, optou por alugar o espaço.

Por dentro, as duas casas, de cima (república) e de baixo (Seu Eustáquio), são idênticas e bem espaçosas. Os quartos privativos são grandes, separados por uma parede e um corredor da sala ampla, em dois ambientes. A cozinha também é separada e se liga com a lavanderia e com o terraço, se na de cima, ou ao quintal, se na de baixo. Todos os cômodos têm um tamanho confortável. Muitas residências desse tipo são encontradas na periferia valadarense: mais de um núcleo familiar habita a mesma construção. Essa variação é uma exaltação da centralidade do emigrante retornado perante a comunidade, mesmo que em outro bairro.

A gente morava num barraco quando fui pros Estados Unidos, aí conseguimos construir. Minha *velha* que ficou de olho na obra, lá no Santa Rita; eu não queria sair de lá. Era uma igualzinha essa, mas só com

dois andares. Era bem melhor, eu ficava no terraço, fazia resenha, aqui eu não fico, também porque está alugado. Eu via todo mundo do bairro passando ali embaixo, e as pessoas me tratavam com respeito. O bairro que a gente nasce é muito importante. Construí essa daqui pra morar junto com meu filho, fiz um agrado pra *velha*. Paguei uma fortuna no lote, aqui é grande. Ela é muito apegada na nossa netinha. Hoje, que não estou mais lá, fico pensando nas pessoas, queria voltar, apesar de muitos já terem se mudado e uns até morrido. É, não sei, voltar seria ruim também. O que dá medo é a violência desses bairros. Minhas costas não agüentam mais subir e descer escadas também. Então é melhor, fico só aqui embaixo. (Eustáquio: emigrante retornado)

Sem dúvida, a valorização da amplitude espacial é uma oposição à *bagunça* do barraco, *que não divide o espaço de cada um nem o de todos*. Na periferia, casas como as construções analisadas são privilégio de famílias que ousaram projetos de migração quando no auge do *mito da América*. Na fala dos moradores tem-se como recorrente a exaltação da divisão entre espaços públicos e privados, bem como a circulação proporcionada pela amplitude da casa. Na própria ação de habitar a residência construída, toda a família, antes apertada em apenas um cômodo, adquire uma nova espacialidade que, nesse contexto, remete a noções de mobilidade e de divisão espaço habitado. Essa divisão entre espaços público e privado remete diretamente à oposição entre casa e rua, na antropologia brasileira representada por Roberto da Matta (1997).

Antes de residir nessa casa, Seu Eustáquio e sua família moraram no bairro São Paulo, também periferia, quase que imediata ao bairro Santa Rita no qual nascera. Segundo ele, a casa segue o mesmo estilo das outras, mas em um terreno menor. O exemplo desse emigrante é observado por toda a cidade: *Valadarenses que retornam e investem na construção civil como estratégia para aumentar o patrimônio econômico*. Quando o projeto é bem sucedido (e como tratamos da fase mais vigorosa dos movimentos para os Estados Unidos a maioria foi), o emigrante *retorna com dinheiro*

suficiente para a manutenção da família em território brasileiro e, dessa forma, se torna uma figura centralizadora tanto para seus parentes como para amigos e vizinhos.

Por outro lado, é notório que também a maioria desses emigrantes retornados tenha, em algum momento, saído do bairro de origem. Não é que não sinta mais o pertencimento de antes, ao contrário, é uma exigência para que continue desfrutando de seu *status* resultado do sucesso do projeto de migração. É cobrado do emigrante retornado que continue em movimento. Acredito que essa exigência possa ser composta também pelas metáforas espaciais da nova habitação.

Aqui tudo era rua de terra, mato, não tinha calçada e eu construí esse casão. Estava precisando, com eu e ela e as três crianças dividindo um cômodo era ruim. A menina queria um quarto pra ela, está certo. Então fui pra América, naquela época valia a pena, muita gente ficou rica, eu queria mesmo construir a casa e comprar o caminhão, eu fiquei satisfeito quando consegui. Minha esposa queria a casa assim, e eu gosto, é muito espaçosa, ela diz que não tem o cheiro de fritura nos quartos porque estão no outro piso, aqui embaixo a casa está sempre aberta, tem um tanto de gente que passa por aqui, lá pra cima é só nossa e quando tem festa a gente faz no terraço, eu fiz uma churrasqueira lá, ficou legal. Todo mundo tava fazendo casa assim nessa época. Agora, eu estou fazendo outra, lá no Santo Agostinho, aqui virou uma *mesmisse* e como meus filhos já estão trabalhando fora eu vou com ela pra lá. (Synval: ex emigrante, trecho do diário de campo)

A partir do relato dos emigrantes das décadas de oitenta e noventa, percebemos a valorização da amplitude espacial e da separação, mais delimitada, entre público e privado constituintes das construções dessa época. As metáforas espaciais da divisão espacial e das escadas são constituintes dessa interpretação. Ainda, ao que insisto, há uma exigência de alteração de perspectiva representada tanto pelo projeto migratório em si, quanto no habitar o novo espaço. Também pela saída dos emigrantes dos bairros,

para a manutenção de seu status e como resposta àquelas novas configurações espaciais com as quais lida ao retornar ao Brasil. No que se refere à comunidade, a valorização desse estilo de residência remete diretamente a outra, dos projetos de imigração como meio pelo qual o agente consegue ser reconhecido e ver aumentado o seu poder econômico. Podemos, dessa forma, vincular a construção das casas desse período com a construção da pessoa emigrante em Governador Valadares.

Há outra variação que chama atenção. São casas do mesmo estilo sobre o qual vinha me debruçando, mas contam com ponto comercial no piso térreo. Em via de regra, o emigrante dessa época retorna com dinheiro suficiente não só para a construção de uma casa, mas também para as estratégias de manutenção da família nela instalada, como o *caminhão* ou o próprio comércio. Destaco que os pontos comerciais dessas casas abrigam lojas especializadas, como de materiais de construção, agropecuárias, padarias, ferragens, oficinas mecânicas, dentre os mais recorrentes.

Normalmente, é a família que *toca* o empreendimento, pluralizando os significados de habitar no imóvel. A valorização da casa, nesse contexto, é ainda maior. São elas próprias, as construções, que garantem o emigrante e sua família no retorno; são *auto-casas*, economicamente significativas, na qual o trabalho na própria residência será a forma pela qual a família se reorganiza. Esse estilo de construção, também nessa variação, nos remete diretamente às reflexões de Lévi-Strauss sobre a desvalorização do idioma do parentesco e valorização das esferas política e econômica no interior da casa.

Então foi por isso, eu fazia questão do ponto comercial, porque uma hora o dinheiro acaba. Esta indo bem, já faz quinze anos que temos a loja. Era pra morar e trabalhar ali, pra ficar mais junto. Estou morando na Vila Isa que é aqui pertinho, meu filho não se dá com o padrasto. Eu deixei aqui tudo pra ele, ele gosta daqui, foi criado aqui, era muito pequeno quando meu marido voltou, ele aprendeu a trabalhar aqui, não precisa ir pra fora. Agora sem o pai dele ele quer ir, quer vender tudo, eu disse que ele tem tudo aqui, tem a esposa e a filha e uma situação confortável, mas não adianta. (Neyde, viúva de emigrante retornado em meados da década de noventa)

Há que se destacar novamente uma troca restrita de moradia entre bairros preferencialmente vizinhos ou com a mesma identificação social. A manutenção do comércio e da casa significa a continuidade física do vínculo com o bairro de origem. O comércio é estratégia para a manutenção da família a partir do retorno do pai, emigrante já falecido. Quando o imigrante retorna, muitas vezes com a casa já construída ou a obra iniciada, é natural que haja um período de conflito que é contornado com ajuda da nova espacialidade. Em muitos casos, na situação imediata à volta do ente, os laços *tendem a ser exaltados* e, mesmo que não possua comércio, um período de *readaptação e reunião com a família que permaneceu à sua espera* é observado. Essas casas com ponto de comércio ajudam nesse período não só através da nova espacialidade adquirida, mas também servem de base material para que o trabalho social da família em conjunto atualize o desejo de manter a centralidade. Nesse caso, fica mais aparente que o plano de migração, desenvolvido e motivado pela centralidade familiar, contém também estratégias para reaproximar seus membros após o período de ausência. Voltemos às casas.

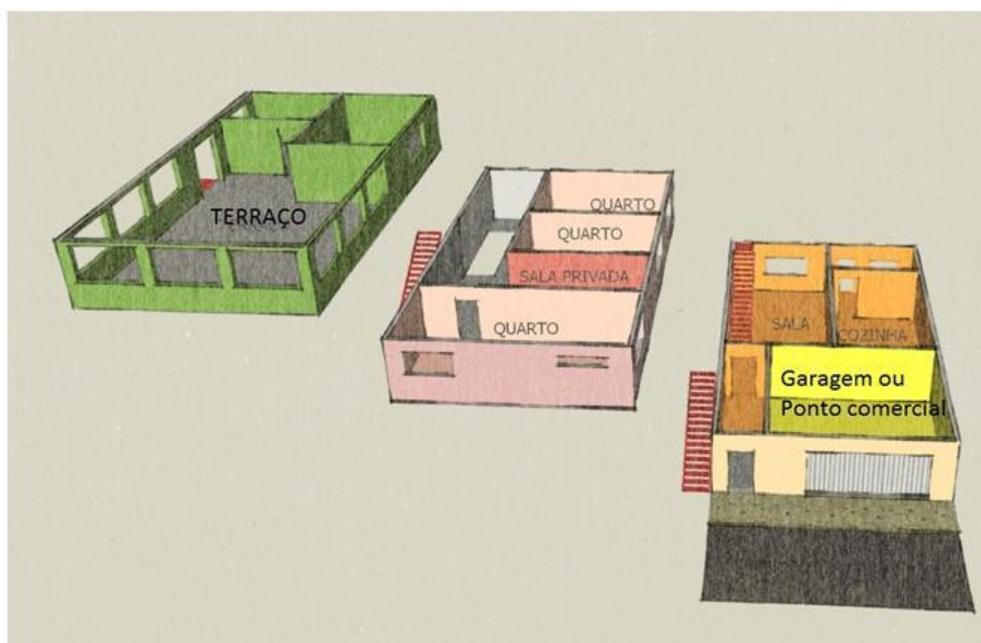


Figura 20 - Esboço das plantas de cada pavimento³¹

³¹ Idem 29.

Esse estilo e suas variações não são unanimidade entre a população emigrante da cidade, mas sua marca na paisagem urbana periférica é visível. Não há como suspeitar que essas construções não fizeram, ou ainda não fazem, parte de um universo que estimula novos projetos de migração. Minha intenção foi demonstrar como a construção e habitação na casa, por suas metáforas espaciais, interferem não só nesse período de readaptação, mas também como articulam noções de reconhecimento da comunidade através do status de centralidade que adquire o recém retornado; como revelam uma exaltação tanto da separação entre público e privado como da amplitude espacial características da forma da habitação. Ainda, o espaço do terraço como dialogando principalmente com o clima da cidade e com uma noção generalizante de periferia. E, mais importante, como todas essas características estão vinculadas a uma ampliação de perspectiva, bem representada pela metáfora da escada, que por si exige a separação mais rígida entre os espaços citados.

Fica claro, então, que a própria habitação contém o ritmo das vidas das famílias emigrantes de Governador Valadares. Agora, abordarei aspectos das novas residências erguidas pela cidade; construídas tanto na periferia, com dinheiro estrangeiro, quanto nos loteamentos novos destinados ao que agora podemos generalizar como uma classe média³² crescente na região. Os próprios emigrantes valadarenses diminuiram em intensidade os investimentos nos bairros de origem.

Espero, com isso, além de ratificar a relevância das metáforas espaciais da habitação, relacioná-las a fluxos diferentes, em destino e direção, daqueles que deram base para que as casas até então analisadas fossem erguidas. Serão construções pautadas por projetos de emigração mais tímidos economicamente, mais atuais no curso do tempo, compostos com não tanto dinheiro quanto os movimentos que datam do auge da emigração valadarenses para os Estados Unidos. Também serão apresentadas habitações erguidas por construtoras, e suas *artimanhas* para lidar com o valor *irreal* dos lotes na cidade.

³² Na medida em que os projetos de migração foram ficando menos rentáveis, muitos emigrantes recém retornados se reconhecem nesse tipo de divisão. No próximo tópico tratarei de relacionar essas habitações "de classe média" com fluxos contrários, isto é, de pessoas e famílias que a cidade tem atraído.

Novos projetos

Enquanto a etnografia realizada tendia para a coleta de dados referente ao período mais vantajoso economicamente dos movimentos valadarenses, novos projetos saltam aos olhos de qualquer pessoa que, passando pela periferia, esteja interessada nas características da cidade em relação aos fenômenos experimentados. Como as abordagens de campo acontecerem entre os anos de 2008 e 2011, não há meio de não se perguntar o que continua alimentando esses novos projetos, uma vez que o período mais rentável é passado com mais de uma década. Se vinha abordando o tema através de uma questão espacial para o emigrante e para a comunidade à qual retorna, nada mais justo do que comparar processualmente as construções valadarenses. Essa questão, de como os fluxos continuam sendo impulsionados, se torna central no trabalho e pretendo discuti-la através das metáforas espaciais. Adianto, no entanto, que os movimentos valadarenses já sofreram inúmeras transformações como a diversificação dos destinos e dos propósitos. Muitos não mais emigram para, principalmente, construir uma casa. Apesar disso, boa parte das famílias da cidade ainda se debruça sobre projetos de emigração-para-o-retorno. Concetrarei-me nesses grupos.

Juca fala de dois de seus irmãos que estão em território estrangeiro e constantemente enviam dinheiro para sua mãe em Itambacuri. Um está em Portugal, o outro na Espanha. Revela que os dois já conseguiram construir suas casas, sendo uma delas em Valadares. Quirino pergunta da casa e ficamos de conhecê-la no domingo. Ficava na Vila do Sol, periferia da cidade. "É longe pra diabo" diz Quirino. Zé retruca se referindo a mim: "O garoto precisa fazer a trabalho dele, não vai ficar aqui parado." Pela descrição de Juca, a casa é parecida com as típicas construções periféricas dos imigrantes: casa com mais de um pavimento com ponto comercial e terraço no último piso. O terreno custou cerca de setenta mil reais no aquecido mercado imobiliário valadarense. Quirino, indignado com o preço dos lotes na cidade, se despede e vai embora. A noite termina com Juca me recomendando um coioote para que eu pudesse

ir para os Estados Unidos a fim trabalhar e juntar dinheiro para construir minha cabana na zona rural valadarense. Pensei por alguns minutos como faria tudo. Subi os seis lances de escadas com alguma dificuldade e caí no sono. (trecho do diário de campo)

Qual a relação das construções dos emigrantes de agora com as dos daquele tempo? Quais suas diferenças marcantes de espacialidade? Em primeiro lugar, reitero que as construções atuais são menos imponentes, menos destoantes em um contexto periférico, o que pode remeter tanto a menor rentabilidade dos novos projetos quanto a outras relações espaciais exigidas, pela família e pela comunidade. Se antes o emigrante retornava para o bairro de origem a fim de buscar o reconhecimento da comunidade a qual pertence, hoje, quando acontece, parece representar economia de tempo de duração ou de dinheiro oriundo do projeto. Os recém retornados, ou em vias de retornar, e sua família, pouco se ocupam da planta da nova residência. Muitos preferem comprar habitações prontas em loteamentos novos da cidade.

O imigrante de antigamente investia errado, fazia aqueles casões nos bairros que não tinham esgoto [canalizado], não tinham luz, não tinham asfalto. O que tinha era um monte de imigrante construindo lá (risos). Depois reclama do valor de venda do imóvel, quem vai querer morar em uma mansão num bairro que não tem segurança nenhuma? Com essas casas o imigrante perdeu dinheiro, na hora da venda não consegue recuperar nem o custo da obra. (Aníbal, dono de construtora)

Na periferia, durante as abordagens etnográficas, acompanhei inúmeros projetos de emigração em andamento cuja intenção era a construção de uma casa que abrigará a centralidade familiar e prole no momento do retorno. Pude acompanhar de perto a construção de algumas residências vinculadas a esses projetos. É importante ressaltar que muitos bairros periféricos dentre os cobertos por essa pesquisa ainda compartilham

de pouca infra-estrutura. Terrenos irregulares, aterrados com lixo, sem sistema integrado de água e esgoto são comuns em boa parte dos bairros. Mesmo assim o preço do lote em toda cidade continua sendo motivo de *indignação* para os envolvidos em construção de casas. Muitos recorrem ao *meio-lote* para construir suas residências.



Figura 21 - Casa de emigrante (projetos novos)³³



Figura 22 - Casa de emigrante (projetos novos)

³³ Foto de Roberta Mazer

Podemos notar a manutenção do estilo sobrado nessas habitações, indispensável por conta da divisão do terreno e conseqüente estreitamento da área útil para a construção. O terraço no piso mais alto também se faz presente na maioria das novas casas, em se tratando de bairros periféricos. No discurso dos moradores, identifiquei as mesmas motivações de divisão entre espaços públicos e privados e de maior mobilidade no interior da residência que foram recorrentes quando analisadas as casas dos emigrantes das décadas de oitenta e noventa. Também foi recorrente nos discursos a valorização do espaço do terraço nesse contexto, remetendo tanto aos serviços domésticos como a secagem de roupas lavadas quanto às resenhas e churrascos que este espaço contempla. Já vimos que o terraço está vinculado à centralidade adquirida do emigrante retornado perante a comunidade periférica.

Aqui tem muita casa bonita, grande, que você pode andar por dentro dela. A minha ficou assim mais simples mas agora meus filhos têm o quarto deles, que estão em cima, subindo a escada. Quando meu marido foi pra Portugal a gente sonhava em construir uma casa bem grande, igual a essas que você vê aqui mesmo no bairro, mas o dinheiro não deu. Mas eu não reclamo, hoje tenho minha casa que cabe todo mundo com conforto que eu não tinha antes. Então valeu a pena sim, o tempo que ele ficou fora. (Josefa: esposa de emigrante retornado recentemente)

Os pontos comerciais acoplados a essas residências mais recentes, ao contrário das lojas especializadas do período anterior, são *vendas* que comercializam uma infinidade de produtos estranhos entre si: desde de pregadores para varal e papel higiênico até roupas e produtos que prometem um emagrecimento com saúde. Esses comércios de bairro estão ligados à atividade de *sacoleiros*, cuja jornada trimestral é subir em um ônibus fretado com destino aos mercados populares do centro da cidade de São Paulo. Análogo ao projeto de emigração, os comércios periféricos desse período representam as estratégias da família para a manutenção de sua centralidade e padrão de

consumo através da mobilidade de um de seus membros. Na maioria dos casos é a esposa, com ajuda do trabalho dos filhos, que cuida o humilde empreendimento, estando o marido retornado trabalhando em outros setores da economia valadarense.

A divisão dos lotes não acontece somente na periferia:

(...)até os próprios bairros que foram surgindo ao longo desse processo de emigração, você tem bairros aqui que são de casas geminadas, que é a expressão da emigração na própria arquitetura, as pessoas compram lotes, dividem e constroem casas geminadas, cada um fica com um pedaço, constroem casas de dois andares, quer dizer, tem toda essa noção, essa percepção do que o dinheiro de fora é capaz de trazer pra cá. (Professora de história, apud Yamaue 2011)

As casas geminadas são *moda* nos loteamentos novos no que tange o ramo da construção civil valadarense. O emigrante, atualmente, representa *dez por cento dos negócios do ramo*. Muitas construtoras estão envolvidas em processos judiciais por não cumprirem as leis de habitação do município.

Os caras fazem até quatro casas no mesmo terreno, não tem meio-fio, não tem onde estacionar. (Aníbal, dono de construtora)



Figura 23 - Casas Geminadas (4 casas)

Obviamente, o aumento no preço dos lotes na cidade tem papel preponderante na opção de dividir o mesmo em duas e até quatro partes. As construtoras lucram sobre a venda das quatro casas construídas em só uma estrutura de alicerce e de telhado.

Residi em duas habitações desses tipos: na primeira, o terreno foi dividido em três partes nas quais estão construídas três sobrados idênticos; na segunda, havia quatro casas completas no espaço de um lote e meio, duas embaixo, com entradas privativas pelas extremidades, e duas no piso superior, cujas entradas que levam à escada de acesso estão no centro do terreno. Duas das quatro casas foram negociadas com Carlos, emigrante recém retornado dos Estados Unidos. Ele diz que vai morar na de baixo, destinando a de cima para seu irmão que *não tem casa própria*.



Figura 24 - Casas Geminadas (2 casas)

Ao sair dos bairros pobres com destino aos loteamentos novos, nota-se um progressivo desaparecimento do terraço nas habitações; em algumas mais luxuosas é mantida uma ampla varanda que relembra o espaço. Porém, as varandas estão ligadas imediatamente ao espaço privado da casa, inacessíveis pela cozinha ou sala social. Esse desaparecimento remete às proposições de antes, do terraço como participando de uma lógica de periferia.

Por outro lado, na aquisição de casas conjuntas, é ratificada a posição de centralizador do emigrante retornado, mesmo que não volte para seu bairro de origem. O contraste entre as cores da fachada também se relaciona de certa maneira às construções mais antigas, que em muitos casos estampavam cores vivas nas paredes. No caso dos sobrados geminados, pode-se notar uma valorização das linhas verticais na fachada (ver figura 24).

Compramos essa casa pra dar tempo de construir a outra que estamos fazendo aqui perto, é bom porque vai ajudar meu irmão que está precisando. Ela é pequena, a outra vai ser maior, vai ter três pisos, os quartos no último, todo avarandado lá em cima. Eu fiquei fora por cinco anos, você se acostuma com as casas de lá que são mais amplas. Essa aqui vou alugar, e como meu irmão investiu metade aqui, vamos rachar o aluguel da casa que sobrar. (Carlos: emigrante retornado)

O investimento na construção civil continua como preferência de muitos emigrantes no momento de seu retorno. Em solo estrangeiro, muitos mercados informais alocam os trabalhadores imigrantes em ocupações do ramo da construção civil. Tivemos, antes, o exemplo de *Adriel* que aprendeu a profissão de pedreiro quando no exterior. Essa situação é muito comum dentre os grupos emigrantes da cidade, e não há como duvidar que a especialidade exigida no momento do retorno remeta às experiências internacionais desses trabalhadores. Por sua vez, os estilos utilizados anteriormente, bem como o aumento no preço do lote, formam as possibilidades com as quais os construtores também tiveram que compor as novas plantas.

Durante minha residência em uma dessas geminadas conheci um casal de emigrantes retornados recentemente a procura de casas na cidade. *Victor e Talita* se aventuram na Espanha em 2005 na busca de *garantir uma melhor qualidade de vida*. Enquanto especulavam sobre a praça valadarense acompanhei muitas de suas andanças pelos loteamentos novos que culminaram na compra de uma casa no bairro Santo Agostinho.

Tem que ser sobrado, de preferência com três andares. Como não temos muito dinheiro, as opções são poucas. Eu quero uma casa grande, com tudo divididinho, cada um com seu canto; e que eu possa me movimentar dentro dela, porque sou eu que vou cuidar dela. O pessoal fala que as escadas fazem mal pra coluna mas lá fora, e aqui em Valadares também, todas as casas legais tem escadas, eu sempre sonhei em ter uma casa com escadas, com vários andares. Eu falei pro Victor que pode ser geminada, agora é tudo assim, mas desde que seja grande, ampla. Não, não quero me sentir apertada numa caixa de fósforos. (Talita: emigrante retornada recentemente)

Mais uma vez é constatada a valorização de uma ampliação espacial no interior das casas. Também a separação dos ambientes públicos e privados é percebida pela fala dessa informante, com a necessidade de planos distintos conectados por escadas. Reitera ainda que a espacialidade adquirida na experiência fora do Brasil compõem as exigências para a nova residência.

Encerro então as citações etnográficas com este exemplo e proponho agora um salto rumo à conclusão deste trabalho. Seguindo o itinerário proposto para os capítulos III e IV, desde as dinâmicas familiares e as relações de parentesco reordenadas, percorremos um caminho que passou pela pelo ato de habitar a residência, para a unidade familiar, e pela valorização das construções imigrantes de determinada época, para a comunidade; ambas vinculadas ao potencial metafórico do espaço e à centralidade do agente retornado. Por essa via, também apresentei algumas construções mais recentes que remetem a novos projetos de emigração ou que, padronizadas e erguidas por construtoras, que dialoguem com as construções antigas não somente pelo aquecimento do mercado imobiliário da cidade e conseqüente divisão do tamanho do lote.

Adianto que as metáforas espaciais das construções antigas remetem a ampliação de perspectiva espacial exigida pelo projeto de migração. Mais a fundo, que estariam relacionadas a uma estimada *perspectiva de movimentação*, reiterada principalmente pela manutenção da escada no interior das habitações e do terraço no complexo periférico da cidade, metáforas da mobilidade física e social do emigrante retornado, e pela reconfiguração da idéia de casa que torna seu espaço cada vez mais separado da esfera pública, representados pelas novas construções.

Conclusão

É tradicional para o autor, ao chegar a conclusão de uma obra, anunciar que agora é hora de desenhar as linhas do argumento juntas. O que eu tenho mostrado através deste livro, no entanto, não é apenas que tais fios desenhados invariavelmente deixem seus fins que, por sua vez, serão atraídos para outros nós com outros desses fios. As linhas são abertas, e é este final-aberto - de vidas, relacionamentos, histórias e processos de pensamentos - que eu queria para comemorar. Espero que, ao fazer isso, deixei dolorosas pontas soltas para os outros a seguirem e a tomarem por todas as maneiras que eles desejam. Longe de procurar encerramento, o meu objetivo tem sido um prêmio de abertura. Podemos ter chegado ao fim do livro, mas isso não significa que chegamos ao fim da linha. Na verdade, a linha, como a vida, não tem fim. Como na vida, o que importa não é o destino final, mas todas as coisas interessantes que ocorrem ao longo do caminho. Onde quer que esteja, há algum lugar mais longe você pode ir. (INGOLD, 2001:169-170. tradução do autor)

Perspectiva de movimentação

Foi apresentada a etnografia das casas valadarenses focalizando os grupos emigrantes a partir do potencial metafórico do espaço. Apesar do ganho conceitual evidente, o uso do espaço metafórico no texto de Smith (2000) se presta a alimentar as noções de poder, tanto geográfico quanto cultural, ou seja, giram em torno de uma constante e eterna disputa de poder. Analisar as práticas migratórias por essas dimensões não faz parte do interesse deste trabalho. Recusando totalizações pretensivas, também o conceito de identidade se mostrou tão inerte quanto inviável para a realização da pesquisa. Descrevi linhas de significado que se cruzam e

entrelaçam, formando feixes e perspectivas (superfícies). Demonstrei a valorização de uma noção de movimentação nessas linhas, bem como dos projetos de emigração, expostos arquitetonicamente nos bairros periféricos.

As tantas citações de nossa abordagem etnográfica, representadas também pelas imagens no decorrer do texto, representam essa idéia de movimento. Os sujeitos envolvidos nesses processos querem compor sua identidade através dessa noção de movimento que também ecoa pela cidade. A valorização da amplitude espacial, redobrada nas escadas que separam o piso; a centralidade do emigrante retornado, as exigências de sua orientação empreendedora; as mansões da periferia, comparadas as novas habitações que dividem os lotes; as novas relações de parentesco representadas pelo movimento de remessas; enfim, as dinâmicas periféricas dos emigrantes bem como o próprio projeto de migração estão apontadas para a *perspectiva de movimentação*. Isto é, são motivados por essa alteração de perspectiva.

Em sua conclusão, Yamaúe comenta:

Vimos que a emigração não é apenas uma opção. Não é apenas uma busca por acúmulo de dinheiro. A imigração pode ser motivada pela busca de aventura, de um reencontro ou mesmo uma fuga, pelo desejo pelo *status* na cidade de origem. (Yamaúe 149-2011)

Através das metáforas espaciais da habitação, concluo que a motivação principal dos projetos de emigração valadarenses se pauta por uma valorização da *perspectiva de movimentação*. Nessa *perspectiva* podem estar contidos os significados possíveis que o projeto contempla: produção de uma nova escala espacial, mobilidade no interior da residência (perspectivas de construção e habitação) e ascensão econômica e política, representadas aqui pelas metáforas da escada e do fluxo de sangue/fluxo de remessas, também pela construção da casa e pela centralidade do emigrante retornado.

Essa é a alteração de perspectiva que o emigrante valadarense busca ao se tornar agente de um projeto como esses. Mais que isso, a *perspectiva de movimentação* quando atrelada aos processos sociais mais abrangentes, nos permite enxergar o território pelo que este nos revela.

Contendo essas e todas as demais proposições que esta etnografia revelou, a *perspectiva de movimentação* foi a forma como pretendi relacionar as metáforas espaciais das casas, *linhas de significado* componentes dessa *perspectiva*, com os processos históricos de exploração do espaço. Para unir história e geografia e destacar alguns aspectos da cidade, como o setor de comércio e serviços, na medida em que, sem dúvida, contribuem para a manutenção dos fluxos valadarenses e, principalmente, por toda exaltação da mobilidade física e social que a etnografia revelou, esbocei um modelo interdisciplinar representado pela recorrência do feijão tropeiro na praça comercial de Governador Valadares. Como vimos, por não ser comida do dia-dia, está fora da casa, do ambiente familiar. Trata-se de um *feixe de identidade* reunindo as *linhas* significativas da história e da geografia. A idéia de mobilidade, que esteve reafirmada por todo o texto, é bem representada pelo feijão tropeiro: movimento de pessoas, entre *locais de pouso* e no curso do tempo. Além disso, é comida para quem está em movimento.

Governador Valadares em movimento

Contrariando a organização desse texto e amparado pelas idéias de Magnani (2002), reafirmo que a meta foi partir de uma *antropologia na cidade* mirando em uma *antropologia da cidade*. Foi intenção também reconhecer e problematizar o papel da história na composição dessa *perspectiva* e dar voz ao território que abrange a cidade. Como não há delimitação territorial para o grupo estudado, a não ser a própria cidade como expoente em um cenário de migração, propus esse deslocamento buscando relacionar as *linhas de significado* expressadas através das metáforas da casa dos

emigrantes retornados com o processo capitalista de exploração do espaço regional, todos atravessados por movimentos.

A definição de casa de Levi-Strauss, a *pessoa moral*, foi inspiração para esse trabalho na medida em que as próprias casas expressaram movimentos em suas metáforas arquitetônicas nos contextos periféricos, onde a prática emigratória é altamente disseminada. Os desdobramentos dessa noção de casa de certa maneira direcionaram a abordagem dos dados. Pretendi acrescentar a esse desenvolvimento a questão do espaço metafórico e as perspectivas ingoldianas; que no meu ponto de vista podem ser lidas também como desdobramentos da *pessoa moral*.

Mesmo oscilando entre várias orientações científicas, esse texto teve o objetivo de contemplar uma pluralidade de significados que a casa assume, desde o seu planejamento, a construção e a disposição espacial interna, até a própria ação de habitá-la. Alguns exemplos etnográficos podem mesmo contradizer a idéia de movimento que nos é cara. No entanto, fazem parte de oscilações ou mesmo de outras *linhas de significado* que estarão apontadas para outras *perspectivas*.

os refugiados de El Salvador ou da Guatemala e os trabalhadores migrantes sem documento de Michoacán, no México, amontoando-se em Tijuana para fazer uma corrida talvez fatal para atravessar a fronteira dos Estados Unidos e ter a chance de uma vida nova. Nesse caso, a experiência do movimento e, na verdade, de uma confusa pluralidade de culturas, é muito diferente. (MASSEY, 181:2000)

Ora, os valadarenses também se acostumaram com essa corrida e outras, para outros destinos. Não é provável que essas populações ou sociedades acumulem um conhecimento através de anos de experiências em processos do tipo? Mais ainda, o planejamento da construção da casa estaria vinculado a uma noção prévia de espaço utilizado, este colocando em relação o espaço habitado da cidade com o do destino do ente emigrado; enquanto a *perspectiva de habitação* na residência se aproximaria da

experiência coletiva a partir de fenômenos datados pela história. Na verdade, pretendi revelar como essas duas lógicas podem ser observadas em correlação, e não colocadas em distinção, através da idéia de movimento.

As populações humanas se caracterizam por produzirem saberes nativos vinculados ao espaço-tempo. Se adquirido através de resultados da experiência de vida, se produto que obedece a uma lógica de transformações, ou ambos, sua especificidade é material com o qual o etnógrafo trabalha. Com base no método que privilegia a apreensão dos dados através da produção da diferença, meu investimento antropológico está na mediação entre os saberes nativos e o reconhecimento destes pela ciência da sociedade.

Portanto, pela observação das dinâmicas familiares e da significação espacial da casa, pela valorização da idéia de movimentos que revelaram, penso que consegui alcançar algumas *estruturas de mais longa duração* que, por sua vez, são características da cidade e da região. Essas características foram expostas neste trabalho através da reflexão sobre o feijão tropeiro, que permitiu juntar os pontos de vista da história e da geografia da cidade com o presente etnográfico, com o que é vivido na cidade e, conseqüentemente, também com a idéia de movimento. Acredito que a orientação da construção do texto, mesmo que no sentido oposto do programa metodológico, facilita para que o leitor aceite essa *carona*. Dessa forma, conseguimos nos mover teoricamente pelo parentesco, passando pelas metáforas espaciais da casa, até a perspectiva de habitação, e etnograficamente desde as dinâmicas familiares até as motivações originais de povoamento da cidade. Em Governador Valadares, *ficar parado* é mesmo o que não se deve fazer.

Bibliografia

- ALMEIDA, Alexandra. Depois de uma tragédia: família e emigração em Gonzaga, MG. Dissertação de mestrado, 2011
- ARAGAO, Luís T. Parentesco e transformação social em sociedades modernas: algumas considerações sobre o modelo francês contemporâneo. Anuário Antropológico, Fortaleza – Rio de Janeiro, 1982.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira & SASAKI, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: Migrações internacionais: contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar Aqui..., Estar Lá...: Uma Cartografia da Emigração Valadarense para os EUA in: SALES e REIS, Cenas de um Brasil Migrante. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.
- CARSTEN, Janet. After kinship. Cambridge: Univ. Press, 2004
- CARSTEN, Janet. Introduction: Cultures of relatedness. In CARSTEN, Janet. (ed.). Culture of Relatedness – New approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. About the house – Levi-Strauss and beyond. Cambridge University, 1995.
- ECO, Umberto. A estrutura ausente. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- EISENSTAD, S. N. 1954. *The Absorption of Immigrants*: Routledge.
- FELDMAN-BIANCO, Bela e CAPINHA, Graça. (org.) 2000. *Identidades. Reconfigurações de Cultura e Política*, São Paulo: Hucitec.
- FONSECA, Claudia. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a transpolinização entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. Ilha 5(2), 2004, pp.5-31.
- FONSECA, Cláudia. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações .*cadernos pagu* (29), julho-dezembro de 2007:9-35.
- FUSCO, Wilson. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: Migrações internacionais. 2001.
- GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In Clifford Geertz. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GUERREIRO, Amanda. Os filhos da migração transnacional. Monografia de conclusão de curso, 2010.
- INGOLD, Tim. Perception of environment. Londres, Taylor & Francis e-Library, 2002.
- INGOLD, Tim. Lines, a brief history. Londres, 2001.
- INGOLD, Tim. Being alive. Routledge, Londres, 2011.
- KUPER, Adam. Cultura, a visão dos antropólogos. Bauru, Edusc, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O olhar distanciado*. Lisboa, Edições 70, 1986.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Pensamento Selvagem. Campinas: Papyrus, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Totemismo hoje. São Paulo, Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Via das Máscaras*. Editorial Presença, Lisboa, 1981.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Origem dos modos a Mesa. *Mitológicas 3* São Paulo, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Rev. brasileira de Ciências Sociais, vol.17, no.49 São Paulo, Junho de 2002
- MACHADO, I.J.R. Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares. In: 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, 11 a 14 de junho, Goiânia (CDROM), 2006.
- MACHADO, Igor José de Renó. Futebol, Clãs e Nação. Dados, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 183-197, 2000.
- MACHADO, Igor José de Reno. Sobre bebês e totemismo. MANA 12(2): 389-412, 2006.
- MACHADO, I. J. R. ; STABELINI, F. . Remessas como relações: reflexões não economicistas sobre a circulação de remessas entre as famílias transnacionais. In: Migrações, coesão social e governação. ICS. Lisboa. 2011.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Trad. Castro e Costa, L. C.. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MATTA, Roberto da. A casa e a rua. RJ: Rocco, 1997.
- MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: O Espaço da Diferença. Org. ARANTES, A. Campinas, 2000.
- MAUSS, Marcel. Antropologia e Sociologia. São Paulo, 1974.
- RIBEIRO, Gustavo L. & FELDMAN-BIANCO, Bela. As contribuições de Eric Wolf. 2003
- SAHLINS, Marshall. Cultura e Razão Prática, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

SCHNEIDER, David. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1984.

SCHNEIDER, D. *American kinship: a cultural account*. New Jersey: Prentice-Hall, 1968

SEYFERTH, Giralda. 2000. "Assimilação dos Imigrantes no Brasil. Inconstâncias de um Conceito Problemático" in *Travessia*, ano XIII, n.36.

SMITH, N. Contornos de uma política especializada: veículo dos sem-teto e produção da escala geográfica. In: *O Espaço da Diferença*. Org. ARANTES, A. Campinas, 2000.

SIQUEIRA, Sueli. *Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares*. Belo Horizonte, 2006. Tese de Doutorado.

SOARES, Weber. *Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, IPPUR, UFRJ, 1995

SOARES, Weber. *Emigração e (i)mobilidade Residencial: Momentos de Ruptura na Reprodução/Continuidade da Segregação Social no Espaço Urbano* Fasc/Rev.: in: *Cenas de Um Brasil Migrante* Páginas: 167-192 1a.. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999, 26p.

STRATHERN, Marilyn. "Entre uma melanesista e uma feminista", *Cadernos Pagu* (8/9), Campinas: UNICAMP, p.7-49, 1997.

WILLEMS, Emilio. 1980. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª. edição.

WIRTH, Louis. 1945. "The Problem of the Minority Groups" in LINTON, Ralph (ed.) *The Science of Man in World Crisis*, New York: Columbia University Press.

WOLF, Eric. 2001, *Pathways of Power: Building an Anthropology of the Modern World*. Berkeley: University of California Press.

YAMAUIE, Thaísa. *Fronteiras da ilegalidade: Migrações não documentadas de Governador Valadares*. Dissertação de Mestrado, 2011.

YANAGISAKO, S & J COLLIER, 1987, "Toward a unified theory of gender and kinship", em Collier & Yanagisako (eds) *Gender and Kinship*. Stanford: Stanford University Press.

YANAGISAKO, S. & C DELANEY, 1995, "Naturalizing power", em Yanagisako & Delaney (eds) *Naturalizing Power*. Londres: Routledge.

BARTH, F. (ed.) 1969. *Ethnic Groups and Boundaries*, London: George Allen & Unwin.